ANO 54.º/18571 2$50

Diário de Lisboa

QUARTA-FEIRA 25 SETEMBRO 1974

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

COMEMORADO COM TRABALHO O DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA GUERRA EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 25 — (Do nosso correspondente) — «Assim como o dia 25 de Setembro de 1964 representou o início de uma nova página da nossa história, o dia de hoje, 25 de Setembro de 1974, deve representar o desencadeamento de um novo combate: o combate pela reconstrução nacional, o combate pelo desenvolvimento do nosso País» — disse o Primeiro Ministro do Governo de transição de Moçambique, Joaquim Chissano, durante a mensagem ao País hoje difundida através do Rádio Clube de Moçambique e publicado em toda a imprensa.

Nessa mensagem que comemora o início da luta armada para independência de Moçambique, Joaquim Chissano destaca o alto significado do dia de hoje e exorta o povo ao trabalho. Depois de afirmar que «o dia 25 de Setembro marca uma data gloriosa da história da Frelimo, da história do povo moçambicano», e que «foi em 25 de Setembro que as forças de libertação nacional iniciaram a luta armada contra o colonialismo, a luta pela independência de Moçambique» Chissano mostra que «decorrido dez anos, a nossa luta conhece uma nova fase: agora com a Frelimo à frente do Governo de Moçambique, com o povo de Moçambique a governar o nosso País, são enormes as tarefas que temos de levar a cabo, no esforço comum pela reconstrução nacional».

E mais adiante:

. «É, pois importante, que o 25 de Setembro de 1974 tenha um significado especial: no trabalho de cada um de nós devemos pôr o melhor da nossa capacidade e do nosso entusiasmo, aumentando a produtividade para que esta data fique a representar a arrancada para a reconstrução de Moçambique.»

. «Durante a luta armada de libertação nacional, a Frelimo sempre comemorou este dia com uma contribuição concreta para o País: nesse dia os militantes esforçavam-se por melhorar as suas tarefas, abriam novas machambas e executavam outros trabalhos que constituiram marcos da nossa determinação e do nosso esforço combativo. Vamos pois neste 25 de Setembro proceder de acordo com esse exemplo da Frelimo, para demonstrar como, através do melhor do nosso esforço, as grandes tarefas parecem pequenas, e até onde pode chegar a nossa capacidade de realização quando trabalhamos para os interesses de Moçambique.»

. A terminar: «Por iso aqui deixo bem claro em nome da Frelimo que o dia 25 de Setembro de 74 deverá ser um dia de trabalho intenso, ordeiro e digno para cada um de nós, para que o povo Moçambicano no seu conjunto, mostre através desta prova, a determinação de todos nós em vencer todas as dificuldades participando na construção de um Moçambique independente, próspero e feliz».

Para além do Joaquim Chissano também o comissário político da Frelimo, Armando Quebuza, dirigiu uma mensagem ao povo de Moçambique comemorando esta data histórica. Entretanto, Samora Machel, que neste dia, nos anos anteriores sempre proferia uma mensagem em qualquer ponto das zonas libertadas, surpreendeu os observadores políticos com o seu silêncio.

Por outro lado, o receio generalizado de que na madrugada que passou a reacção desencadea-se um golpe espectacular não se confirmou. A noite foi calma. As muitas pessoas que deixaram as suas casas para dormirem em locais mais seguros acordaram sem sobressaltos. No entanto, of quarteis contínuam de prevenção rigorosa reiniciada ontem às 21 horas, havendo notícias não confirmadaś ofi-

Sabe-se também que a OPVDC — espécie de Legião Portuguesa de Moçambique e responsável pela destribuição de armas a civis — tem já novo comandante em substituição do coronel Vasconcelos Porto, chamado há dias a Lisboa. O novo comandante tenente coronel Queiróz, é elemento da confiança do MFA e, ao que consta, iniciou já o processo de desarmamento dos elementos da comprometida OPVDC.

Por fim, resta acrescentar que neste 25 de Setembro que ainda pode causar surpresas, o alto comissário Almirante Victor Crespo, conferiu posse do cargo de secretário geral ao comandante Mário de Aguiar durante uma cerimónia realizada esta manhã com a presença do Primeiro-Ministro Chissano e membros do Governo.

Em 25 de Setembro de 1964, a Frelimo desencadeou a luta armada em Cabo Delgado. Hoje é o Dia da Revolução Moçambicana, o dia do poder popular democrático em Moçambique (Textos na pág 9)

Manifesto de trabalhadores da Informação

«Trabalhadores da Informação, atentos às manobras e descarados avanços da reacção fascista e conscientes das suas responsabilidades, manifestam a sua firme determinação em combater por todas as formas aqueles que querem fazer regressar o País ao salazar-caetanismo.

«Vigilantes, os trabalhadores impediram a publicação de um anúncio com que a reacção procurava espalhar a confusão. Vigilantes, continuarão a opor-se, dentro dos locais de trabalho, a todo o tipo de manobras dos fascistas.»

. Apoiaram já este manifesto mais de mil e duzentos trabalhadores dos seguintes órgãos da Informação de Lisboa: «Diário de Lisboa», Alfabeta, «A.N.I.», «A Bola», «A Capital», «Diário de Notícias», «Diário Popular», Emissora Nacional, «Flama», «France Presse», «Jornal do Comércio», «Modas e Bordados», «Motor», «Mundo Desportivo», Rádio Clube Português, Rádio Renascença, Radiotelevisão Portuguesa, «Record», «República», Reuter, «Seara Nova», «O Século», «Século Ilustrado», «Sempre Fixe», «Vida Mundial» e «Tele-Semana».

A recolha de assinaturas continua a fazer-se nos órgãos de Informação da capital e do Porto.

24 PÁGINAS

EM VIEIRA DE LEIRIA

A fábrica de limas arranca de novo

. VIEIRA DE LEIRIA, 25 — Trabalhadores da fábrica de limas da Empresa Duarte Feteira assinaram ontem, nesta localidade, um acordo de fundo com a Administração, pondo assim termo a mais de três meses de greve, que um clamoroso «lock-out» precedera ainda antes do 25 de Abril. Já não será necessário, vender produtos em «stock», ideia que andava no ar para minorar os tremendos problemas económicos com que se debatem centenas de famílias ligadas à empresa.

O acordo, estabeleceu os seguintes pontos:

. «a) — A empresa compromete-se a iniciar imediatamente o pagamento das remunerações de acordo com as disposições em vigor do C.C.T. da indústria metalúrgica (revisão publicada em 15-6-74);

. b) — Mais se compromete a pagar as importâncias referentes às diferenças de remuneração dos meses de Maio e Junho, e 12 dias de Julho, férias, subsídio de férias e subsídio de Natal, nas datas e condições que vierem a ser fixadas pela Comissão de Apoio às P.M.E.;

c) — O trabalho desta Comissão de Apoio ás P.M.E. na Duarte Feteira deverá ser assistido por elementos designados pela Administração e pela Comissão de Trabalhadores;

d) — A empresa aceita pagar 12 dias de greve do mês de Julho, com base nas antigas remunerações, considerando os 28 dias de férias referentes ao mês Agosto;

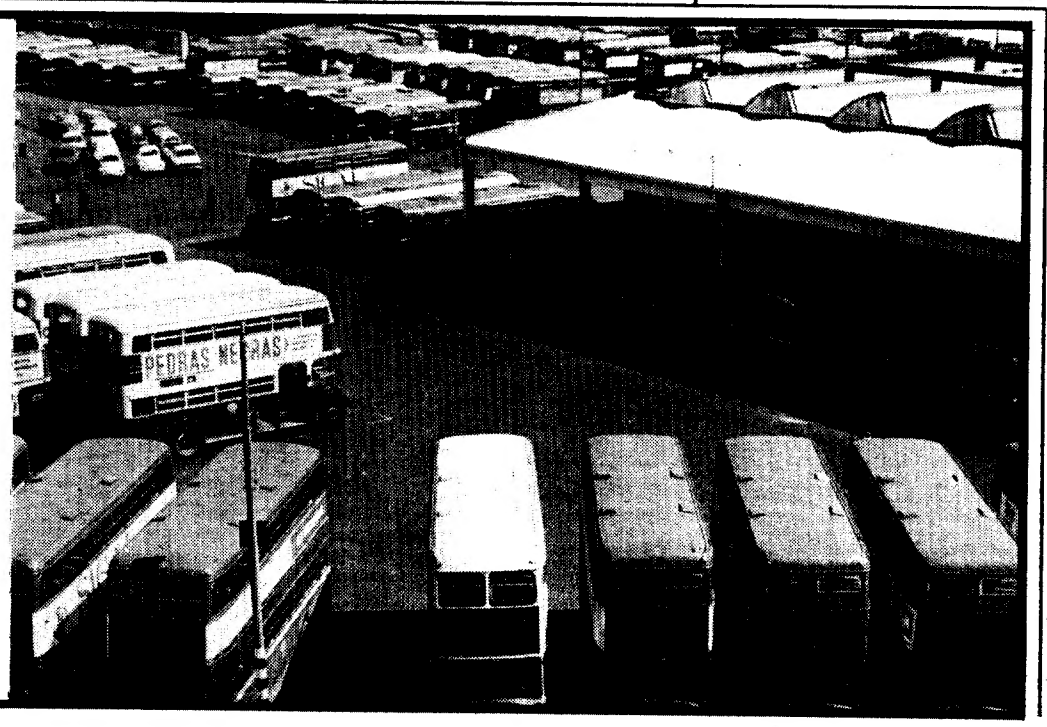
. e) — Os referidos 12 dias de Julho, bem como o trabalho prestado até 30 de Setembro, será pago até 4 de Outubro;

f) — A empresa compromete-se a não efectuar despedimentos sem justa causa; no caso de a Administração entender

Continua na pág. 24

Duzentos autocarros para a Carris

. Dos 537 autocarros da Carris apenas 445 estão em condições de funcionar. Renovar a frota é uma necessidade imperiosa. Mas a resolução dos transportes colectivos não depende unicamente de um maior número de viaturas. É necessário que os autocarros possam andar a velocidade rendável, permitindo ao público deslocar-se rapidamente de um ponto da cidade para o outro. **(Ler na pág. 2)**



Aviso árabe sobre petróleo

. **BEIRUTE, 25 — (U.P.I.-A.N.I.) — O ministro do Petróleo do Koweit, Abdel Rahman Al-Atiki, avisou as principais nações consumidoras de petróleo de que qualquer tentativa para reduzir as suas importações de petróleo afectaria adversamente a sua balança de pagamentos.**

Em declarações publicadas ontem pelo jornal do Koweit «Al Siyassah», Atiki comentando os discursos feitos pelo presidente Ford e pelo secretário de Estado Henry Kissinger, criticando a política de petróleo árabe, afirmou:

. «Aceitamos o pedido de redução de consumo, se for destinado a pôr fim ao uso desnecessário de energia», afirmou Atiki.

«Se este apelo é destinado a diminuir as importações, terá efeitos prejudiciais porque leva a uma redução de produção e da expansão industrial. Isto afectará mais tarde a sua balança de pagamentos», declarou Atiki.

Por outro lado, o xeque Zayed Ben Sultan, presidente dos Emiratos Árabes Unidos, disse aos embaixadores estrangeiros em Abu Dhabi: «Seria injusto discutir os processos de reduzir os preços do petróleo enquanto os preços de outras mercadorias ficarem como estão».

NACIONAL

EDITAR O QUÊ, PARA QUEM (2)

Moraes e Futura queixam-se da falta de papel no mercado

«Tínhamos uma colecção política prevista desde o princípio do ano, mas fomos obrigados a adiá-la por causa da falta de papel» — afirmou-nos Chaves Ferreira, da editorial Futura.

«Temos uma série de livros a sair, mas anda tudo atrasado por causa da falta de papel» — declarou-nos Ramalhete Neves, de Moraes Editores.

Falta, pois, papel no mercado nacional. Planos falham, lançamentos são postergados para datas tardias em relação às escolhidas. Os homens da produção afligem-se, interrogam-se. Ramalhete Neves:

. «Anda por aqui uma manigância qualquer...»

Manigância ou não, a falta de papel, conjugada com o aumento crescente custos de produção, recorta de modo peculiar a conjuntura editorial portuguesa.

São precisamente Ramalhete Neves e Chaves Fereira quem hoje depõe (feita a reserva acima exposta) no nosso breve inquérito.

Maria Velho da Costa

Maria Isabel Barreno

Maria Teresa Horta

POLÍTICA, PSICOLOGIA, PEDAGOGIA

A Moraes lança, até ao fim-de-semana, o seu primeiro título importante da chamada *rentrée:* «Introdução aos Marxismos», de J. B. Fages. Vem de longe a preocupação desta editora pela reflexão e divulgação política, na esteira talvez das posturas de uma ala católica progressista que desempenhou a sua função na crítica ao salazarismo e depois ao caetanismo, duas formas contínuas e contíguas de pensar o mundo à direita.

A Moraes tem vindo a alimentar uma das raras colecções de poesia com penetração: o Círculo de Poesia (e teve o Círculo de Prosa, onde saíram em especial «A Noite e o Riso», de Nuno de Bragança, e «Maina Mendes», de Maria Velho da Costa). Ora bem, a poesia está parada na Moraes. Nenhum projecto próximo, conforme apurámos pela lista de lançamentos. Será uma interrupção episódica? As palavras de Ramalhete Neves apontam para isso, e não nos custa nada fazer fé nelas, tanto mais que a editora não deixou, ao longo dos últimos dez meses, de propor algumas recolhas poéticas interessantes, indo de Jorge de Sena e Ruy Belo aos brasileiros Carlos Nejar, Armindo Trevisan e José Santiago Naud.

Lançará, sim, «A Agressão», de Konrad Lorenz, e, assim que o papel aparecer em quantidade suficiente, novos títulos da colecção Psicologia e Pedagogia: «Psicoterapia e Consulta Psicológica», de Carl Rogers, «O Sucesso Escolar», de Jeanne Burniaux, e «A Criança Disléxica», de Anne-Marie Fichot.

Dentro de uma linha diferente de consumo, a Moraes comprou os direitos da colecção suíça «Signes du Zodiaque», basicamente constituída por pequenos trechos poéticos agrupáveis pelos diferentes signos. Novidade a introduzir: poemas também de autores portugueses e brasileiros. «Springs» ((«Fontes»). Fontes de quê? Do Amor, da Alegria, da Esperança. Para cada tema, uma série de pensamentos e textos afins. Igualmente aqui será introduzido material português e brasileiro.

Ramalhete Neves:

. «O papel é que nos preocupa. Não sei, não sei, há tanta mata de eucaliptos por aí...»

MAIS NOTÍCIAS DAS TRÊS MARIAS

Depois de um primeiro lançamento com a chancela de outra editora, as «Novas Cartas Portuguesas», de Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta, passaram em segunda edição para a Futura. Esta mesma Futura prepara-se para pôr nos escaparates «O Processo das Três Marias».

«Pareceu-nos oportuno pela projecção do caso e pela dimensão das autoras» — eis a explicação do «Processo» segundo Chaves Ferreira.

Um autor que surgiu na Futura já depois do 25 de Abril, António Modesto Navarro (com o romance «Os Barões de Fina Flor»), volta a estar presente nos planos da editora. O seu livro chama-se «Ir à Guerra», e dele publicou já o nosso prezado colega «Sempre Fixe» um extracto.

A falta de papel referida por Chaves Ferreira afectou sobretudo a tal colecção política programada desde começos de 1974. Vamos finalmente ler a tradução de «Para um Novo Contrato Social», de Edgar Faure, a que se seguirão «Três Encíclicas Sociais» e um volume sobre «A Democracia», do americano Cohen.

«Pretendemos levantar a questão política em termos não partidários» — disse-nos Chaves Ferreira. «Fazemo-lo sem qualquer espécie de oportunismo, pois o plano vem de longe».

A Futura tem dedicado interesse à poesia, em particular sob a forma de antologias organizadas e traduzidas por Manuel de Seabra. A derradeira em data permitiu divulgar vários nomes importantes da novíssima poesia catalã.

FISCALIZAÇÃO ECONÓMICA

EM DEFESA DO CONSUMIDOR

A Direcção-Geral de Fiscalização Económica (D.G.F.E.) existe para combater, designadamente, a especulação e o açambarcamento.

Porém, o consumidor deverá ser o primeiro fiscal em matéria de infracções antieconómicas.

Defenda-se recorrendo aos Serviços da Direcção-Geral de Fiscalização Económica (D.G.F.E.) que funcionam não só em Lisboa, como em todas as capitais de distrito, nas seguintes moradas:

SEDE E SERVIÇOS CENTRAIS

Avenida Duque de Avila, 139, Lisboa. Telefones 560101/7

SERVIÇOS DISTRITAIS

AVEIRO — R. José Rabumba, 3, 2.º	(0034) 24294
BEJA — R. Padre António Vieira, 6-A	(0079)22179
BRAGA — R. Abade da Loureira, 198, 1.º.Esq.º	(0023) 23872
BRAGANÇA — R. da Estacada	(00923) 580
CASTELO BRANCO — Av. 28 de Maio, 59, 1.ºDt.º	(00522) 353
COIMBRA — Av. Sá da Bandeira, 91, 1.º	(0039) 24709
EVORA — R. Das Amas do Cardeal, 2, 1.º	(0069) 23377
FARO — R. Reitor Teixeira Guedes, 31	(0089) 24001
GUARDA — R. Nuno Alvares, 60	(00512) 219
LEIRIA — Av. Marquês de Pombal, 14	(0044) 23257
PORTALEGRE — L. Cristóvão Falcão, 16, 2.º	(00453) 860
PORTO — R. Fonseca Cardoso, 20, 2.º	(02) 27761/2 e 26942
SANTARÉM — R. Miguel Bombarda, 34, 1.º	(0043) 23101
SETUBAL — Av. 5 de Outubro, 41 r/c Dt.º	(04) 22303
VIANA DO CASTELO — Av. Comb. G. Guerra, 244, 3.º	(0028) 22284
VILA REAL — R. Gen. Alves Roçadas, 2, r/c Dt.º	(0099) 23093
VISEU — R. Conselheiro de Macedo, 37	(0032) 22676
FUNCHAL — R. Dr. Sidónio Pais, 15-A	(06) 32647
PONTA DELGADA — Quinta de São Gonçalo	(09) 23203

EXTERNATO

Séneca

- Ensino Liceal e Ciclo
- Laboratório de Línguas
- Diurno-Nocturno
- Masculino-Feminino
- Abertas as Inscrições

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º Lisboa-1

Telef. 824983

(estação Metro Anjos)

O «DIARIO DE LISBOA» é vendido por António dos Santos Labisa, Largo Eng. Duarte Pacheco ALBUFEIRA

AUTOCARROS PARA A CARRIS

A eficácia dos transportes não depende do número de viaturas

As tarifas dos transportes colectivos de Lisboa (eléctricos e autocarros) não sofrerão, por enquanto, qualquer alteração, sendo provável que já no próximo ano sejam revistas, segundo nos afirmaram na administração da Companhia Carris.

Essa situação, a verificar-se, resultará essencialmente do recente aumento dos preços dos combustíveis, da actualização de salários do pessoal. Com efeito, o aumento do preço do gasóleo acarretou um aumento anual de encargos para a companhia na ordem dos 11 mil contos. Face a este panorama, a Carris que desde o princípio do ano pertence maioritariamente à Câmara Muncipal de Lisboa, procurou beneficiar das mesmas vantagens concedidas à C.P., que não paga o transporte do combustível na medida em que o vai buscar ao local de armazenamento, nem paga a taxa de comercialização. No entanto, estas prerrogativas não foram aceites e presentemente a Carris paga o gasóleo ao preço da tabela.

NOVOS AUTOCARROS

A Carris, originariamente de capitais ingleses, representa um autêntico cancro na medida em que aqueles durante os últimos anos preocuparam-se essencialmente em não fazer qualquer investimento, receando talvez que a companhia passasse para a posse dos portugueses, como veio a acontecer. Daí resultou que todo o material se encontra num estado de velhice inacreditável. Nos últimos tempos tornou-se frequente ver nas ruas de Lisboa os autocarros empanados.

A actual administração herdou uma frota largamente ultrapassada. Mais de 60 por cento dos autocarros têm já mais de 14 anos de serviço considerado o limite máximo e existem carros com mais de 27 anos a percorrerem as ruas da cidade.

Presentemente, dos 537 autocarros existentes apenas 445 estão em condições de funcionar. Renovar a frota é uma necessidade imperiosa. Deste modo foi aberto concurso e o relatório de apreciação das propostas deverão ser entregues nestes dias. Depois, a decisão final caberá ao Governo.

Prevê-se que até ao fim de Outrubro o probelma estará solucionado pois é indispensável que os primeiros dos 200 novos autocarros entrem ao serviço em Janeiro próximo, sendo o restante das entregas feitas ao longo de 1975.

As novas unidades permitirão retirar do serviço 50 velhos autocarros que servirão para aproveitar as peças sobressalentes, para as viaturas que param por falta de material. Com efeito, segundo nos afirmaram na administração, existe um grande volume de autocarros que ficam imobilizados por falta de peças sobressalentes, algumas das quais já não existem nos países de origem, tornando-se necessário mandá-las fazer por encomenda, o que se torna excessivamente oneroso.

Com esta solução a companhia pensa aumentar a frota das unidades circulantes. Por outro lado, as novas viaturas permitirão uma maior capacidade de transporte, com 93 lugares em vez dos 77 nos actuais autocarros.

EFICÁCIA NO TRANSPORTE

Neste momento a grande preocupação é tornar eficaz o transporte colectivo na cidade de Lisboa. Para isso não basta aumentar o número de viaturas a circular se a velocidade média dos autocarros nas horas de ponta não ultrapassa os 14 km por hora. Existem carreiras onde se deveriam fazer três viagens por hora e nos momentos de maior trânsito as viaturas percorrem apenas uma viagem no espaço de hora e meia.

Deste modo começam a estudar-se algumas soluções. No estrangeiro, existem faixas destinadas exclusivamente aos transportes colectivos e em algumas ruas o trânsito é vedado às viaturas particulares. Soluções deste tipo e outras poderão vir a concretizar-se no nosso país caso os estudos efectuados provem a sua eficácia.

A administração da companhia crê no entanto que é necessário tomar uma resolução para que os transportes colectivos sirvam realmente o fim a que se destinam — o transporte de pessoas com o máximo de rapidez — e nesse sentido se estão a fazer todos os esforços. Acrescentam, contudo, que o público não pode esperar que as soluções venham todas ao mesmo tempo, já que a pesada herança que receberam mal é remendada num ponto logo ameaça rebentar noutro.

E OS ELÉCTRICOS?

Os eléctricos que galgam as ruas da cidade constituem a cobiça de muitos americanos que os querem comprar para museus. Isto demonstra o seu estado de velhice. Apesar disso, a actual administração logo que foi empossada suspendeu a supressão que se estava a fazer das carreiras do eléctricos. Esta decisão teve em conta o aumento do preço dos combustíveis, pois se a energia eléctrica é produzida no nosso País já o mesmo não sucede com o gasóleo, que implica uma saída de divisas. Além disso surge sempre o perigo de o combustível faltar de um momento para outro, com uma saída de divisas. Por esse motivo, estuda-se actualmente o valor da sua manutenção ao serviço, não só na cidade como na grande Lisboa e caso se venha a verificar a utilidade deste meio de transporte o eléctrico não morrerá, podendo sim ser substituído por sistemas mais modernos, consequentemente mais eficazes.

Créditos especiais

. A folha oficial de hoje insere os decretos n.ºs 474 e 475/74, do Ministério das Finanças, que abrem créditos especiais de 396.202.178$00 e 200.000.000$00, respectivamente. O primeiro destina-se a reforçar verbas insuficientemente dotadas e a prover à realização de despesas não previstas no Orçamento Geral do Estado em vigor. O segundo, a favor do Ministério da Administração Interna, é inscrito no capítulo «Administração Local», e destina-se à concessão de subsídios às diversas autarquias locais.

JAIME PINTO

Para que o país viva

Estamos em revolução, revolução política como base necessária das modificações sociais que se impõem. Porque toda a mudança política sem a extensão social que a cimenta e projecta será sempre de reduzido âmbito e provisória significação. O Programa das Forças Armadas contém ampla intenção social: é, portanto, um programa revolucionário, codificado numa feliz síntese de ideias básicas. Cumpri-lo sem hesitações nem desvios é, sem dúvida alguma, fundamental.

Dizia Saint-Just que a revolução implica a «neutralização de todas as forças que se lhe opõem», afrimação de conteúdoaparentemente óbvio, mas de efectivação sempre muito difícil. Porque a tendencia natural, passada a fase emocional da adesão colectiva, e na ausencia de incentivos permanentes e de iné o retorno a situações próximas, senão equiparáveis às anteriores, em todos os sectores onde se não fizer uma drenagem suficiente e uma reestruturação corajosa.

Essa neutralização chamou-se entre nós, saneamento e apropriadamente; porquanto se trata, não só de curar uma sociedade e um aparelho de Estado notoriamente doentes, mas de estabelecer as condições propícias a uma saúde plena, não acidental e aparente mas real e contínua. Para isso, e usando uma linguagem médica sugerida pelo vocábulo, é necessário escolher a terapêutica adequada e usá-la sem hesitações; vigiar o doente para o defender de recaídas no processo de convalescença e criar condições intrínsecas e ambienciais para a sua completa recuperação. E quanto mais grave for a doença e mais signficativos os seus sinais, mais drástico terá de ser o tratamento. Por vezes terá mesmo de ser cruento (não cruel, entenda-se!) para salvar uma vida. É o caso de um tumor maligno num dos membros, superior ou inferior: implica a amputação a breve prazo, antes que as metástises invadam todo o organismo.

Compreendemos e aceitamos a necessidade de se empreenderem as necessárias modificações políticas e sociais conciliando tanto quanto possível, doseando e fundamentando todas as acções susceptíveis de traumatizar ou assustar as pessoas mal informadas ou de formação deturpada pela máquina fascista. Porque uma das missões da democracia é a recuperação e aproveitamento de todos os que ainda possam vir a servi-la.

Mas conciliar o conciliável; recuperar o recuperável; porque seria evidente ingenuidade supor adaptáveis às fórmulas da convivência democrática elementos que diariamente se mostraram (e ainda se mostram) inadaptáveis a esse esquema, quaisquer que sejam os rótulos sob que se disfarçam e as filiações partidárias sob que agora se acoitam. Porque o fascismo disfarçado é bem mais perigoso que o evidente, por manter em latência toda a sua deletéria agressividade com todas as possibilidades de bem escolher a ocasião em que surgirá da sombra.

A revolução portuguesa fez-se para que o País sobreviva e tem-se processado a um magnífico nível de generosidade, de civismo, de comparticiapação colectiva. Tem sido a prova de um povo forte, repudiando histerismo de imaturidadepseudo-revolucionária e neutralizando sucessivamente todas as provocações dos seus inimigos. E as realizações são tão evidentes, de tão ampla repercussão na vida e no futuro do País que negá-las seria negar a evidência. Sente-se no Governo Provisório um dinamismo projectado e consciente, mas se lhe cabe traçar as linhas gerais de uma acção política e administrativa a curto prazo e resolver os problemas mais urgentes, não pode, sem perigo de diluição de objectivos, deter-se na análise detalhada da massa imensa de problemas que inevitavelmente estão a surgir

Continua na pág. 22

AEROGRAMAS Por JORGE LISTOPAD

Do "Cândido" - não muito cândido na Broadway

. As crónicas são um alimento que se estraga dum dia para o outro. Ora, os «aerogramas», com viagem de três, quatro dias obrigatórios através, ou melhor, sobre o Atlântico, nada facilitam: já se sabe, o Mundo e movediço e, por exemplo, o espectáculo político e económico que os Estados Unidos estão a dar, a si próprios e ao Mundo (o perdão do Ford a Nixon; o pânico na Wall Street), precisava dum **telex** quotidiano. Confesso: ando à volta dessas e outras coisas como o gato ronda a tigela escaldante. Espero o momento de uma síntese possível, de uma visão de conjunto; talvez quando chegar a Washington onde um meu amigo empresta o sótão, não longe da Casa Branca...

Portanto, hoje ainda uma crónica tranquila que qualquer atraso não pode desmentir tão facilmente sobre um espectáculo teatral. Embora, em abono da verdade tem de se dizer que a temporada com força iniciar-se-á aproximadamente quando este «aerograma» será publicado, entre o dia 20 e o fim do mês. Até lá, no teatro, as migalhas, os resíduos da temporada de Verão, disseminada pelos Estados, em viagem, a procura dos festivais descentralizados; ou os restos da temporada passada no **Broadway** (teatro burguês, reconhecido e localizado) ou no **off-Broadway** (teatro não burguês, reconhecido e fora de Broadway) ou no **off-off-Broadway** (teatro não burguês, não reconhecido e fora de Broadway). Dito isto, em New York há agora apenas vinte, vinte e cinco teatros abertos. Metade na dita Broadway; os outros, no Greenwich Village, nas paragens desconhecidas perto do Cana', nas garagens de Brooklyn — penetrar até lá, já em si, constitui uma dramática aventura, de geografia pura e de geografia humana.

No Broadway, pois, preparam-se as estreias de Ibsen, de Shakespeare, de Mrozek (!), nas versões originais, isto é, não musicadas, pelo menos assim o creio, embora todo o reportório de agora seja «musical». Talvez o melhor seja «Cândido».

A breve ficha: «Cândido», segundo Voltaire, música de Leonard Bernstein (o de «Weste Side Story», e o nosso conhecido televisivo), encenação de Harold Prince. Prémio de Crítica 1974. Estreou-se em Janeiro de 74, no Chelsea Theater Center de Brooklyn, **off-Broadway**, presentemente no Broadway Theater. Todas as noites as sessões, às 20 horas, excepto segundas. Três vezes por semana as matinés, às 14.30. Os preços mínimos: 5 dólares (sextas e sábados 7,50), máximos: 20 dólares. 125 escudos, 500 escudos. Geralmente, ainda há entradas meia hora antes do espectáculo: desde alguns anos atrás reservar bilhetes com antecedência, até de semanas, já não é necessário, com raras excepções. Foi o próprio director de teatro que confirmou uma certa crise, pelo menos no Broadway. Porquê? O teatro é considerado menos bom, interessa menos o público? Resposta: pelo contrário, é melhor. As causas são várias: o cansaço causado pelo trabalho que é mais intenso (daí a popularidade algo automatizada pela televisão), um, o gosto pela música em casa — os discos e os gira-discos são relativamente baratos, dois, pouca segurança nocturna em New York, três.

Voltando a «Cândido». O vestíbulo da entrada, misto de elegância e de feira, com os **hot-dogs**, as bebidas sob uma tenda, e os barris de amendoins ainda quentes, há pouco acabados de serem grelhados; estes são grátis, é só pôr a mão dentro do recipiente. Já que não jantei... As cascas dos amendoins, pisadas pelos espectadores em **smokings** e em **blue-jeans**, iniciam a primeira «música» de entrada, alegre e popular. Dessoleniza o teatro e o Voltaire. O público procura os lugares com certa alegria: ir ver o espectáculo não parece nem obrigação cultural nem um mau bocado a passar. Os bilhetes mais baratos não têm lugar marcado, aliás todos acabam por se dispersar pela sala de vários níveis, sentando-se em qualquer sítio. Parece antes uma reunião ou um «meeting», alguma coise entre o boxe e a Aula Magna revolucionária. O programa é de graça, tem 32 páginas no papel **couché**, mas também não vale muito; apenas como amostragem para um perito de publicidade.

O espectáculo é sem intervalo e dura 105 minutos. Célebre, inteligente, subtil, com poucos tempos mortos, sim, até fiel a Voltaire na sua impertinente desmistificação; teatralmente irrequieto ao máximo. Todo o espaço teatral, de propósito construído para esse espectáculo, abolindo a diferença palco-plateia, que está aí em jogo; multiplica as áreas da representação, constrói rapidamente, à vista, do teatro em arena, um palco italiano ou isabelino, de repente, estamos no «cemitério dos automóveis» de Victor Garcia e já está esquecido pelos exercícios de Living mas sobre as cabeças dos espectadores como aliás sonhava o Vaktangov. Uff! A ubiquidade é total. As pontes levadiças trabalham. Os subpalcos se abrem. Só a orquestra constitui o único umbigo imóvel e mesmo assim, repentinamente pode-se ter um trompetista como vizinho activo. O que surpreende, tecnicamente, é a colocação das vozes de todos os actores em todos os lugares donde falam e cantam, sempre com o nível exacto e maravilhosamente compreensíveis.

Pode ser que haja coisas a mais: de ideias, de achados, de multiformas, porém tudo está bem organizado e orgânico quanto ao texto de Voltaire. Com outras palavras: pouco parece gratuito e quando, então numa grande gargalhada um tanto absurda. Só a música de Bernstein me parece vistosa de mais, brilhante, egocêntrica, se me permitem assim dizer. As mutações bruscas do belcanto a Lulu e do jovem Mozart ao jazz, etc., embora sempre teatrais, procuram o efeito, para inglês (americano) ver. O guarda-roupa é primoroso: moderno, simples, com o talento de dar a **leitura** rápida, bem necessária, pois as cenas são curtas e os actores mudam os papéis até oito vezes.

Nisso tudo, temos pouco tempo para ver a qualidade dos actores como criadores dos papéis. Os intérpretes são visivelmente mecanizados pelos tantos espectáculos já dados. O **timing** porém, é sempre certo, os finais soberbamente executados; é provável que alguns actores venham dos teatros de vanguarda e estudantil, outros sejam filhos da escola estanislavskiana (feita a molho americano) — esses então mais dramáticos; mas a maioria são os puros produtos do Broadway, que sabem-na toda. Com Voltaire, sem Voltaire.

Adeus, Broadway! Vamos a outros espectáculos. Mas como os condensar, em poucas palavras? Nada a fazer. As palavras, como os carros, na Broadway, não podem estacionar. Ou é preciso pô-los nos parques reservados ou — têm que circular. Que circulam!

DAMAS ESTEVES

Adegas cooperativas - vindimas à porta!

. As novas condições políticas que o País vive devem levar os pequenos e médios vinicultores a tomar em suas mãos a administração das suas adegas cooperativas.

Duas medidas se impõem imediatamente: a primeira será fazer substituir, nas adegas onde tal necessidade se verifique, os elementos da direcção que não mereçam confiança por outros que representem verdadeiramente os interesses da grande massa de vinicultores.

A segunda será a de tornar obrigatória a entrega da totalidade das uvas de cada produtor à cooperativa, advertindo desde já os grande viticultores de que *ou entregam tudo ou não entregam nada*. Este aspecto é muito importante, pois se tem verificado, ao longo dos anos, que muitos destes produtores vinificam de conta própria as uvas de boa qualidade e entregam à cooperativa as outras, o que, como é óbvio, vai aviltar a qualidade das massas vinárias provenientes dos pequenos e médios produtores que entregam a totalidade da sua produção e, assim, contribuem para a valorização dos maus vinhos dos grandes produtores e recebem «como prémio» a desvalorização dos seus.

Se é verdade que as adegas cooperativas permitiram que o grau de sanidade dos vinhos do nosso País melhorasse extraordinariamente, não deixa de ser verdade também que o circuito da comercialização dos vinhos escapa ao seu domínio, com forte prejuízo dos produtores e dos consumidores, dado que estes os pagam por mais do dobro do que aqueles recebem.

Um dos problemas com que a generalidade das adegas cooperativas se debare é o da falta de armazenagem para a produção dos seus associados, o que limita a sua capacidade de produção. Entretanto dispõe a Junta Nacional do Vinho em muitos locais (Lourinhã, Cadaval, Torres Vedras, etc.) de capacidade de armazenagem que só é, eventualmente, utilizada quando os grandes vinicultores resolvem entregar-lhes os seus excessos de produção.

Não convindo à nossa pobre economia agrária a criação de novas infra-estruturas enquanto as existentes não tiverem integral aproveitamento, parece evidente que chegou o momento de colocar ao serviço das Adegas Cooperativas as instalações improdutivas da Junta Nacional do Vinho.

Outra medida muito importante que as Adegas Cooperativas devem tomar é a da expulsão de sócios que se dediquem ao fabrico de «vinho a martelo». Estes inimigos da sociedade e da saúde pública são, localmente, bem conhecidos pelo que se torna muito fácil neutralizá-los através da expulsão das Adegas Cooperativas em virtude dos seus procedimentos manifestamente contrários aos interesses associativos.

Os vinicultores honestos não podem acobertar, como o fascismo fazia, estes inimigos do Povo!

. Os desonestos, os arranjistas e todos os que serviram os seus interesses pessoais à sombra dos cargos que desempenharam nas cooperativas, ou os seus afilhados e compadres que os apoiavam para também se servirem, têm de ser afastados de cargos responsáveis e mostrar encontrarem-se vivamente empenhados em se regenerar. Não pode haver complacências. As cooperativas têm de ser associações de cidadãos sérios, todos imbuídos dos mesmos ideais de lealdade absoluta e de entreajuda.

Trabalhando isoladamente, cada Adega Cooperativa pouco pesa no campo da comercialização. Mas se as adegas de dadas regiões se congregarem em uniões podem encarar novas formas de combate ao intermediário, reduzindo as margens perdidas entre produtor e consumidor com a consequente valorização do vinho

Continua na pág. 5

NACIONAL

O AUMENTO DE PREÇOS

CONTROLAR OS MONOPÓLIOS PARA DEFESA DO CONSUMIDOR

Vão ser publicadas listas de preços autorizados dos produtos essenciais, que serão obrigatoriamente afixadas nos locais de venda e merecerão ampla publicidade através dos meios de comunicação social — soubemos ontem durante uma conferência de Imprensa realizada no Palácio Foz, promovida pelo Ministério da Comunicação e na qual colaboraram os directores-gerais dos Preços (dr. Miranda Ferreira) e da Fiscalização Económica (dr. Macaista Malheiros).

Segundo o primeiro daqueles directores-gerais, dentro em breve os produtos embalados virão com preço afixado na fábrica, até para defesa dos retalhistas que, muitas vezes, são alvo das críticas e má-vontade dos consumidores, justificadamente alarmados, nos últimos tempos, com a subida do custo de vida.

«É evidente que nos últimos dias assiste-se a um aumento abusivo dos preços, quantas vezes motivado por hábitos especulativos que já vêm do regime fascista». É contra essa tendência que foram decididas medidas a curto prazo, baseadas não só em operações exteriores de informação, orientação e fiscalização, mas também e sobretudo através da reorganização dos circuitos de comercialização e distribuição como do controlo da política de preços e margens de lucro das grandes empresas.

— Do comércio vivem, em Portugal, cerca de dois milhões de pessoas — lembrou o dr. Miranda Ferreira — Dessas, perto de meio milhão trabalham profissionalmente em tal actividade. Não se pode, assim, destruir sem mais quê a rede existente. Primeiro, vamos criar uma rede de distribuição nova, e só depois se poderá destruir a velha. É trabalho para uma direcção-geral, própria, que deverá começar a funcionar brevemente.

Nessa nova rede, frisou, terão de ser abolidos os intermediários parasitas e deverão assumir papel de relevo as cooperativas de produção, de consumo, de comercialização. Na mesma linha, o comércio retalhista, agarrado ainda a métodos ultrapassados, terá de ser auxiliado para que se reorganize e possa responder as novas necessidades.

Outro problema a ser revisto é o do sector de importação, muito importante na medida em que a nossa economia vive em grande parte da compra ao estrangeiro de matérias-primas e produtos agrícolas.

Tudo isto, no entender do director-geral dos Preços, porque «os aumentos de preços são meras soluções de adiamento dos problemas de fundo, para cuja solução se deve marcar prazo fixo». De facto, «não é aumentando sistematicamente os preços que se consegue resolver os problemas deste país». Neste momento, assim, a política imediata dos aumentos de preços é vista à luz da sobrevivência das empresas, e não das margens de lucro. É que «o consumidor não pode continuar a suportar sozinho a incapacidade ou desorganização das empresas». Se os últimos aumentos verificados em produtos de uso corrente são fruto da actualização realista de uma política artificial seguida pelo regime anterior (nomeadamente nos cereais, adubos e produtos petrolíferos) torna-se importante, apesar de tudo, «a participação dos consumidores no controlo da situação, nomeadamente através da vigilância das cooperativas, associações de consumidores, sindicatos, etc.». Por outro lado, é preciso combater a boataria alarmista, nas palavras do dr. Miranda Ferreira, «nomeadamente quanto aos aumentos do preço do azeite, óleos vegetais, cimentos, etc.. Nada disso é verdade».

FISCALIZAÇÃO MAIS EFICAZ

O rumo da fiscalização económica, de que é director-geral o dr. Macaista Malheiros, há dias empossado, foi o tema da breve exposição deste conhecido advogado, muito ligado à defesa dos militantes antifascistas levados a tribunal plenário pela P.I.D.E. ao serviço do regime deposto em 25 de Abril. Segundo afirmou, a acção da fiscalização económica deverá exercer-se em duas direcções fundamentais: o controlo da produção, sobretudo nos grupos monopolistas (ou quase) que produzem essenciais, não só ao nível dos preços, como dos processos «habilidosos» para os fazer subir e actos criminosos de sabotagem económica: e ao nível do armazenista, intermediário, retalhista e mercados, sendo até provável que em locais de maior movimento público sejam colocados a título permanente fiscais, devidamente identificados, ao serviço do consumidor.

«Estrangulamento económico pelos grupos monopolistas leva à especulação e à derrocada das pequenas e médias empresas. Actos desses são crime que combateremos sem contemplações» — afirmou o dr. Macaista Malheiros, o qual disse ainda estar a ser criado um clima de disciplina e espírito de missão que deverá resolver, na nossa nova sociedade, os problemas da corrupção tão próprios do regime fascista.

A colaboração do consumidor voltou a ser focada como essencial, existindo na Direcção-Geral um serviço de consulta e de relações públicas, que agirá na sequência de qualquer denúncia (no bom sentido) e sem grandes problemas burocráticos.

Por outro lado, através da R.T.P. vai ser retomado, em novos moldes, o programa «Em Defesa do Consumidor», com a colaboração das associações de consumidores.

É igualmente considerada muito importante a colaboração atenta e consciente dos trabalhadores, não só na defesa directa dos seus interesses, no que respeita a preços e qualidade dos produtos, como através do desmascaramento de fraudes (como, por exemplo, o fabrico de vinho a «martelo») ou recusa de trabalhar em falsificações ordenadas pelos empresários.

A Lei do Cinema será promulgada no início do próximo ano

Dentro de uma semana a Comissão de Cineclubes pode arrancar para a criação de um circuito de distribuição e exibição de filmes, independente do circuito comercial, segundo disse, ontem, aos jornalistas o eng.º Vasco Pinto Leite, director-geral da Cultura e Espectáculos em conferência de Imprensa convocada para tornar públicas as linhas orientadoras da política cultural do Governo Provisório.

Sobre o assunto disse: — **Depois do encontro nacional de cineclubes, houve dificuldades e os trabalhos estiveram parados. Para já, está disponível a sala da Cinemateca, em Lisboa. Mas considero mais importante a imediata extensão dessa rede à Província criando-se como que uma Cinemateca móvel.**

Na concretização desta ideia o eng.º Vasco Pinto Leite anunciou que foram adquiridas cópias de 16 mm de filmes que interessa passar assim como decorre a reprodução de películas de 35 mm em 16 e se vai adquirir material de projecção em termos de arrancarem com eles para a Província, equipas de animação cultural também anunciadas pelo director-geral da Cultura e Espectáculos.

Vão ser, igualmente, criadas secções da Cinemateca nas cidades de Coimbra e do Porto sendo ainda garantido que as retrospectivas até aqui efectuadas em Lisboa também se vão lá realizar.

Esta preocupação de dinamização cultural através do cinema enquadra-se na descentralização cultural mais vasta anunciada no Ministério da Comunicação Social, pela voz do directvr-geral da Cultura e Espectáculos e no apoio às actividades criativas de base, na Província.

É preciso andar muito e bem, neste sector. Mas é também necessário andar depressa. Isso implica medidas imediatas algumas das quais já foram tomadas neste mês de trabalho disse o director-geral para apontar o que se fez ou vai fazer, nos domínios de cultura em geral e, concretamente, no relativo ao cinema e ao teatro.

Assim, foram constituidas duas comissões de trabalho para consultas sobre política de cinema e teatro e para elaboração das respectivas leis previstas no Programa do Movimento das Forças Armadas.

A Comissão de Cinema já reuniu duas vezes, tendo marcado, para hoje, um terceiro encontro de trabalho. Formam-na representantes da Associação de Estúdios e Laboratórios, Produtores, Centro Português de Cinema, Cineclubes, Direcção-Geral dos Espectáculos, Escola Piloto de Cinema, Conservatório, Federação Portuguesa de Cinema de Amadores, Istituto Português de Cinema, Cinemateca, Ministério da Educação e Cultura, secção de cinema da Associação dos Críticos, Sindicatos do pessoal do sector e representantes dos três partidos da coligação.

Compete a essa Comissão propor alterações imediatas à lei em vigor, alterações essas que vão ser concretizadas dentro de dias, e preparar a Lei de Cinema que deve ser promulgada no princípio do próximo ano. Também deve dar parecer sobre os apoios financeiros a conceder pelo Ministério da Comunicação Social.

Quanto ao teatro, idêntico grupo de trabalho está já constituido mas ainda não teve nenhuma reunião. No entanto, sabe-se que terá de atender às preocupações de ordem antimonopolista determinadas pelo Programa do Movimento das Forças Armadas.

Sobre a descentralização cultural, disse o eng.º Vasco Pinto Leite:

— **Está prevista a constituição de grupos de animação cultural para partirem em direcção à província e desenvolverem, aí, uma acção cultural que, a nosso ver, deve ser prioritária.**

A primeira acção vai ser desenvolvida através do cinema, contando nós com a colaboração de cineclubes, profissionais de cinema, críticos e cineastas amadores.

O director-geral da Cultura e Espectáculos garantiu que a exibição dos filmes será seguida de debates com a assistência. Mas, não se limita ao cinema e ao teatro a política de descentralização cultural do Governo. Brevemente será constituída outra comissão (a preocupação de abrir a discussão e definição de linhas orientadoras da cultura aos sectores mais interessados não pode deixar de ser destacada) para as Artes Plásticas e desejando-se, por exemplo, que as exposições se tornem itinerantes.

Sobre o Museu de Arte Popular:

— **Não pode ficar fechado em Belém. Tem de circular pelo País em complemento aos apoios que a Direcção-Geral vai dar à etnografia, ao folclore genuíno e ao artesanato.**

Para que esta descentralização não morra à míngua de meios o director-geral da Cultura e Espectáculos disse também que um grupo de trabalho interministerial está a inventariar os meios humanos e materiais para o transporte enquanto se procuram locais de exibição e exposição.

Este é o trabalho que o Governo pode fazer. Mas não basta. As próprias pessoas nas suas povoações também têm de se organizar e dar corpo à sua vida cultural. O Governo está disposto a apoiá-los, concluiu o eng.º Vasco Pinto Leite.

A diligências dos jornalistas, o director-geral informaria, depois, que o grupo de bailado Verde-Gaio propõe-se mudar de nome e terá de funcionar numa perspectiva diferente. Para já encaram-se duas possibilidades: ou recebe dotações de verbas mais elevadas, cujos números foram já apresentados pelo agrupamento de bailado, ou passa para o Ministério da Educação e Cultura. Esta última talvez seja a solução provável se for a que mais convenha em termos de efeicácia do **Verde-Gaio.**

Respondendo a outra pergunta salientou que estão em estudo no M.E.C. os cursos para os animadores culturais para além de se contar aproveitar a experiência de algumas pessoas mais ligadas aos problemas específicos do cinema e do teatro.

IMPÉRIO - SAGRES - UNIVERSAL

COMPANHIAS DE SEGUROS

NOVAS INSTALAÇÕES DOS SERVIÇOS «SINISTROS DO RAMO AUTOMÓVEL»

AS COMPANHIAS DE SEGUROS IMPÉRIO-SAGRES-UNIVERSAL INFORMAM OS SEGURADOS E O PÚBLICO EM GERAL QUE OS SERVIÇOS DE «SINISTROS DO RAMO AUTOMÓVEL» PASSAM A FUNCIONAR, A PARTIR DO DIA 30 DO CORRENTE, NA

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 125

TELEFONES: 76 98 13 - 77 92 39
77 73 04 - 77 73 49
77 74 15 - 77 57 38

HORÁRIO: DAS 9,30 ÀS 12,30 E DAS 14 ÀS 16,30

VENDE-SE

BMW 3.0 S

C/ NOVO

Av. Defensores de Chaves. 87-C — Telef. 76 19 91

GERAL

ADEGAS COOPERATIVAS

Continuação da pág. 3

para o produtor e seu embaratecimento para o consumidor.

Com a constituição de Uniões de Adegas Cooperativas podem e devem os vinicultores encarar a passagem para as suas mãos da produção e comercialização das aguardentes vínicas, actividades que lhes pertencem.

É indispensável que não volte a repetir-se o escândalo das importações do estrangeiros de aguardentes vínicas com o pretexto do benefício dos vinhos do Porto!

Como foi possível essa importação? A que se deveu? Quem foram os responsáveis? Eis algumas perguntas que os vinicultores fazem e merecem resposta.

Os imóveis contribuidos pelas Adegas Cooperativas deviam beneficiar de um subsídio correspondente a 20 por cento do seu custo a conceder pela Junta Nacional do Vinho. Pois há adegas, como a da Lourinhã por exemplo, que funcionando há mais de 15 anos ainda não foi reembolsada de tal subsídio. Como e porquê? Entretanto, e com prontidão, o «chamado organismo de defesa dos produtores» continua a cobrar a célebre taxa para «defesa dos interesses do vinicultor».

Quanto rendeu esta taxa desde que começou a ser cobrada? Como foram aplicadas e administradas tais receitas? Que benefícios delas retiraram os vinicultores? Haverá quem, agora, possa prestar as necessárias informações e os vinicultores reclamam-nas, dado que pagaram para um fim determinado. Se tão elevados fundos foram desviados na sua aplicação, que os responsáveis respondam por tal abuso! É isto que os vinicultores esperam e desejam.

Para as Adegas Cooperativas da Região Duriense estão abertas novas perspectivas quanto à litragem a beneficiar nesta campanha, como consequência do esgotamento de «stocks» que no ano findo se verificou graças à tacanha perspectiva dos dirigentes incompetentes com que o fascismo sempre presenteou a região.

Vão verificar-se manobras tendentes a favorecer certas massas vinárias, de produtores bem conhecidos, em detrimento das que na verdade devem ser transformadas em genuino vinho do Porto.

Cabe às Adegas Cooperativas uma alta função morigedora e fiscalizadora, exigindo o controlo de todos os manifestos e benefícios da sua área para evitar que, com base no arcaico cadastro, se autorizem benefícios sobre vinhas que já não existem e tantas outras fraudes que só prejudicam os pequenos vinicultores.

A ampliação das quantidades a beneficiar deve recair sobre os vinhos de melhor qualidade e não favorecer, como era de uso, os grandes amigos de Salazar, Caetano e C.ª. Os métodos a aplicar têm de ser os da justiça e esta tem de passar pelas Adegas Cooperativas que é necessário entregar a homens honestos, de mãos e consciências limpas, a verdadeiros vinicultores do Douro.

É preciso neutralizar a acção daqueles que sugaram durante tantos anos o suor e o sangue dos pequenos e médios vinicultores durienses e tal só será possivel com o fortalecimento e coesão das Adegas Cooperativas e dando verdadeiros dirigentes à Casa do Douro, mas saídos do seio dos vinicultores da região, que defendam os interesses de todos e não só, como até aqui, de alguns que até nem disso precisavam.

As Adegas Cooperativas têm de passar a ser fortes e dinâmicas e para isso não podem continuar a ser dirigidas pelos que só defenderam os seus próprios interesses.

As Adegas Cooperativas devem associar-se em Uniões para efeitos de comercialização dos seus produtos e produção e controlo das aguardentes vínicas.

As Adegas Cooperativas poderão ser, se os vinicultores o souberem querer, decisivo passo em frente para a emancipação dos pequenos e médios produtores das garras que os oprimem.

Projecto de vencimento para professores

O Sindicato dos Professores, num comunicado à classe, informa que, no prosseguimento da luta pela extinção das injustiças e desigualdades herdadas do fascismo, que continuam a afectar os docentes, está em fase de conclusão um projecto de reajustamento de vencimentos elaborado por uma comissão nacional do Sindicato. O projecto será submetido a nível nacional, à apreciação da classe após o que se estabelecerá o projecto final e unitário a apresentar ao M. F. C.

O Sindicato aguarda a participação de todos os professores no sentido de que o período de discussão decorra eficazmente para a solução breve de um problema que todos consideram premente.

Canal da Crítica

Por motivo de férias de Mário Castrim, (férias que não vão ser mais do que uma mudança de actividade, pois as férias este ano estão proibidas) *«Canal da Crítica»* não se publicará nestas três semanas mais próximas.

O AMOR LIVRE SERÁ TÃO CONDENÁVEL COMO AS SUAS CONSEQUÊNCIAS?

OS DIFICEIS VINTE ANOS

OTTAVIA PICCOLO
RODOLFO BALDINI
SYLVA KOSCINA

Um notável filme de GIUSEPPE ROLANDO

TECHNOCHROMO
MUNDIAL FILMES

Não aconselhável a menores de 13 anos

3.ª SEMANA
DE ÊXITO ESPECTACULAR

CINEMA CASTIL

6.ª SEMANA
A PEDIDO DO PÚBLICO!

UM FILME PROIBIDO!

Uma produção CARLO PONTI

Sophia Loren
Marcello Mastroianni

A Mulher do Padre

(LA MOGLIE DEL PETRE)

MONUMENTAL
TECHNICOLOR

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

A partir de Amanhã em Estreia no CINEMA VOX

Todos os dias às 15,30 e 18,30
DOMINGOS também às 11 da manhã

UMA FABULOSA HISTÓRIA DE DESENHOS ANIMADOS

com OS 3 MOSQUETEIROS DISPARATADOS

UMA JÓIA DA LITERATURA INFANTIL

O GATO de BOTAS

COLORIDO

Para Todos

INTERNACIONAL FILMES

SINDICATO DOS TELEFONISTAS

R. S. Pedro de Alcântara, 63-2.º, Dt.º

Convocam-se todos os associados para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 30, pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apresentação dos pedidos de demissão de elementos da Comissão Directiva Provisória.

2 — Marcação de eleições.

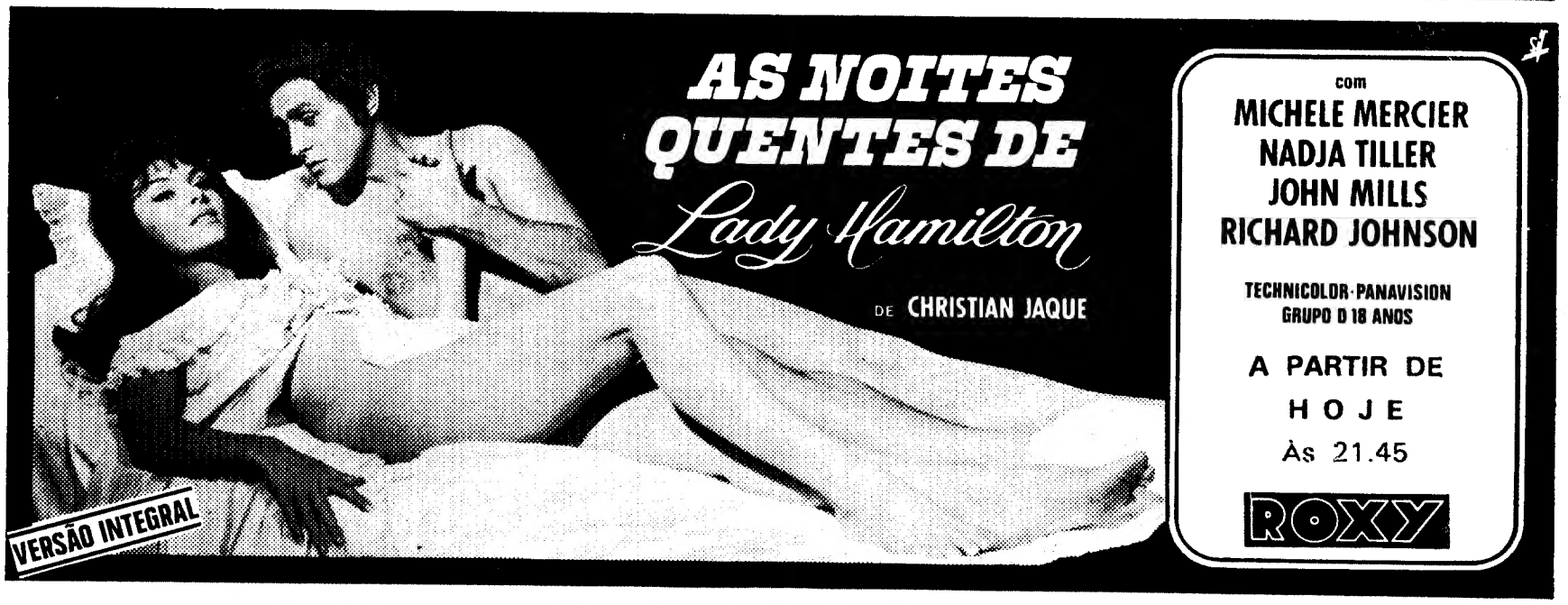
Lisboa, 24 de Setembro de 1974.

Pela Comissão Directiva Provisória
Fernando Domingues Roque

VENDE-SE
PORSCHE 911-T
TARGA 2,2
Av. Defensores de Chaves, 87-C — Telef. 761991

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24
Amanhã e de 4.ª Feira a sábado pelas 22 h. Matinée 16 h.
O Poema Dramático
UM BARCO PARA ÍTACA
e outros poemas de Manuel Alegre. Enc. Norberto Barroca. Não recomendado a menores 13 anos.
Marc. Telef. 677299.

byly
DESODORIZANTE
Com uma a duas aplicações nas axilas e nos pés está protegida para uma semana. experimente...



AS NOITES QUENTES DE Lady Hamilton

DE CHRISTIAN JAQUE

com
MICHELE MERCIER
NADJA TILLER
JOHN MILLS
RICHARD JOHNSON

TECHNICOLOR-PANAVISION
GRUPO D 18 ANOS

A PARTIR DE HOJE
Às 21.45

ROXY

VERSÃO INTEGRAL

ESPECTÁCULOS

A ESTRELA DECADENTE

. Tudo serve para a publicidade de certos artigos, principalmente quando a idade já começa a adiantar-se e não se pode jogar tanto com os atributos físicos que os lançaram.

Desta feita o trampolim seria Fidel Castro, cuja figura merece o respeito e a admiração de todos quantos têm acompanhado a sua obra em prol do povo cubano. Mas isso pouco contará para Gina Lollobrigida, que afirmou que Fidel Castro ficou intimidado perante ela: «Ele tinha medo de mim!», afirma a decadente estrela, que se espantou porque Fidel lhe falou normalmente: «não tentou atirar-se a mim, contrariamente ao que fazem as outras pessoas».

. Se a Gina só saísse de casa para fazer filmes, talvez não lhe fizesse mal. A culpa, de qualquer modo, é da publicação que encarregou de fazer uma reportagem fotográfica em Cuba. Será que a revista em questão acredita que, para se ser fotógrafo, é preciso ter pernas bem feitas, um palminho de cara e uma grande dose de estupidez nas afirmações feitas em público?

N. G. S.

CASINOS do ALGARVE

às 23 h e 1 h
até 2 de Outubro

ALVOR
a cançonetista inglesa
KIM DAVIS
o malabarista alemão
RUDI SCHWEITZER
ballet
GERRY ATKINS SHOW
e a Orquestra do Casino

VILAMOURA
o conjunto vocal
TOUCH OF VELVET
os equilibristas suecos
ELWARDO'S
ballet
THE LEE DELL DANCERS
e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos - diariamente das 17 às 3 h
Alvor - telf. (0082) 23141
Vilamoura - telf. (0089) 65319/86
Maiores de 13 anos
CASINOS DO ALGARVE

CINEMA

A escolha da semana

. Para Lisboa e Porto aqui ficam as nossas sucintas sugestões:

LISBOA:

. 1. **O QUE NÃO DEVE PERDER:**

. — **A Noiva do Pirata,** de Nelly Kaplan (Estúdio Apolo 70)
. — **Uma Bela Rapariga,** de François Truffaut (Estúdio 444)
. — **A Grande Farra,** de Marco Ferreri (Estúdio e Satélite)
. — **Mash,** de Robert Altman (Londres)
. — **A Mulher do Padre,** de Dino Risi (Monumental)
. — **Adeus, Cegonha, Adeus,** de Manuel Summers (Ódeon)
. — **O Último Tango em Paris,** de Bernardo Bertolucci (S. Jorge)

2.º **O QUE PODE AINDA VER:**

. — **Pato Donald e C.ª,** de Walt Disney (Alvalade)
. — **O Meu Nome é Ninguém,** de Tonino Valeri (Avis e Roma)
. — **A Coleccionadora,** de Eric Romher (Roxy)
. — **Malícia,** de Salvatore Samperi (Vox)

NO PORTO:

1. **O QUE NÃO DEVE PERDER:**

. — **Inquérito a um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita,** de Elio Petri (Estúdio)
. — **Belle de Jour,** de Luis Bunuel (Rivoli)
. — **O Último Tango em Paris,** de Bernardo Bertolucci (Trindade)

2. **O QUE AINDA PODE VER:**

. — **Venha Tomar Café Connosco,** de Alberto Lattuada (Estúdio Foco).

L.A.

OS NOVOS CAMINHOS DA RÁDIO

Teatro Livre no R.C.P.

. . O R. C. P. começa a transmitir diariamente a partir de amanhã, pelas 20 e 40, o romance «Esteiros», de Soeiro Pereira Gomes, que Jorge Ferreira da Silva adaptou a folhetim radiofónico.

A interpretação está a cargo de Carmen Dolores, Maria do Céu Guerra, Adelaide João, Graça Vilhena, Maria Armanda, Rogério Paulo, António Montês, Rui Pedro, Tomás de Macedo, Rui Furtado, Mário Sargedas, Armando Cortês, Luís Mata, Armando Caldas, Carlos Fernando e um grupo de pequenos actores que fazem o papel dos «filhos dos homens que nunca foram meninos»: Manuel de Matos, João Paulo Ferreira, Carlos Sargedas, João Paulo, Rui Vasco e João Guimarães.

A direcção artística é de Rogério Paulo.

Formação Política na E.N.

. . A Emissora Nacional transmite às segundas, quartas e sextas-feiras, respectivamente às 16 e 20, 17 e 20 e 15 e 20, o programa «Formação Política», de que são responsáveis Eduarda Ferreira e M. Alegre (no foto). Este programa é repetido nas noites dos outros dias da semana, com excepção dos domingos.

O FIM DE "HAIR"

. . A peça de Eduardo de Fillipo «Sábado, Domingo e Segunda» substituirá a «ópera-rock» «Hair» que, como se sabe, constituiu no palco uma dos mais violentos ataques à guerra do Vietname. «Sábado, Domingo e Segunda» tem encenação de Franco Zefirelli.

NOVOS CURSOS
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
Inscrições Abertas
LISBOA T. 533733
COIMBRA T. 23173

COLISEU
EMPRESA RICARDO COVÕES (HERD.)—Tel. 361997
HOJE, às 21.30 horas — ANTESTREIA
espectáculo dedicado às FORÇAS ARMADAS
GRUPO A — M/ 6 anos
AMANHÃ, às 21.30
PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL
ESTREIA
1.ª Orquestra Popular da Rádio e Televisão de Moscovo
BALALAICAS, BANDURRAS, ACORDEONS, DOMRAS, GUSLIS, ETC.
Maestros: Nicolai Nekrassov e Alexander Petujov
SOLISTA DO TEATRO DE BOLCHOI:
Raissa Bobrinova (soprano) / Nikolai Ogrenitch (tenor) / Alexander Vedernikov (baixo) Valery Tijov (gusli)
O CONJUNTO RUSSO QUE ARRASTA MULTIDÕES RECORDE EM TODOS OS FESTIVAIS DA EUROPA
MÚSICA POPULAR E DE GRANDES COMPOSITORES RUSSOS
TODAS AS NOITES, ÀS 21.30
BILHETES À VENDA

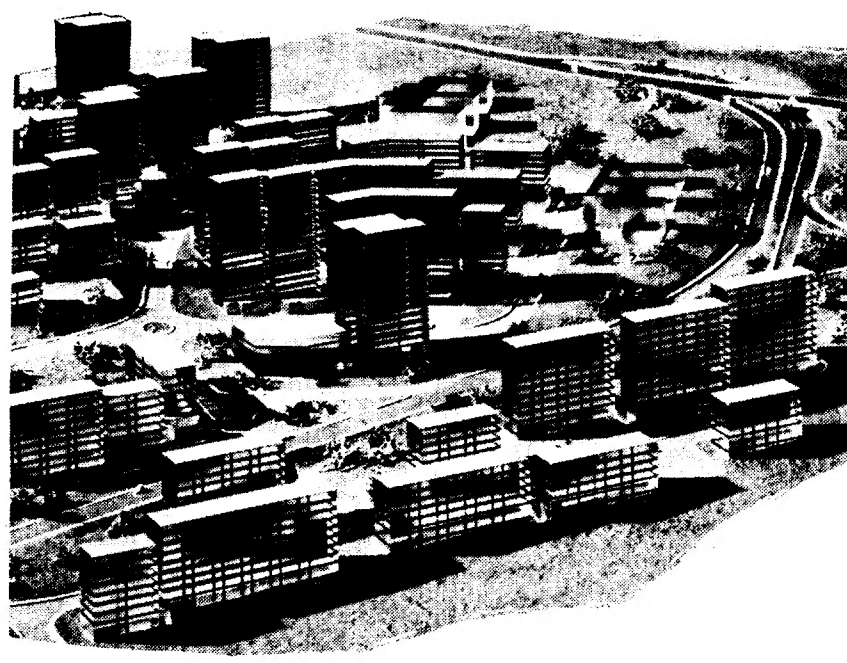
teatro Documentável
LARGO MARTIM MONIZ metro: SOCORRO
L. MARTIM MONIZ — METRO: SOCORRO
TELEF. 874280
ADÓQUE grupo de teatro
Não aconselhável a menores de 18 anos
APRESENTA TODAS AS NOITES
2 SESSÕES: 20 E 45 e 23 Horas
Domingos: «matinée» 16 horas
A REVISTA À «NOVA PORTUGUESA»
PIDES NA GRELHA
Texto de: NICHOLSON, M. ALBERTO e G. PRETO
Música de: J. LUÍS GOMES e BRAGA SANTOS
Coreografia de: FERNANDO LIMA
HENRIQUETA MAYA ● RUI MENDES ● NICHOLSON
HENRIQUE VIANA ● HELENA ISABEL ● MAGDA CARDOSO ● CARLOS GONÇALVES ● MARIA TAVARES ● ED. VILAVERDE ● LIA SENA ● FÁTIMA VELOSO ● ROSA VENDRELL ● LUÍSA NUNES NATÁLIA ● VIRGÍLIO
PIDES NA GRELHA no MARTIM MONIZ
A REVISTA QUE FALTAVA AO PAÍS

PROPEX

almada vai ter um coração novo!

"cidade nova"

PARQUE RESIDENCIAL



O maior e mais moderno complexo habitacional e comercial do nosso País;

Com amplas avenidas, orientação adequada e rodeado de espaços verdes;

1.200 fogos de 2, 3, 4 e 5 assoalhadas e 200 estabelecimentos, em edifícios de grande envergadura, junto aos novos Liceus e Escolas Técnicas, em construção.

PROGRAMA FINANCEIRO

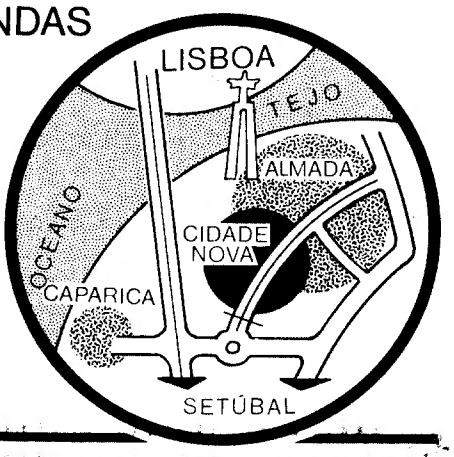
	2 soalhadas	3 soalhadas	4 soalhadas	5 soalhadas
ENTRADA	40.000$	50.000$	60.000$	70.000$
MENSALIDADES	47 X 3.500$ 164.500$	47 X 4.500$ 211.5000$	47 X 5.500$ 258.500$	47 X 6.500$ 305.500$
48º PAGAMENTO (CONVERTÍVEL EM HIPOTECA)	160.500$	218.500$	256.500$	409 500$
TOTAL	365.000$	480.000$	575.000$	785.000$

* APARTAMENTO MODELO E SECÇÃO DE VENDAS

no local todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 20 h.

"cidade nova"
PARQUE RESIDENCIAL-ALMADA

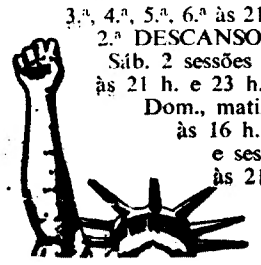
um empreendimento de **DR. ÂNGELO DOS SANTOS**
APARTADO 40-ALMADA



NACIONAL

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

Um espectáculo de RAUL SOLNADO
3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª às 21,45
2.ª DESCANSO
Sáb. 2 sessões às 21 h. e 23 h.
Dom., matinée às 16 h. e sessão às 21.45



LIBERDADE
LIBERDADE

De **Luís Francisco Rebelo** e **Hélder Costa**, baseado no roteiro do espectáculo de **Millôr Fernandes** e **Flávio Rangel**

● **JOSÉ MÁRIO BRANCO**
● **CÉU GUERRA**
● **JOÃO PERRY**

Música: **José Mário Branco** e **Fausto**

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

50 % desconto a sindicalizados, Forças Armadas e estudantes; a partir de 1 hora antes do espectáculo

MONUMENTAL

Telef. 555133
VASCO MORGADO
APRESENTA
HOJE 2 SESSÕES
Às 20.45 e 23 horas
Um SUSEXO em Lisboa
O ÚLTIMO FADO EM LISBOA
Com **BADARÓ**
Alina Vaz, David Silva, Carlos Queiroz, Cristina Cassola, Nuno Emanuel, Ana Le Mattre e ainda
SIMONE DE OLIVEIRA
Ballet de **Fernando Reina**
Colaboração da Estrela Internacional
VIOLETA MONTENEGRO
El Amerindio/Barry Burgess
O corpo sem censura de
POUPÉE LA ROSE
Vedeta do Crazy Horse Saloon de Paris
O show russo de
VAHÉ DJERRAHIAN
em danças e cantares da URSS
HUMOR, LINDAS MULHERES E MÚSICA NUM **SEXERCÍCIO TEATRAL!**
(Interdito a menores de 18 anos)
Domingos: «matinées» às 16 h.; 2.ª Feira: Descanso da Companhia.

Teatro Maria Matos

PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE

De 16 a 30 de Setembro — Férias do elenco artístico
Dia 1 de Outubro — Recomeço dos espectáculos, nos horários normais

De 24 a 29 de Setembro — só 8 espectáculos — A Peça **«A TRAIÇÃO DO PADRE MARTINHO»**, de Bernardo Santareno, pela Companhia de Rafael de Oliveira

Ultramar: decretos sobre funcionários

Foi publicada no «Diário do Governo» de hoje, para entrar imediatamente em vigor, a Portaria n.º 615/74, do Ministério da Coordenação Interterritorial, que torna extensivo ao Ultramar, com alterações, o Decreto-Lei n.º 390/74, de 27 de Agosto.

O artigo único desse decreto passou assim a ter a seguinte redacção: «O artigo 6.º do Decreto Lei n.º 277/74, de 25 de Junho, passará a ter a redacção seguinte:

. 1 — Cessam em 31 de Julho de 1974 todas as comissões de serviço iniciadas antes de 25 de Abril do ano corrente, continuando, porém, salvo decisão em contrário, os funcionários ou agentes a desempenhar as respectivas funções enquanto não for feita nova nomeação.

2 — A recondução de funcionários ou agentes cuja comissão de serviço cessou por força do disposto no número anterior far-se-á por simples despacho a publicar no Diário do Governo ou Boletins Oficiais das províncias ultramarinas, sem mais formalidades (...)».

Fascistas manifestam-se no distrito da Guarda

. . Cerca das 21 horas do dia 20, verificou-se em Vila Nova de Tasém, no distrito da Guarda, uma manifestação fascista que reuniu cerca de duzentas pessoas.

Aos gritos de «Viva o partido de Salazar», «Abaixo o comunismo», «Fora o Álvaro Cunhal» e brandindo apetrechos de lavoura e varapaus, uma multidão especialmente composta por crianças, velhos e mulheres, juntou-se no centro da localidade, em frente da casa de um velho democrata sem qualquer filiação partidária, e que faz parte da comissão directiva, eleita e ainda não homologada, da Junta de Freguesia.

A populaça, orientada por um atrasado mental, membro da ex-Legião Portuguesa, conhecido pelo José Chouriço, injuriou e ameaçou o referido democrata e a família, gritando «saiam cá para a rua» e « fora com o Álvaro Cunhal» (alusão ao democrata).

Injuriaram e tentaram agredir outros antifascistas, entre os quais destacamos um capitão miliciano, que acaba de cumprir uma comissão de serviço em Moçambique.

A manifestação acabou com o ateamento de fogo a um farrapo vermelho.

Na manhã do dia 21 verificaram-se novos incidentes, tendo sido fortemente agredida uma mulher coxa, por ser filha de um velho operário que foi combatente, ao lado da República, na Guerra Civil de Espanha.

Há já alguns meses que conhecidos fascistas da região organizam reuniões nas suas quintas, numa tentativa desesperada de traçar planos de acção conjunta, capazes de criar um clima de agitação reaccionária.

Uma dessas reuniões foi realizada com a participação de algumas dezenas de elementos afectos à ex-A.N.P.. à ex-Legião, ao sector reaccionário do clero e outros, na localidade de Nespereira. Entre os presentes encontravam-se indivíduos de Vila Nova de Tasém. Esta reunião foi da iniciativa do médico Aureliano Dias Gonçalves, da comissão directiva do Partido Liberal. Nessa reunião foram ditas, entre outras coisas:

. . «As forças de direita foram tomadas de assalto. Ficámos calados. (...)

. . Já estou farto do Grândola Vila Morena. (...)

. . O Partido Liberal não marginaliza ninguém, só pelo facto de terem servido o regime anterior. « (Aureliano Dias).

«Não havia liberdade de organização antes do 25 de Abril? A prova de que isso não é verdade é o facto do P. C. P. ser o Partido mais bem organizado. Foi o P. C. P. que inventou a acusação «fascista».

(...) Nunca em nenhum país as Forças Armadas entregaram o poder aos comunistas. Portugal foi o primeiro País europeu a fazê-lo... no dia 25 de Abril». (Padre Bigote-Seia).

Quanto à aludida manifestação em Vila Nova de Tasém, sabe-se que foi preparada através do lançamento do boato de que no dia 20 se realizaria um comício do P. C. P. em Vila Nova de Tasém, boato este destinado a criar um clima de histeria colectiva, propícia a actos de vandalismo.

Um dos principais responsáveis pelo boato foi um carteiro dos C. T. T., desde há muitos anos ligados à Acção Nacional Popular.

Este funcionário dos C. T. T. andou a instigar elementos reaccionários a participarem na manifestação fascista.

Uma curiosa coincidência a notar, consiste no facto do demente que serviu de principal agitador, o José Chouriço, ser familiar do fascista carteiro.

Outros dos principais responsáveis são elementos da Junta de Freguesia fascista, que ainda continuam no exercício do poder. Estes indivíduos actuaram junto dos camponeses que habitualmente trabalham nas suas terras, fornecendo-lhes uma imagem anticomunista pormenorizada, levando-os assim a participarem na manifestação. Na verdade, os manifestantes eram sobretudo camponeses explorados que foram levados a identificar o comunismo com qualquer coisa que os faça «morrer de fome», que «mate os velhos» e lhes «roube os filhos».

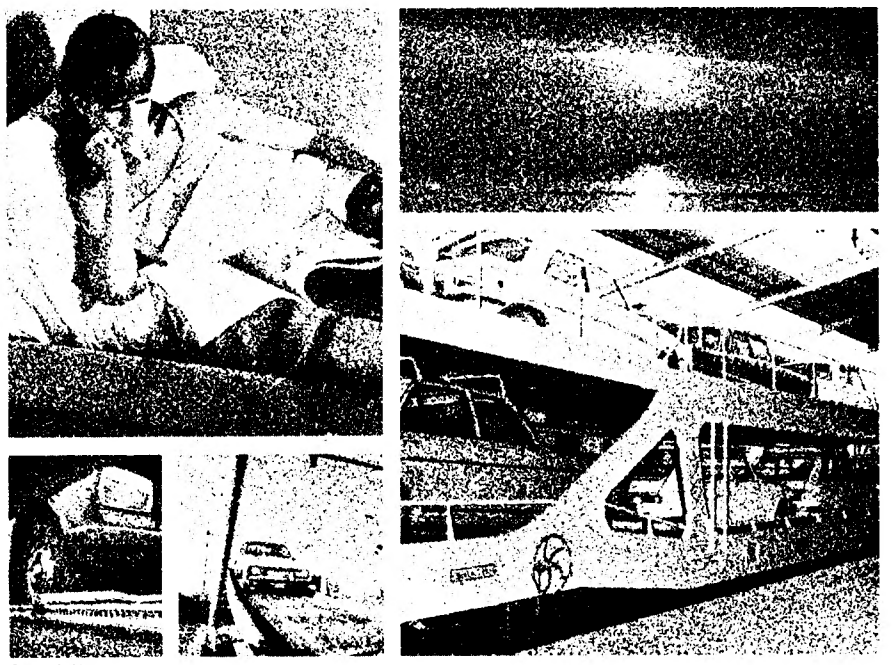
É premente que se tomem medidas capazes de destruir a reorganização fascista que a todo o preço se tenta nesta região.

Sabe-se que muitos destes fascistas estão armados; há duas semanas, aquando dum comício do P. C. P. em Gouveia, ainda tentaram organizar-se para aí aparecerem em força e dispersarem o comício a tiro.

A situação continua muito tensa em Vila Nova de Tasém.

O destacamento da G. N. R. na povoação assistiu impávido e sereno a esta provocação.

PORTO ↑ LISBOA ↓
ALGARVE



CP 114A 74

serviço AutoCama

de 31 de Maio a 13 de Outubro

peça informações

Caminhos de Ferro Portugueses

THE TEXAS STEAK HOUSE
NO
ALFAMA-GRILL

De 16 de Setembro a 4 de Outubro no Alfama Grill do Sheraton especialidades gastronómicas do Texas.
Lembramos o Texas Pepper Pot, o Steer Beef ou o T-Bone Steak, a Apple Pie e o Trinita Western Sundae, por exemplo.
Venha ao nosso "saloon" onde será recebido por uma atraente "cow-girl" e onde pode comer um bife como só na terra dos "cow-boys"

Lisboa-Sheraton Hotel

TANGER-GIBRALTAR-TETUAN
MINI-CRUZEIRO EM MAXI FIM-DE-SEMANA
No luxuoso paquete
FUNCHAL
Classe única - Serviço de 1ª classe
Preços excepcionais desde 1.950$00 TUDO INCLUIDO
De 1 a 4 NOV/74 · 4 DIAS
(feriado + fim de semana)

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES: abreu
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
LISBOA: Av da Liberdade, 160 • Telef 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados, 207 • Telef 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

MASCULINO—FEMININO
CURSOS NOCTURNOS E DIURNOS
LICEAL — PREPARATÓRIO E PRIMÁRIO
EXTERNATO DE ALVALADE
Telef. 77 19 65 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 ——— Campo Pequeno

GERAL

25 DE SETEMBRO

Uma das datas mais importantes na história do continente africano

. O povo moçambicano resistiu sempre, por todas as armas e todos os meios, ao domínio colonial português, que só na segunda década deste século conseguiu esmagar as últimas bolsas de resistência (dessa «primeira resistência»)

Em 25 de Setembro, a Frelimo, presidida então por Eduardo Mondlane, seu fundador, que as forças reaccionárias viriam a assassinar em 3 de Fevereiro de 1969, dirige uma proclamação ao povo moçambicano, que é uma declaração de guerra ao colonialismo português. Transcrevemos esse texto. Uma das primeiras batalhas da guerra é o ataque ao posto de Chai, em 25 de Setembro. Mondlane escreveu pouco antes de morrer: «Se os acontecimentos prosseguirem o rumo que tomaram nos quatro anos seguintes, esse dia poderá transformar-se numa das mais importantes datas não só da história de Moçambique, como na história do continente africano».

Do ataque a Chai, apresentamos a descrição contida no relatório do comandante de guerrilha que o abriu e comandou, um combatente anónimo da Frelimo.

«Forjando a Linha Política na Luta Armada» é o título que demos a um excerto duma análise política da Frelimo sobre o lançamento da luta armada. O texto é transcrito dos «Cadernos 25 de Junho», publicados por simpatizantes do movimento.

O «Dia da Revolução Moçambicana» é comemorado hoje em Lisboa com um grande comício no Rossio, às 19 horas.

Conscientes do papel desempenhado pela solidariedade mundial na luta de um povo contra a dominação, exploração e opressão os MOÇAMBICANOS SIMPATIZANTES DA FRELIMO EM PORTUGAL apelam para todas as organizações progressistas portuguesas e camaradas das outras colónias que desejam a JUSTIÇA, A PAZ E A LIBERDADE, a associarem-se ao povo moçambicano na celebração deste grande dia da REVOLUÇÃO MOÇAMBICANA, diz o comunicado que convoca o comício.

As comemorações começam com a inauguração de uma exposição, na Casa de Moçambique, às 16 horas. Às 21 e 30, no mesmo local, haverá um colóquio subordinado ao tema: «Do início da luta armada à reconstrução nacional».

Eis o programa das comemorações, de amanhã até ao dia 30:

. Dia 26, na Casa de Moçambique: às 21 e 30, colóquio **Combater, produzir, estudar.**

Dia 27, na Casa de Moçambique: às 21 e 30, colóquio **Áreas libertadas em Moçambique.**

Dia 28, na Voz do Operário: às 21 e 30, sessão cultural de música e poesias revolucionárias de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e ilhas de Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe.

Dia 29, na Casa de Moçambique: às 21 e 30, colóquio **Aliança e solidariedade entre os povos das colónias e o povo português.**

Dia 30, na Voz do Operário: às 21 e 30, comício.

Além destas sessões, serão exibidos diariamente na Casa de Moçambique, às 16 e às 19 horas, filmes sobre Movimentos de Libertação, cujo programa vai ser divulgado.

Página coordenada

Por ALEXANDRE OLIVEIRA

Samora Machel, presidente da Frelimo, com os combatentes moçambicanos no interior do território, em 1972. Na Mensagem de 20 de Setembro de 1974, diria: «Nesta hora de luta e também de alegria, não nos podemos deixar embrigar pelo espírito de vitória e por sentimentos excessivos de euforia. As Forças Populares de Libertação de Moçambique devem ter bem presente que provêm do povo, que foi o povo o construtor da vitória, foi o povo o único herói. É, pois, permanecendo profundamente ligados ao povo, continuando a organizar as massas que seremos capezes de vencer a nova batalha em que nos encontramos empenhados»

PROCLAMAÇÃO AO POVO MOÇAMBICANO

Moçambicanos e Moçambicanas,

Em Setembro de 1962 o Congresso da FRELIMO afirmou unanimemente a vontade e determinação do povo moçambicano de lutar por todos os meios para a conquista da Independência Nacional.

A FRELIMO quis, por meio de esforços pacíficos, forçar o Governo português a satisfazer as exigências políticas fundamentais do povo moçambicano, a FRELIMO expôs constantemente junto de instâncias Pan-africanas, Afro-asiáticas e mundiais, a situação em que se encontrava o povo moçambicano, e denunciou os crimes do colonialismo em Moçambique.

E foi assim que, depois do povo moçambicano, a O.U.A., as Nações Unidas e a opinião política mundial em geral, condenaram também a política criminosa do Governo português.

Apesar de tudo isto, o colonialismo português continua a exercer a sua dominação sobre a nossa Pátria.

As riquezas do nosso país e o trabalho do nosso povo continuam a ser explorados pelos colonialistas portugueses e seus aliados imperialistas.

Todos os dias são assassinados camaradas por causa da sua participação activa na luta da libertação do nosso país, as prisões estão cheias de patriotas, e aqueles que estão ainda em liberdade vivem na incerteza do amanhã.

A Pide aumenta o número dos seus agentes e desenvolve os seus meios de tortura; o Exército Português é reforçado e aumenta continuamenteosseusefectivosemhomensematerialdeguerracapsicossocial prossegue a sua campanha com vista a enganar o povo moçambicano.

Moçambicanos e Moçambicanas,

A FRELIMO conduziu sempre a sua acção de maneira a assumir plenamente as suas responsabilidades de guia da revolução moçambicana.

Por isso, paralelamente aos esforços pacíficos, a FRELIMO entregou-se também vivamente à criação de condições para fazer face à eventualidade da luta armada.

Hoje, face à constante recusa do Governo português em reconhecer o nosso direito à independência, a FRELIMO reafirma que a luta armada é a única via que permitirá ao povo moçambicano realizar as suas aspirações à liberdade, justiça e bem-estar social.

Moçambicanos e Moçambicanas,

Operários e camponeses, trabalhadores das plantações das serrações e das concessões, trabalhadores das minas, dos caminhos-de-ferro, dos portos e das fábricas, intelectuais, funcionários, estudantes, soldados moçambicanos no Exército Português, homens, mulheres e jovens, patriotas, em vosso nome, a Frelimo proclama hoje, solenemente, a insurreição geral armada do povo moçambicano, contra o colonialismo português, para a conquista da independência total e completa de Moçambique.

O nosso combate não cessará senão com a liquidação total e completa do colonialismo português.

Moçambicanos e Moçambicanas,

A revolução moçambicana, obra do povo moçambicano, insere-se no quadro geral da luta dos povos de África e do mundo pela vitória dos ideais da liberdade e da justiça.

A luta armada que nós hoje anunciamos, tendo por objectivo a destruição do colonialismo português e do imperialismo, permitir-nos-á instaurar no nosso país uma nova ordem social popular. Assim, o povo moçambicano dará uma grande contribuição histórica para a libertação total do nosso continente, para o progresso de África e do mundo.

Moçambicanos e Moçambicanas,

Neste momento grave e decisivo da história do nosso país, em que unanimemente nos comprometemos a enfrentar o colonialismo português, a FRELIMO cumprirá o seu dever.

Reforcemos continuamente a nossa unidade, a união de todos os moçambicanos do Rovuma ao Maputo, sem qualquer discriminação.

Consolidemos cada vez mais a nossa organização, ajamos sempre de maneira organizada.

Por toda a parte, em cada lugar, a FRELIMO estará presente e pronta a conduzir a luta.

Sejamos firmes, decididos e implacáveis frente ao colonialismo português.

Sejamos firmes, decididos e implacáveis frente aos lacaios do colonialismo português, frente a todos os agentes da Pide e a todos traidores do nosso povo e da nossa Pátria.

Unidos venceremos!
Independência ou Morte!
Moçambique vencerá!
Viva a Frelimo!
Viva Moçambique!
Viva África!

O ATAQUE AO POSTO DE CHAI

O MEU TIRO SERIA O SINAL PARA OS OUTROS CAMARADAS ATACAREM

Durante as movimentações clandestinas de Setembro, recebi uma chamada urgente de Mueda. Os chefes operacionais das zonas de Montepuez, Mocímboa da Praia e Porto Amélia foram convocados. Estive presente, e comigo outros três dirigentes operacionais. Reuníamo-nos para receber instruções do Comité Central relativas ao dia em que iríamos iniciar os nossos ataques às tropas portuguesas. A 20 de Setembro recebemos esta informação: a luta armada começaria a 25. Começámos imediatamente a organizar-nos. Alertámos o responsável de cada zona (Muidumbe, Mocímboa da Praia, Montepuez, Chai, Mocímboa do Robum, Nangade, Diaca) para organizar grupos de sabotagem. A sua tarefa seria sabotar pontes, linhas de caminho-de-ferro e estradas (cavando trincheiras e atravessando troncos de árvores). Dissemos-lhes que começassem a trabalhar na tarde de 24. Explicámos-lhes que deviam colocar alguns homens de sentinela enquanto as equipas trabalhassem.

A minha tarefa era dirigir o ataque em Chai. Outros grupos atacariam outras zonas. Deixei Mueda para me dirigir à minha zona, onde cheguei a 23 de Setembro. Informei os meus camaradas do dia em que a luta começaria. Tínhamos dezasseis armas: seis metralhadoras ligeiras, seis espingardas e quatro pistolas automáticas. Seleccionámos um grupo de doze camaradas e deixámos algumas armas para defesa da base. Na manhã de 25 de Setembro chegámos à localidade de Chai. Fomos descalços por termos que encontrassem as marcas das nossas botas e nos seguissem. A localidade tinha o edifício da administração, a casa do chefe de posto, a casa do gerente da Sagal (uma companhia algodoeira), lojas, um hospital, uma cadeia, e as casas dos sipaios e da polícia branca.

Acampámos perto do lago de Chai. Disse a um dos meus camaradas uniformizados que se vestisse à paisana e fosse fazer um reconhecimento à localidade. Pus-lhe uma ligadura no pé para que ele se fingisse de ferido. Dirigiu-se então ao centro médico do posto, ficou por ali algum tempo e depois foi à administração. Meteu conversa com um africano que, inconscientemente, lhe revelou onde dormiam as tropas: os soldados brancos dormiam atrás da casa do chefe de posto, os oficiais dormiam dentro da casa, os soldados africanos dormiam na administração. O moçambicano também disse ao nosso camarada em que local estavam postadas as sentinelas (na varanda da administração e na casa do chefe de posto).

O guerrilheiro permaneceu ainda um pouco, deu uma volta à casa do chefe de posto e outra à prisão e voltou então à administração. Viu que partiam três camiões e soube que iam para uma expedição de caça. Iam à caça todos os dias. Depois da caça, os camiões faziam todos os dias uma patrulha.

O nosso camarada regressou com estas informações. Elaborei um plano de ataque. Uma metralhadora neutralizaria as tropas africanas na administração. Decidi concentrar o ataque na casa em que estavam o chefe de posto e os oficiais. Dei a cada camarada a sua posição para o ataque. Deveriam permanecer camuflados nas árvores mangueiras. Às 16 horas saímos para campo aberto; às 18 horas estávamos no posto, nas nossas posições. Os portugueses começaram a acender as luzes das casas. Às 19 horas avançámos para as proximidades da casa do chefe de posto.

Enquanto avançávamos, os camiões que tinham estado na caça voltaram e estacionaram entre nós e a casa. Descarregaram os animais mortos. Observámos cada um dos movimentos. Depois da descarga, os soldados voltaram para o camião e tomaram a estrada de Macomia. Os camiões desapareceram. Entendemos que tinham ido em patrulha. O guarda apareceu e pôs-se à porta da casa, sentado numa cadeira. Era um branco. Aproximei-me para o atacar. O meu tiro seria o sinal para os outros camaradas atacarem. O ataque teve lugar às 21 horas. Quando ouviu os tiros, o chefe de posto abriu a porta e saiu: foi imediatamente abatido. Além dele, foram mortos outros seis portugueses ao primeiro ataque. A explicação dada pelas autoridades portuguesas foi: «mortos por acidente».

Retirámos. No dia seguinte, fomos perseguidos pelas mesmas tropas, mas já estávamos muito longe e não conseguiram encontrar-nos.

(Relatório reproduzido em «The Struggle for Mozambique», de Eduardo Mondlane, Penguin African Library, 1969, de onde o traduzimos).

FORJANDO A LINHA POLÍTICA NA LUTA ARMADA

No dia 25 de Setembro eclodiu a luta armada. O primeiro combate desenrolou-se em Chai na província de Cabo Delgado, cedo seguido de operações nas províncias de Zambézia, Niassa e Tete. Agindo com destreza, escolhendo de cada vez teatros de operaçao mais afastados uns dos outros, as primeiras unidades de guerrilha puderam frustrar as operações massivas de enquadramento e de repressão que o inimigo tinha preparado já há muito tempo. E a esses primeiros militantes insuficientemente armados mas dotados de um grande espírito e determinação e patriotismo que devemos a consolidação da luta armada.

O multiplicar de emboscadas, os ataques contra postos portugueses isolados, o facto de a iniciativa competir aos nossos combatentes que flagelavam o inimigo de maneiras mais diversas, sem por isso se exporem, colocam os portugueses na defensiva. Obrigados a concentrar as suas tropas, abandonaram os pequenos postos administrativos isolados e reduziram a circulação dos veículos nas estradas minadas onde viviam os nossos combatentes. Os portugueses perdiam assim o controlo de regiões cada dia mais extensas, permitindo por conseguinte aos nossos combatentes uma acção mais fácil, o contacto directo com largos sectores da população e desenvolver a organização da luta armada.

Esta reacção de defesa não constituia uma surpresa para nós. Em compensação nós não estaríamos bastante bem preparados para assumir um tão grande número de tarefas relativamente à população senão alguns meses depois da eclosão da luta armada.

Perante a impossibilidade de atingir as unidades de guerrilheiros, os portugueses concentraram o seu ódio sobre a população civil. Por meio de incessantes bombardeamentos eles impediam a população de circular e de dedicar-se aos trabalhos agrícolas. O seu objectivo era o de criar uma situação de fome nas regiões libertadas. Além disso fizeram evacuar todos os comerciantes para cortar a entrada de bens manufacturados indispensáveis à população. A falta foi tanto mais sentida já que se tratava de região onde os portugueses tinham instaurado um sistema de trabalho forçado por meio de prática de culturas obrigatórias tais como o algodão, e fez desaparecer as tradições artesanais.

Os pequenos destacamentos portugueses do Exército Colonial circulavam pelo mato e assassinavam os camponeses à facada (com armas brancas) para não alarmar os guerrilheiros. Esta situação impôs novas tarefas às guerrilhas que não tinham considerado em toda a sua dimensão a extensão da luta que haviam iniciado.

Era necessário em primeiro lugar, assegurar a protecção das populações para evitar que elas não se encontrassem no dilema concebido pelos portugueses: obrigados a refugiarem-se em massa nos países limítrofes ou a deixarem-se aprisionar em aldeamentos que o Exército Português criou em toda a extensão da zona de combate sob o modelo americano das «aldeias estratégicas».

A primeira medida que os nossos combatentes adoptaram foi o transferir população das antigas aldeias em campo aberto e portanto vulneráveis a um ataque aéreo para novas aldeias situadas nos locais de vegetação mais providos. Em seguida era preciso coordenar os seus movimentos: as deslocações para os terrenos de cultura ou locais de água foram feitos em grupo sob escolta dos guerrilheiros; estabeleceu-se igualmente um sistema de controlo da circulação com o fim de impedir a infiltração de agentes inimigos.

...) A participação popular tornava-se cada dia mais vasta. Primeiramente ao nível do Exército de Libertação o aparecimento de zonas subtraídas ao controlonimigo permitiu a criação de campos de treino, mesmo no interior do país onde os jovens desejosos de lutar contra a dominação colonial afluíam sem cessar.

Por outro lado, o livre contacto com as populações permitia desenvolver o apoio que eles prestavam em número crescente à guerrilha no domínio da Informação, o que permitia descarregar contra o inimigo golpes precisos. O desenvolvimento da luta, a extensão da guerra a novas frentes significavam por outro lado quantidades maiores de material a transportar: o apoio das populações neste domínio foi inestimável. Para quem percorria pela primeira vez zonas semi-libertadas, nessa altura a imagem mais impressionante era a daquelas raparigas, mulheres e velhos, transportando mantimentos (reabastecimentos) para a frente, que sulcavam continuamente zonas de combate sob escolta dos guerrilheiros.

Paralelamente técnicas de combate, de aperfeiçoamento e novas armas foram introduzidas.

O desenvolvimento da capacidade de combate das forças de libertação devido ao aumento do efectivo e à utilização de armas colectivas permitiu à guerrilha transpor um novo degrau da luta. Importantes postos portugueses isolados começaram a sofrer a pressão das nossas tropas de artilharia, compostas inicialmente por morteiros e mais tarde por canhões. Um grande número de postos foi atacado e tomado de assalto o que ocasionou a captura de importantes quantidades de material. Contrariamente ao muito espalhado de que o inimigo abandonava facilmente as armas de modo a melhor escapar às emboscadas, não foi senão na segunda fase da luta que começou a apreensão de armas ao inimigo em número significativo. Instruído sem dúvida pelas experiências das forças de repressão francesas na Argélia o Exército Português desenvolvia grandes esforços e riscos de modo a não deixar no terreno senão um número mínimo de armas susceptíveis de serem utilizadas pelos guerrilheiros. Os camiões de reabas-

Continua na pág. 12

EXTERNATO JOSÉ RÉGIO
CICLO PREPARATORIO CURSO LICEAL
LABORATORIOS PRÓPRIOS
INSCRIÇÕES das 16 às 22 horas
Facilidades de pagamento a Militares Descontos especiais

NACIONAL

"JORNAL DE RIBA D'AVE":

O FASCISMO SERVIDO POR TRANSCRIÇÃO

. .Não temos a honra de conhecer «pessoalmente» o jornal «A Ordem». Tudo nos leva, porém, a crer que se trata de um tenebroso pólo de irradiação «doutrinária», que serve de alimento a outros jornais de província.

. .Pelo menos só no seu número de sábado passado, o «Jornal de Riba d'Ave» publica duas prosas da «Ordem», qual delas a melhor. Aliás, as duas folhas em que se comete o jornaleco de Riba d'Ave fornecem um exemplo típico de corpo fascista em busca de cabeça condizente. Na verdade, de sua lavra o jornal fornece apenas notícias desportivas locais. O suco ideológico vai ele buscá-lo à «Ordem» e... ao «Jornal de Cabeceiras».

. .Estamos assim perante uma rede de intoxicação nacional, para a qual bastam uns tantos especialistas da asneira estrategicamente sentados em esconsas secretárias de rincões da nossa província para, com o sistema da transcrição, espalharem a peçonha contra-revolucionária.

. .No caso que estamos agora a analisar, os artigos com que se pretende lavar o cérebro das nossas populações rurais denominam-se: «Exigências descabidas» (assinado por Pereira dos Santos, da «Ordem»), «O divórcio, a grande burla!» (assinado por Lino Almeida Castelão e transcrito igualmente da «Ordem») e «A tal liberdade?» (assinado por um Lobo de sua graça Eduardo e que tem tribuna no «Jornal de Cabeceiras»).

As exigências descabidas são, como é bem de ver, as dos trabalhadores portugueses, depois do 25 de Abril. O ponto fulcral da prosa é, no entanto, o que deixamos transcrito na integra (o sublinhado é nosso): «O **Presidente do Conselho,** n exposição feita recentemente sobre a situação económica do País, pôs o dedo na ferida, mas uma coisa é a teoria, outra a prática sobretudo quando esta é comandada por interesses demagógicos. **Durante estes primeiros meses ainda é fácil atribuir as culpas ao fascismo que tem as costas largas e pode arcar com as responsabilidades de todos os males que nos afligem, mas no futuro já não será assim.»**

. No artigo que trata da «grande burla» (isto é, do divórcio) a questão é posta em termos bélicos. O divórcio é a arma da «perfeita guerrilha contra a Igreja Católica». Para o sr. Lino, o general desse exército de «ateus» é o próprio Satanás. Como o direito ao não divórcio é, segundo o «ideólogo» da «Ordem», a «política da extrema esquerda» temos que esta será emanação do próprio... Satanás. Assim vai o sr. Lino organizando o seu caldeirão de Pero Botelho.

O «Jornal de Cabeceiras», veiculado por Riba D' Ave, tem ao seu serviço um Lobo «versado» no «Manifesto do Partido Comunista». E inícia o seu artigo pretensamente demolidor do comunismo, colocando-se sob a égide do Presidente Spínola. Ouçamo-lo: «Nas mesmas palavras do sr. Presidente Spínola, democracia é, acima de tudo, a garantia dos direitos e liberdades individuais, possível em clima de respeito mútuo onde não cabem atentados contra as pessoas, opiniões, bens e direitos legítimos». Daqui se parte para fazer o pretenso contraponto: «na Rússia e seus satélites» há «verdadeiros atentados contra pessoas, opiniões, bens e direitos legítimos». Provas desta afirmação? Muitas e variadas, todas elas com a (costumada) característica comum de não passarem de um chorrilo de primárias invenções — todo o arsenal da estultícia acumulada em 48 anos de desalfabetização.

Um exemplo fala por todos: «Para ficarmos a fazer ideia do que é a tal liberdade que nos querem «oferecer», preciso é lembrar ainda que Marx (são afirmações do seu Manifesto) **família,** nação, religião são expressões de burguesia que é necessário fazer desaparecer, pois que impedem a nova sociedade que o comunismo quer criar. Para conseguir isto, imagine-se o que acontecerá nos países comunistas».

Este artigo de Cabeceiras tem o cunho da «modernidade»: com efeito, a grande «habilidade» que a reacção descobriu agora foi a de se acobertar à sombra do Presidente da República. Não será descabido pensar que a Imprensa regionalo-fascista que enquadra na mesma teia que procura fabricar uma manifestação à moda antiga (com transportes gratuitos e tudo): as aranhas são decerto as mesmas, e a baba não engana.

A.N.

ESPIRAL

Renault 4
Liberdade
às quatro rodas

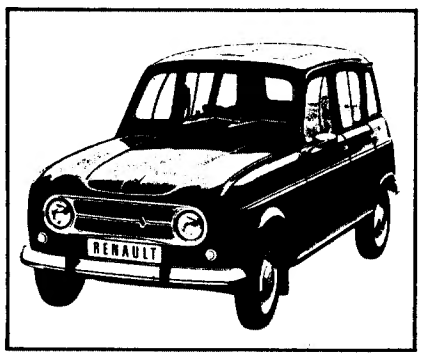
Renault 4 – Um carro simples, funcional, multi utilitário.
Um carro familiar. Quer dizer: um carro que o transporta a si e aos seus com conforto, segurança e economia. Um carro sem problemas, cheio de personalidade, tão à vontade na estrada como em caminhos difíceis.

Um carro de trabalho. Resistência excepcional. Com 5.ª porta que facilita a operação de carga e descarga, com espaço útil que vai de 295 dm³ a 1.185 dm³ conforme se manejar o banco traseiro rebatível. A sua suspensão é extremamente flexível devido às barras de torsão e amortecedores hidráulicos de duplo efeito.

Motor de 853 cm³, rodas independentes 4 velocidades sincronizadas; travões hidráulicos de tambor com limitador de travagem para as rodas traseiras.

Renault 4 – Um carro para o seu dia-a-dia vá para onde for, esteja onde estiver.

Transporte nele o que quiser.



O maior fabricante mundial de tracção à frente

RENAULT 4
INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, SARL
STAND – Av. de Roma, 25 A/D – Lisboa
e Agentes em todo o País

ORIGEM
organização
e
informática

NACIONAL

O "lobby" português...

Max Yergan e George S. Schuyler, jornalistas negros outrora associados ao «lobby» do Katanga, são dois dos nomes referidos no último número da revista espanhola «Índice» como fazendo parte de idêntico grupo de pressão que até 25 de Abril actuava nos E. U. A. para ali fazer valer os pontos de vista do regime português deposto. Outras individualidades pró-Lisboa eram o general Frank I. Howley e um tal Martin T. Camacho, presidente do «Portuguese American Committee.»

O artigo, assinado por Donato F. Ndongo-Bidyogo, começa por definir o que seja um «lobby». Desdobra-o em duas categorias: a primeira inclui os meios que visam conquistar a opinião pública, utilizada subsequentemente para actuar sobre os centros de decisão; a segunda aponta aos centros de decisão, através da acção directa. Ndongo-Bidyogo recorda depois aquele que foi o mais famoso e eficiente «lobby» montado até hoje nos E. U. A., o de Tshombé e da Union Miniére, responsável pelo episódico êxito da secessão do Katanga.

Quando da crise katanguesa, Portugal — isto é, o regime salazarista — ter-se-ia dado conta, por um lado, de que devia lutar contra um inimigo real, os nacionalistas das colónias, e também contra a O. N. U., mas por outro intuia que a mesma O. N. U. só passaria realmente à acção se estivesse segura do apoio norte-americano. Nesta interpretação de Ndongo-Bidyogo resultaria clara a formação (em 1961) de um «cartel» privado, Overseas Companies of Portugal, compreendendo certo número de bancos e sociedades com investimentos em Angola e em Moçambique. Sede da Overseas: Lisboa.

Fundado em Abril daquele ano, o «cartel» logo no mês seguinte teria assinado um contrato de um milhão de dólares com a agência de publicidade Salvage and Lee Incorporated, de Nova York, para «explicar à opinião pública norte-americana a política e as realizações de Portugal nos seus territórios do Ultramar, especialmente em Angola» (pelo menos assim o noticiou, em 17 de Maio de 1961, o «New York Times»). O contrato celebrou-se, por «coincidência significativa», duas semanas após a primeira condenação expressa, pelo então presidente Kennedy, da repressão portuguesa em África.

PASSAVA POR PITTSBURG

«Os publicitários puseram mãos à obra» — escreve Ndongo-Bidyogo. Foram rápidos: num ápice davam à estampa uma «biografia» de Mário de Andrade, elemento de cúpula do M. P. L. A., procurando provar a sua conivência com Moscovo.

Logo a seguir entraram em cena os jornalistas negros Yergan e Schuyler, já famoso ao tempo do «lobby» do Katanga, e este pormenor explicava-se pelo facto de a agência Salvage and Lee estar intimamente ligada a Marvin Liebmann, «cérebro» da propaganda de Tshombé e da Union Miniére na América do Norte. Em Junho de 1961 Schuyler visitou Angola a convite das autoridades de Lisboa. No dia 1 de Julho o seu «Pittsburg Courier», semanário «negro» de grande tiragem, publicava um suplemento especial de 16 páginas afirmando basicamente os «direitos» de Portugal em África e denunciando os nacionalistas angolanos como simples «bandidos».

Max Yergan foi também a Angola, e também a sua reportagem era favorável às teses salazaristas. A agência Salvage and Lee apressou-se a divulgar os textos a nível nacional, tão bem ou tão mal que um extracto foi impresso na edição original do «Reader's Digest» de Novembro de 1961.

A terceira personalidade do «Lobby» português a visitar Angola no primeiro ano da guerra tinha a aboná-la a qualidade militar: era o general Frank I. Howley, ex-comandante americano em Berlim (1948-1949). Howley não deixou de publicar as suas impressões de viagem, inteiramente de acordo com as instruções do «lobby».

«PERIGOSOS SONHADORES»

O «lobby» português tinha a sede em Washington. Aqui funcionava o Portuguese American Comittee, presidido por Martin T. Camacho, que orientou uma violenta campanha de Imprensa contra missionários recém-regressados dos territórios africanos sob administração portuguesa e que, sensibilizados pela situação dos naturais, haviam prestado declarações mal vistas em Lisboa (e no «lobby», claro).

Um dos argumentos-tipo usados por Camacho e pelo P.A.C. era o de que tais missionários não passavam de «perigosos sonhadores e pessoas mal informadas».

O «lobby» português gastou bastante dinheiro em publicidade redigida, já que uma página num diário americano de grande expansão pode custar 6000 dólares. Eram tempos pródigos...

"Têm vergonha de ser portugueses"

Os portugueses imigrados na Rodésia e na África do Sul nada beneficiaram com a política vergonhosamente cúmplice que o regime fascista seguiu em relação àqueles dois bastiões do racismo em África. «Só ouço os portugueses dizer que têm vergonha de ser portugueses» diz-nos um emigrante em carta que nos enviou da Rodésia, e que passamos a transcrever na integra por nos parecer um testemunho de uma situação que a maioria dos nossos leitores muito provavelmente desconhece:

«Em notícias da metrópole, crónica do RCM, escutei uma crónica publicada no «DL» na qual se dava a entender que as verdadeiras notícias e certas novidades aí em Portugal só se sabiam pela boca do estrangeiro. Hoje eu tomei a liberdade de escrever para o «DL», para lhes dar notícias do estrangeiro — só que desta vez é um português quem as diz e talvez estas sejam raras. Sou imigrante há quase um ano, eu, tal como os demais, ganhamos o suficiente para viver bem. Posso, no entanto, dizer que tenho vergonha de estar na Rodésia. Só ouço portugueses dizer que têm vergonha de ser portugueses. Alguns que aqui estão há mais tempo empregados nas lojas fingem ser ingleses, vêem-nos embaraçados e não nos ajudam só para passarem por ingleses, o português trata o próximo por **portugas.** Tenho tentado saber a razão, e dizem-me as mais estúpidas imaginações, por exemplo, que o nosso povo está atrasado ou que somos o preto do Ocidente — e esta? Os ingleses, ou seja, o rodesiano e o sul-africano, desprezam o português, já aconteceu comigo sentar-me num bar, e os tipos afastarem-se, mesmo eu sendo um homem limpo e com maneiras de estar. Nós aqui não temos oportunidade de conviver com eles fora das horas de serviço, de tal forma que, para aprender a língua, é preciso ir para a escola. O português só tem valor para trabalhar, e ir para a tropa, onde há uma centena ou mais de jovens, alguns deles fugidos de Angola e Moçambique para não fazerem o serviço militar lá. Nunca vi na TV a mais pequena publicidade ao nosso País, ou um português ser chamado para entrevistas como fazem com os americanos e outros de cabelo louro quando aqui vêm de visita ou em negócio. Dói o coração a homens como eu sentirmo-nos humilhados por esta raça. Muito mais teria para contar, mas como será fácil notar, tenho pouca arte para escrever. Porém, no próximo ano, irei de vez para a nossa querida Pátria, e poderei então dizer tudo àqueles que se iludem com os que aí vão dizer que vivem na Rodésia. Como se aqui fossemos tratados como gente.»

«Não dou o meu nome completo, porque isso poderia fazer com que me dessem 24 horas para sair da Rodesia, como já tem acontecido a outros portugueses. Aí havia a PIDE, aqui há a CID, que é igual.»

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE/CPE, S.A.R.L.

CAPITAL 5 700 000 CONTOS

SEDE
Rua Sá da Bandeira, 567
PORTO

ESTABELECIMENTO CENTRAL:
Avenida Infante Santo, 15
LISBOA

1.ª Emissão de obrigações Convertíveis em Acções

1.ª Conversão de 1-10-74 a 15-12-74

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas possuidores de obrigações convertíveis em acções de que, de acordo com as condições da respectiva emissão, poderão, a partir de 1 de Outubro e até 15 de Dezembro do corrente ano, efectuar a conversão das suas obrigações em acções desta Companhia, nas seguintes condições:

1. — Ao par, na base de 1 acção por cada obrigação, para os obrigacionistas detentores de obrigações da «EMISSÃO PARA ACCIONISTAS».
2. — Mediante o pagamento de Esc. 140$00 por acção, na base de 1 acção por cada obrigação, correspondente a metade do valor da diferença entre a cotação média das acções da CPE nos 6 meses que terminaram em 15/9/74 e o seu valor nominal, para os obrigacionistas detentores de obrigações da «EMISSÃO PARA O PÚBLICO».
3. — As obrigações convertidas em acções deixarão de vencer juro a partir de 1/1/1975, devendo serem entregues com o cupão n.º 7 e seguintes.
4. — As acções resultantes da conversão terão direito ao dividendo do exercício do ano de 1975.
5. — Os pedidos de conversão poderão ser efectuados nos seguintes estabelecimentos de crédito: Caixa Geral de Depósitos, Banco Agrícola e Industrial Viseense, Banco da Agricultura, Banco do Alentejo, Banco de Angola, Banco Borges & Irmão, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Fernandes de Magalhães, Banco de Fomento Nacional, Banco Fonsecas & Burnay, Banco Intercontinental Português, Banco Nacional Ultramarino, Banco Pinto de Magalhães, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Totta & Açores, Bank of London & South America, Crédit Franco-Portugais, Crédito Predial Português e Montepio Geral.
6. — Os Senhores Obrigacionistas interessados na conversão poderão dirigir-se às instituições de crédito acima referidas a fim de procederem ao depósito das obrigações a converter em acções, tendo, porém, em atenção que essa conversão ficará sujeita ao que na altura estiver estipulado oficialmente quanto a tal tipo de operação.

Porto, 18 de Setembro de 1974

O CONSELHO DE GERÊNCIA

IMPÉRIO - SAGRES - UNIVERSAL

COMPANHIAS DE SEGUROS

SERVIÇOS DE SINISTROS DO RAMO AUTOMÓVEL

INFORMAMOS QUE OS NOSSOS SERVIÇOS DE SINISTROS DO RAMO AUTOMÓVEL SE ENCONTRAM ENCERRADOS NO DIA 27, DO CORRENTE, POR MOTIVO DE MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

NACIONAL

TRABALHADORES METALÚRGICOS E A SITUAÇÃO NOS TAP

. Assinado pelos núcleos dos grupos de trabalho dos metalúrgicos da Amadora e de Odivelas, pelo grupo de trabalho dos metalúrgicos de Vila Franca de Xira, pelas comissões sindicais da Mague e da Mevil, pelas comissões de unidade dos trabalhadores da Sorefame, M.E.C. e da COMETNA, e pelos delegados sindicais dos metalúrgicos da CORAME, dos Nitratos, da Faclima, da Metal Portuguesa, da Macol e da Pretela, foi difundido aos trabalhadores metalúrgicos um documento em que se alertam os trabalhadores dos T.A.P. para os perigos que podem advir da forma como está a ser conduzido o processo reivindicativo por um sector daquela grande empresa de navegação aérea.

O documento faz um curto relato dos acontecimentos nos T.A.P. desde o período anterior ao 25 de Abril.

«Neste momento crucial da história do sindicalismo português e da luta dos trabalhadores contra o nosso inimigo comum — o capitalismo — sentimo-nos na necessidade de analisar e discutir a greve dos T.A.P. em toda a sua profundidade.

«Com um acordo colectivo de trabalho em discussão já antes do 25 de Abril os trabalhadores dos T.A.P. através da sua comissão sindical, verificaram, após esta data, o franco progresso das negociações do clausulado, destacando especialmente a proibição por parte da entidade patronal de fazer despedimentos sem justa causa. Apesar de algumas interrupções, cerca de cem cláusulas foram aprovadas das 250 em discussão.

«Devido, porém, a um momentâneo impasse nas negociações, realizou-se um plenário na Voz do Operário, onde surgiu um caderno reivindicativo apresentado por um grupo minoritário constituído essencialmente por metalúrgicos, a exigir aumento de salários, julgamento imediato dos responsáveis pela repressão de 1973 e o saneamento de uma dezena de indivíduos, entre outras. A maioria dos trabalhadores presentes consideraram prematuro e inoportuno tal conteúdo e, democraticamente, derrotaram por votação tal proposta.

«Parecia sanado o incidente!

«Porém, o tal grupo minoritário, com sentido de oportunismo preocupante, convoca novo plenário só com metalúrgicos e electricistas da divisão da D.M.E. e resolve apresentar e aprovar o caderno reivindicativo rejeitado anteriormente, com a disposição firme de chegar até onde fosse necessário.

«Após a rejeição do caderno, pela administração, os metalúrgicos, valendo-se da sua situação privilegiada no sector da manutenção, iniciaram a greve, tomando o lugar de personagens principais e tendo como meros espectadores os sindicatos e os restantes trabalhadores dos T.A.P.

«Numa tentativa de conciliação o ministro do Trabalho deslocou-se ao local para procurar uma plataforma de entendimento.

«Impossível!

. «As posições eram de tal modo irredutíveis, por parte dos trabalhadores, que o ministro resolveu apresentar o problema em Conselho de Ministros.

«As consequências todos nós as conhecemos, de uma situação ambígua e precipitada, passou-se a uma situação perigosa, pois pela primeira vez, após o 25 de Abril, as Forças Armadas saíram com os tanques para a rua, não para combater o fascismo, não para lutar contra a reacção, mas sim para pressionar trabalhadores.

«A greve caiu. Hoje uns amanhã outros, de boa ou má vontade, todos reiniciaram o trabalho, transformando o movimento de luta numa perigosa derrota, abrindo um precedente de consequências nefastas que poderia arrastar para o divórcio o elo povo-Forças Armadas.

«Grandes lições podemos extraír daqui, camaradas!

«Quem lucrou com a greve dos T.A.P.? Os trabalhadores? O movimento sindical? A democracia? Ou seriam as forças da reacção?!

«Os milhares de contos que se perderam por dia apunhalaram o poder económico do capitalismo ainda vigente, ou fizeram estremecer a já débil situação económica do País?

«Será por acaso a unidade uma palavra banal?

«Pensaram os trabalhadores dos T.A.P., quando exigiram 7800$00 de salário mínimo, lutar ao lado do seu camarada camponês ou pescador que ainda aufere dificilmente 3300$00?

. «Procurou essa minoria justas reivindicações, ao fazer um jogo político prejudicial aos interesses da população trabalhadora?

«Olhemos bem de frente, camaradas dos T.A.P.!

«Vão às portas das fábricas e perguntem aos trabalhadores se estão solidários convosco!

«O povo português libertou-se do fascismo em 25 de Abril, mas a consolidação das liberdades democráticas ainda não está feita, e o inimigo espreita a cada momento a possibilidade de recuperar o que perdeu.

«Desafiar o Governo Provisório e o M.F.A. é servir os que nos exploram.

«Será por acaso, trabalhadores dos T.A.P., que milhares de camaradas nossos, deliberadamente e sem coacção deram um dia do seu trabalho para auxiliar esse Governo que vocês desafiaram?

. «Vós, metalúrgicos dos T.A.P., ao exigirem aumentos para profissionais que ficariam com salários de 10 mil e 11 milescudos, procuraramumareivindicação justa ou só se preocuparam com os vossos interesses!

. «Não estamos convosco. Uma greve só triunfa quando há solidariedade dos outros trabalhadores.

«A greve é a nossa última e grande arma. Porém, não deve ser usada contra nós!

«Uma minoria não pode propositadamente, prejudicar a maioria.

«Alerta camaradas!...

«Essa minoria pseudo-revolucionária chegou ao extremo de esboçar, através do saneamento, o despedimento de trabalhadores que tiveram a hombridade de dizer não à greve.

«Não o conseguiram, mas continuam a provocar camaradas num autêntico jogo sujo para dividir os trabalhadores.

«Apoiemos os camaradas sujeitos à pressão e às arbitrariedades destes pseudo-revolucionários.»

. O documento, que traz a data de 20 de Setembro, tem ainda um «post scriptum» em que se dá conta do sucedido no plenário de 17 deste mês. Nesse plenário, que tem sido muito contestado, foi aprovada a greve a partir das 0 horas de terça-feira 24, o que não se verificou.

TRABALHADORES DA COMETNA

Entretanto, os trabalhadores metalúrgicos da COMETNA difundiram um comunicado que se refere já à situação posterior ao plenário de 17 de Setembro. Nesse documento manifesta-se a «preocupação pela forma aventureira e perigosa como a luta dos T.A.P. está a ser conduzida», e protesta-se «contra a arbitrária decisão de suspender a comissão sindical do A.C.T., não só pelas consequências que, a nível de negociações com o patronato, poderá ter este facto, como pelo desrespeito por uma comissão credenciada pelas direcções sindicais eleitas democraticamente».

Os trabalhadores metalúrgicos da COMETNA terminam manifestando o seu apoio às direcções dos sindicatos dos T.A.P., nomeadamente, à direcção do Sindicato dos Metalúrgicos.

NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA NÃO HÁ LUGAR PARA UMA UNIVERSIDADE CATÓLICA

. «A autonomia adquirida pela ciência, no que se refere a conteúdo e método próprio torna insustentável a tese de um conhecimento específico cristão (católico) mesmo no domínio das ciências humanas», diz-se num documento assinado por pessoas directamente ligadas ao ensino superior em Portugal. Esse mesmo documento, e com base naquela premissa, concluiu pela rejeição da ideia de uma Universidade Católica na sociedade contemporânea.

O documento é subscrito pelos professores Miller Guerra e Fernando Abreu e, ainda, por José Luís de Matos, José Pedro Castanheira, Luís de França, Maria Lúcia Leitão, Manuela Silva, Maria Palmira Lopes, Maria Teresa Ambrósio, Paulo Trindade Ferreira e Sidónio Pais.

Para além de outros considerandos, nomeadamente que «o projecto da Universidade Católica Portuguesa está profundamente viciado na sua origem e desenvolvimento, devido a compromissos incompatíveis com a consciência cristã», o documento não deixa de admitir:

. «Dado que, no entanto, a Igreja dispõe já de um edifício equiparado para o ensino e de um grupo de docentes em exercício, meios de investigação, trabalho realizado e uma certa dotação financeira afecta a um objectivo genérico de ensino e investigação, leva os signatários a propor a transformação radical da U. C. P. de acordo com os seguintes objectivos: formação teológica aberta à reflexão crítica sobre a sociedade e orientada para o empenhamento dos cristãos na transformação da mesma sociedade; a produção de uma crítica permanente da sociedade, tanto do ponto de vista da sua estrutura como do ponto de vista da actuação política, social e económica dos poderes constituídos, por forma a contribuir para a construção do novo projecto histórico e o apoio específico na formação e consciencialização das classes trabalhadoras, na sua libertação efectiva e na luta contra a exploração a que são sujeitas.»

O M.P.A.C. APOIA UNIDADE GUINÉ-CABO VERDE

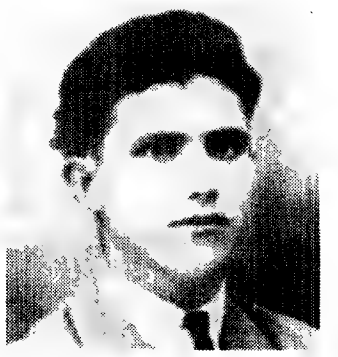
Foi ontem inaugurada, na Cantina da Cidade Universitária, uma exposição alusiva ao 24 de Setembro, data comemorativa do 1.º aniversário da independência da República da Guiné-Bissau, solenemente proclamada em Madina do Boé.

Promove esta exposição, o Movimento Popular Anti-Colonial (M.P.A.C.), organização de unidade revolucionária que em torno de um programa unitário em quatro pontos, agrupa anticolonialistas portugueses, tendo promovido as grandes manifestações anticolonialistas do 21 de Fevereiro, a última das quais provocou um grande arrontamento na Praça do Chile, entre as massas populares e polícia de choque do Governo fascista.

Na exposição relatam-se as diversas fases da luta do povo da Guine pela sua libertação nacional. A fase da resistência tribal, a fase da luta legal e a fase da luta armada, são historiadas ao longo dos painéis. Podem ainda ver-se citações do grande dirigente Amílcar Cabral, assassinado pelos fascistas a soldo do Governo colonial-fascista de Marcelo Caetano e do imperialismo mundial.

Uma colecção dos números do «Anticolonialista», jornal central do M.P.A.C. está também patente na exposição. Sobre o aviversário da independência da Guiné Bissau, o Movimento Popular Anti-Colonial fez sair ainda um comunicado, no qual denuncia as «manobras colonialistas» em relação ao caso de Cabo Verde, defendendo a Unidade Guiné-Cabo Verde e apontando a «separação e completa independência para os povos das colónias» como o único caminho para conquistar a paz.

Augusto Martins é hoje homenageado



Em homenagem a Augusto de Almeida Martins, militante comunista assasssinado pela repressão fascista, os seus camaradas e familiares efectuam esta tarde, pelas 18 horas, uma romagem ao cemitério da Ajuda, onde jazem os seus restos mortais. À noite, pelas 21 e 30 realiza-se uma sessão de homenagem na sociedade recreativa Armadorense, na Rua do Cruzeiro, à Ajuda.

Apenas com 24 anos de idade, Augusto Almeida Martins, operário metalúrgico de Lisboa foi assassinado pela P.V.D.E. (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado que antecedeu a P.I.D.E.) após quatro dias e quatro noites de torturas atrozes nos antros da Polícia.

Muito novo na actividade revolucionária, em que chegou a desempenhar papel de relevo, o jovem militante foi preso a 21 de Setembro de 1937, altura em que se verificava uma ampla ofensiva da repressão relacionada com a actividade do Partido Comunista Português na acção de solidariedade à luta do povo espanhol. Torturado selvaticamente, com as unhas queimadas e os ossos partidos, Almeida Martins sucumbiu quatro dias depois. Só no dia seguinte a família foi avisada de que o seu cadáver se encontrava na morgue. Os sinais das sevícias praticadas ainda eram visíveis.

Augusto Martins caiu heroicamente, não traindo os ideais a que dedicou os 24 anos da sua juventude.

FORJANDO A LINHA POLÍTICA

Continuação da pág. 9

tecimento não circulavam senão em comboios de pelo menos algumas dezenas de veículos. Nessas condições, a menos que se dispusesse de forças consideráveis, difíceis de reunir para uma emboscada, era quase impossível recuperar material. Esta situação mudou com o desencadear de ataques de envergadura, a tomada de assalto e aniquilamento total dos postos portugueses. Embora camuflando armas em vários esconderijos dispersos, mesmo no exterior do recinto dos postos, os portugueses não nos podiam impedir de apreender grandes quantidades de material. Pode-se assim começar a treinar elementos da população e distribuir-lhes armas: era uma exigência determinado pela necessidade de defesa das regiões libertadas e pela extensão da luta. A criação de milícias populares resultava pois do desenvolvimento da luta tanto do ponto de vista militar como no que concerna a organização das massas popilares. Ela permitiu a consolidação da defesa das zonas libertadas contra as incursões inimigas, libertou os combatentes daquela tarefa e permitiu-lhes estender os combates a novas zonas libertadas, onde o colonialismo português não tinha nem controlo nem possibilidade de influência — excepto o terrorismo aéreo e terrestre — determinam uma nova vida e uma nova sociedade que tinha existido de início paralelamente à sociedade colonial e que se tornava agora dominante. Sem o saber, em todo o caso sem o querer, o exército português tinha acelerado o processo: ao evacuar todos os comerciantes da região ele havia cortado todo o contacto e toda a possibilidade de influência sobre as populações. Se a sua intenção foi forçar as populações à fuga ou ao seu encerramento em aldeamentos, o resultado foi diferente já que levou a população e a organização a traçar em conjunto o caminho, sobre novas bases.

AMBIENTE E CONFORTO

Se os aprecia, confie-nos a decoração da sua casa, pois nós dispomos de técnicos-decoradores e oficinas próprias para a execução de móveis modernos e de todos os estilos. Apresentamos sugestões.

REQUINTE

AV. ALMIRANTE REIS, 110 — TEL. 822891
(perto Praça do Chile)

MOBILIÁRIO - SÉCULO XVII

Assim como outros estilos. Fabricante executa mobílias completas e móveis soltos. Grande variedade em exposição Artis, Móveis & Decorações, Rua Maria Andrade, 64. Telefone 848719 (Junto igreja dos Anjos).

BRASIL
VIAGEM ESPECIAL
AMBIENTE DE CRUZEIRO
Paquete "ANNA NERY"
(CLASSE ÚNICA)
A SAÍR: 1 DE OUTUBRO DE 1974
LISBOA · LAS PALMAS RECIFE
SALVADOR · SANTOS RIO DE JANEIRO
PREÇOS DESDE 8.970$
TAXAS INCLUIDAS
RESERVAS E INFORMAÇÕES
abreu
fundado em 1840
LISBOA: Av da Liberdade, 160 • Telef 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados 207 • Telef 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs 2 701/2
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

TROCO

os seus móveis usados por novos, modernos ou de estilo. Grande variedade em exposição. Fabricação por desenhos. Facilidades de pagamento.

ARMAZÉNS DE MÓVEIS
J O R G E
Av. Almirante Reis, 35
(Aos Anjos)
Telef. 83 21 61

PASSAPORTES
INDIVIDUAIS FAMILIARES COLECTIVOS
NORTUR, PM TURISMO

ESTRANGEIRO

Continuação por algum tempo da alta de preços da energia

NAÇÕES UNIDAS, 25 (R.) — Numa análise do panorama económico internacional, o subsecretário-geral dos Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas, Philippe de Seynes, prediz a continuação, por algum tempo, da alta dos preços da energia, dos transportes, dos géneros alimentícios e dos fertilizantes.

Discursando na comissão financeira e económica da Assembelia-Geral, de Seynes explicou que a alta resulta dos esforços dispendidos pelos países produtores de matérias-primas para elevar os seus preços de exportação, a fim de fazerem face ao custo ascendente dos artigos manufacturados que importam.

Entretanto, os trabalhadores da indústria continuarão a esforçar-se «por recuperar as perdas sofridas no seu poder real de compra e por harmonizarem os seus salários com o nível dos preços — os dos sectores da energia e dos transportes, da alimentação, afectados como são pelo elevado custo dos adubos químicos — continuarão a subir» — advertiu.

Seynes acha ser «difícil discernir qualquer quebra digna de nota na curva ascendente dos preços das manufacturas, no futuro imediato». Por outro lado, disse que são efémeros os benefícios que os países subdesenvolvidos retiram da inflação com o aumento das suas reservas de cambiais estrangeiros derivado da subida dos preços das suas matérias-primas, visto que essas reservas depressa são absorvidas pelo acréscimo do custo dos produtos manufacturados.

Conscientes desse risco, os países mais pobres estão a empreender pesquisas geográficas e hidrológicas e a modernizarem os seus processos agrícolas e mineiros como medida de protecção.

O subsecretário-geral detectou porém um aumento positivo num panorama de contrário sobrio para os países industrializados, e que é o sistema pelo qual os mais bem remunerados pagam proporcionalmente impostos de rendimento mais elevados, com a tendência cada vez maior para aumentar a receita pública e reduzir a procura.

No entanto, — prosseguiu — «uma certa fragilidade do sistema financeiro internacional» mantêm viva a inquietação do público e «a abundância de capitais líquidos nos mercados do euro-dólar, nos cofres-fortes das companhias transnacionais e nas tesourarias dos países produtores de petróleo» contribuem para a volatilidade da situação internacional muito embora não seja provável que se repitam as crises económicas dos anos 20 e 30.

Seynes comparou os problemas com que lutam os países industrializados para fazerem face à alta do petróleo às experiências vividas pela Alemanha, depois da I Grande Guerra, com o pagamento de reparações.

As gigantescas transferências de dinheiro requeridas para o pagamento de petróleo podem causar a descompressão do mercado mundial, de uma maneira que afectaria os países subdesenvolvidos, a não ser que os produtores de petróleo invistam rapidamente os seus novos lucros para criarem recursos autênticos — declarou.

O subsecretário advertiu, por outro lado, que se pelo contrário «os países produtores de petróleo optarem, por razões próprias, aplicar o seu capital líquido em instrumentos a curto prazo, é de prever-se uma queda brusca da procura mundial». Nesse caso, os importadores de petróleo terão de adoptar medidas, como isenção de impostos aos grupos de baixo rendimento, para que a actividade económica interna não cesse.

WATERGATE

As gravações reveladoras

NOVA IORQUE, 25 (FP) — Richard Nixon foi de novo posto em causa pelo papel desempenhado no caso de Watergate a quando da publicação de gravações inéditas de conversações da Casa Branca que datam de 1973.

Estes documentos sonoros trazidos a lume pela cadeia de televisão CBS reproduzem conversas gravadas em Abril entre o secretário-geral da Casa Branca, na altura Bob Haldeman, e Nixon. Este último evoca com o seu interlocutor o problema da sua conversa de 21 de Março com o seu conselheiro John Dean.

Haldeman faz notar a Nixon que o assunto da conversa foi o fornecimento de dinheiro e a concessão duma amnistia aos assaltantes do Watergate.

Nixon diz: «Será a palavra de Dean contra a palavra do presidente». Haldeman declara que Dean talvez tenha tomado notas, de maneira que sugere ao antigo presidente para dizer que procurava unicamente obter informações.

Nixon invoca igualmente o receio de ser traduzido em justiça. «Terão que lhe intentar um processo de destituição e isso não se fará» respondeu Haldeman, segundo revela a CBS.

Campanha mundial dos exilados de guerra norte-americanos

TORONTO, 25 (A. N. I.) — Os exilados de guerra norte-americanos afirmaram que lançarão uma campanha mundial, este mês, para mostrar a sua rejeição pelo plano de amnistia condicional do presidente Ford e pedir uma amnistia incondicional.

Um informador dos exilados declarou que o plano de Ford cobre apenas uma minoria de exilados e esquece centenas de milhares de outros que vivem clandestinamente ou inferiorizados por uma desmobilização desonrosa.

Os exilados, que neste fim-de-semana realizarão em Toronto uma conferência internacional, receberam na segunda-feira apoio do conselho nacional para amnistia universal e incondicional, que pediu também o boicote ao plano de Ford.

Este plano oferece amnistia condicional em troca de dois anos de serviços públicos e de um juramento de fidelidade aos Estados Unidos.

Tanto o conselho como outras organizações representativas dos exilados têm programadas várias manifestações e sessões de esclarecimento nos Estados Unidos, para darem publicidade à sua teoria contra o plano de Ford.

Está prevista uma «semana de protesto», que terá lugar de 29 de Setembro a 6 de Outubro, com manifestações em frente dos consulados americanos no Canadá. Na Europa, tais manifestações terão lugar a 5 de Outubro.

Há cerca de 28 000 resistentes à guerra no exílio, a maior parte dos quais vivem no Canadá ou na Suécia.

Marido ciumento atirou-se ao ar

DUDLEY, (Inglaterra) 25 (R.) — Um marido ciumento atirou-se ao ar, quando descobriu que a mulher se encontrava com outro homem. Para isso construíu uma catapulta com uma tábua flexível e câmaras de ar e conseguiu saltar até à janela do quarto onde o par se escondia.

Depois de entrar de roldão pela janela, o marido ultrajado puxou de uma navalha e tentou agredir o rival, mas foi dominado antes de concretizar os seus intentos.

O caso foi agora ouvido em tribunal e o juiz decidiu manter sob custódia o marido agressor, possivelmente com receio de que dê o salto para qualquer lado e não compareça ao julgamento.

6.ª FEIRA DIA 27

À venda em todo o País o n.º 67 de

motor revista

Agora temporariamente mensal
conforme oportunamente já foi divulgado

Neste número:

- A CRISE DA INDÚSTRIA AUTOMÓVEL
- TRANSITO
- MOTOR HOME — UM «PALÁCIO» AMBULANTE
- BORGES/MORAIS E O EUROPEU DE «RALLIES»
- CAMPEONATO MUNDIAL DE CONDUTORES — FÓRMULA 1
- SPORT/2 LITROS
- FITZPATRICK, CAMPEÃO EUROPEU DE GRANDE TURISMO
- KARTING: TAÇA DE PORTUGAL — CAMPEONATO DO MUNDO
- MOTOCICLISMO
- ESCALA REDUZIDA
- UM NOVO BARCO DUCAUTO

TESTE: ALFA SUD — UM CARRO QUE PODERÁ VIR A SER FABRICADO EM SINES

MESMO FORMATO E IGUAL NÚMERO DE PÁGINAS
MESMO PREÇO - 10$00

AFIRMADO EM VIENA

OS EXPORTADORES DE PETRÓLEO NÃO SE CURVARÃO ÀS EXIGÊNCIAS AMERICANAS

BRUXELAS, 25 (A.N.I.) — Os principais exportadores mundiais de petróleo não se curvarão às pressões americanas para reduzir os preços de petróleo, afirmando que não é a eles que se deve culpar pela crise económica em que se encontra o mundo industrializado.

«Se, no espírito dos americanos, esta pressão é feita para que nós sejamos postos na ordem e tudo continue como no passado, então enganam-se a eles próprios e ao resto do mundo» — declarou Abderrahman Khene, secretário-geral da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em Viena.

«Somos os últimos a quem devem ser atribuídas culpas pelo que está a acontecer no mundo».

As observações de Khene são uma resposta às críticas acesas feitas à OPEP pelo presidente norte-americano, Gerald Ford, e pelo Secretário de Estado, Henry Kissinger.

Falando perante a conferência mundial de energia em Detroit, Ford culpou os árabes pela crise económica mundial, o que foi reafirmado perante a Assembleia Geral das Nações Unidas.

Os doze membros da OPEP, que produzem 85 por cento do petróleo que se exporta, quadruplicaram os preços do petróleo em bruto nos últimos meses. No início deste mês decidiram fazer um novo aumento de 3,5 por cento, que entrará em vigor a 1 de Outubro.

«Aumentamos os preços para proteger o poder de compra do petróleo — afirmou Khene — nada fazemos com o objectivo de destruír a economia mundial. Pelo contrário, sofremos ainda com o que se passa no âmbito dessa economia».

Os comentários de Khene foram a mais forte resposta às declarações de Ford e Kissinger. A maioria das nações da OPEP não fizeram comentários sobre a campanha de pressão norte-americana, mas outros, como a Venezuela, não disfarçaram o seu aborrecimento com essa campanha.

O chefe de Estado venezuelano, Carlos Andres Perez, enviou um telegrama de 2500 palavras a Ford, na passada semana, respondendo às críticas feitas à OPEP.

Perez, tal como outros chefes de Estado de países membros da OPEP, defende que o preço do petróleo só pode ser considerado no âmbito dos preços mundiais em geral. O secretário presidencial Ramon Escobar Salom, salientou por seu turno que o endurecimento de posições entre os países consumidores e as nações produtoras de petróleo, podiam levar «a um perigoso conflito internacional».

No Koweit, o ministro do petróleo, Abdel Rahman Aitqi falou do ataque de Ford, afirmando: «Deixem o presidente falar como quer, ele pode dizer tudo o que pensa. «Os produtores de petróleo têm também o direito de discutir os preços elevados dos produtos norte-maericanos».

Mais barato e menos poluidor

MOSCOVO, 25 (R.) — A União Soviética vai iniciar a produção em massa de um automóvel accionado por gás natural liquefeito — anunciou a TASS.

Um protótipo, modelo convertido de um «Volga» de cinco lugares, foi ensaiado com êxito, e vários milhares de unidades serão construídas no próximo ano.

O gás liquefeito é muito mais barato e menos poluídor do que a gasolina — segundo a TASS — e pode ser utilizado num motor convencional com o mínimo de modificações.

CHARTERS
PARTIDAS FREQUENTES
VOOS DE FRETAMENTO PARA
LONDRES
FUNCHAL
LAS PALMAS
P.MA DE MAIORCA
ROMA
PARIS
PREÇOS MUITO BAIXOS
CONSULTE
MUNDIRAMA
R. DO CRUCIFIXO, Nº 33
LISBOA 2 TELEFS
323633 / 324296
328856 / 363294
MUNDIRAMA
PASSAPORTES

ESTRANGEIRO

GROMYKO NA O.N.U.

A COEXISTÊNCIA PACÍFICA TRANSFORMA-SE EM LEI

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 25 (EFE-ANI) — O ministro de Relações Exteriores da União Soviética, Andrei Gromyko, declarou ontem na vigésima nona Assembleia Geral da O.N.U., que o desanuviamento ultrapassou pela primeira vez o quadro das seguranças verbais para adquirir um conteúdo concreto.

Gromyko assinalou a importância particular dos acordos assinados entre a União Soviética e os Estados Unidos para evitar a guerra nuclear. E indicou, por outro lado, que a ebulição política do continente europeu e o desenvolvimento das relações bilaterais entre as nações de sistemas sociais diferentes constituem outro saldo positivo importante».

A coexistência pacífica — disse Gromyko — transforma-se mais e mais numa lei da vida contemporânea».

O ministro soviético mostrou-se partidário de que as Nações Unidas dêem prioridade à conquista da paz em Chipre e no Médio Oriente «antes de que a situação se [illegible] ui-

[illegible] se manifestou contra a intervenção «pela força das armas» contra a integridade territorial de Chipre. E pediu a retirada das tropas estrangeiras, o restabelecimento da ordem constitucional e a convocatória «dentro do âmbito da O.N.U.) de uma conferência internacional onde as decisões adoptadas com a participação de representantes cipriotas para assegurar a independência da ilha mediterrânea sejam garantidas pelos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

A China já auxiliou cinquenta países

. **HONG KONG, 25** — (UPI-ANI) A China, actualmente um dos países que mais auxílio concedem ao estrangeiro, felicita-se pelo seu programa desinteressado de ajuda e compara-o às técnicas «exploradoras» da União Soviética.

A política de auxílio da China foi delineada num artigo publicado ontem pelo jornal do Partido Comunista O «Diário do Povo», e lido em excertos durante uma transmissão da agência Nova China captada em Hong Kong.

O artigo afirma que o próprio desenvolvimento da China se efectua ainda a um nível muito baixo e a sua força material é limitada», mas embora não tenham sido publicados quaisquer dados oficiais, o total da ajuda exterior chinesa, excluindo a ajuda militar, calcula-se até agora nuns dois biliões de dólares. A maior parte desta soma foi despendida nos últimos cinco anos.

Informa-se ainda que 50 países receberam já ajuda de Pequim.

CHIPRE

Denktash defende a solução federal

. **ESTRASBURGO (França), 25 — (D.P.A.-A.N.I.) — Rauf Denktash, chefe da comunidade turca em Chipre, afirmou ontem que a ilha devia ser dividida em regiões turcas e gregas, que conjuntamente formariam um Estado federal independente.**

Denktash sublinhou que é contra qualquer forma de união da ilha mediterrânea tanto com a Grécia como com a Turquia.

O dirigente turco fez estas declarações aos jornalistas, depois de ter participado numa reunião da comissão política da assembleia consultiva do Conselho da Europa, em que também interveio um dirigente da comunidade cipriota grega, Stathos Papadopoulos.

Numa conferência de Imprensa separada, Papadopoulos acusou a Turquia de renovar a agressão militar e o roubo das propriedades cipriotas gregas.

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

ANÚNCIO

EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA «CANALIZAÇÃO VILA FRANCA DE XIRA — TELHEIRAS (2.ª FASE)»

Faz-se público que foi prorrogada para 12 de Novembro de 1974 a data de abertura das propostas do concurso em referência.

De harmonia com o respectivo programa, as propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 11 de Novembro de 1974, na Secretaria dos Serviços Técnicos, mantendo-se todas as demais condições dos anúncios já publicados.

Lisboa, 20 de Setembro de 1974

Pela COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização

MANUEL NUNES

AGRADECIMENTO

Sua família vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar, especialmente àqueles que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

"CAÇA AO MISTERIOSO LORDE": ABSORVENTE JOGO ELEITORAL

. **LONDRES, 25 (R)** — Políticos e jornalistas prosseguiam hoje o novo e absorvente jogo eleitoral a caça ao misterioso lorde».

O jogo começou ontem quando o chefe do Partido Liberal, Jeremy Thorpe, declarou na sua conferência de **Imprensa diária, inserida na campanha eleitoral, que** um segundo par do Partido Trabalhista na Câmara dos Lordes estava prestes a demitir-se.

Lorde Chalfont, antigo **ministro trabalhista, anunciou a** sua demissão no domingo, citando como motivo o crescente domínio do partido pelos esquerdistas, e insinuando que provavelmente aderiria aos liberais, depois da eleição, que se realiza em 10 de Outubro.

Thorpe, conhecido pelo seu gosto pela publicidade, recusou-se a identificar o par misterioso, adiantando apenas que a demissão era esperada antes da meia-noite de ontem.

A «caça» começou desde logo, e não apenas por representantes dos órgãos da Informação. O Partido Trabalhista ficou igualmente intrigado, e noticiou-se que funcionários do partido procuraram indícios nos discursos proferidos recentemente pelos seus pares.

Num discurso proferido a noite passada, Wilson declarou que o contrato social era a mais imaginativa tentativa jamais feita neste país para resolver os nossos problemas económicos de modo são e racional».

O dirigente conservador oposicionista, Edward Heath, afirmou, por seu turno, que nenhum Governo podia garantir a paz industrial. E acrescentou:

«Temos de nos concentrar naquilo que nos une e não naquilo que nos divide.»

À medida que a «caça» prosseguia durante o dia, provocando confusão entre os 133 pares trabalhistas, Thorpe, com evidente satisfação, arrebatava os cabeçalhos dos jornais e a atenção da Televisão.

«Vou parecer idiota se ele não se demitir esta noite», foi a certa altura ouvido Thorpe comentar.

Chegou a meia-noite, e de demissão, nada. As notícias da Imprensa haviam reduzido a seis o número de candidatos possíveis à demissão, e nenhum deles, segundo todas as probabilidades, provocaria ao primeiro-ministro, Harold Wilson, problemas de vulto.

Contudo, o mistério havia insuflado certo alívio na sombria luta entre o Partido Trabalhista e o Partido Conservador, assim como alguma **publicidade, que foi bem-vinda**, aos Liberais, que têm apenas 15 membros na Câmara dos Comuns, de 635 lugares.

Entretanto, uma greve de 1800 operários da Ford ameaçava a credibilidade do **«contrato social» dos Trabalhistas**, acordo de restrições no aumento de salários entre o Governo e os sindicatos, com vista a travar a inflação.

As dificuldades económicas ameaçam o sistema parlamentar britânico

. **LONDRES, 25 (UPI-ANI)** — Apesar da reputação da Grã-Bretanha de perder tempo a discutir ninharias, estão agora a ser levantadas questões, como, por exemplo, a de saber se as suas actuais dificuldades económicas não poderão levar ao colapso do regime parlamentar inglês.

Embora seja uma possibilidade geralmente evitada pelos políticos e eleitores britânicos, já é veladamente discutida por alguns jornais britânicos, por alguns economistas e em alguns dos cafés politicamente orientados do continente europeu.

Tudo principiou na convocação do eleitorado para o dia 10 de Outubro, para decidir se será Wilson ou outra pessoa a dirigir a Grã-Bretanha nos próximos tempos.

Trata-se de eleições de que todos se aproximam com relutância e com a convicção de que os resultados não serão muito melhores do que os das últimas eleições — que deixaram o Partido Trabalhista, minoritário, dependente do apoio do Partido Liberal e de votos ocasionais dos nacionalistas escoceses e galeses, e, por isso, sujeito a cair em qualquer altura.

O «Times», de Londres, afirmou que o próximo parlamento terá a última oportunidade para evitar o desastre económico e social.

O «Economist» declara que a actual crise ameaça a própria estrutura da sociedade britânica e das suas instituições democráticas.

O principal colunista político do «Daily Telegraph» especulou acerca de um possível colapso do sistema parlamentar na Grã-Bretanha.

Um importante economista norte-americano, o prof. Milton Friedman, da Universidade de Chicago, declarou numa entrevista publicada em Londres que a Grã-Bretanha verá o fim do sistema democrático, se não resolver o seu problema principal a inflação.

Anteriormente, em discurso proferido perante uma conferência económica, Friedman chamara a atenção para a voz da violência física que se faz ouvir nos círculos políticos britânicos e previu o levantamento de Exércitos privados, cujos alvos seriam os sindicatos britânicos.

Sir Keith Joseph, que foi ministro da Saúde e da Segurança Social no último Governo de Edward Heath, tomou uma posição semelhante, avisando que a inflação, descontrolada destruiria a democracia tal como foi, aliás, previsto por Lenine.

Estas sombrias especulações seguem-se aos seguintes factos económicos: a inflação britânica atingiu uma taxa anual da ordem dos 20 por cento; o desemprego aumenta e o produto nacional bruto ou se mantém ou diminui; a balança de pagamentos deste ano apresentará um «deficit» da ordem dos 10 biliões de dólares.

Além disso, as vozes da extrema direita e da extrema esquerda tornam-se mais estridentes, e recordam que foi um Governo de coligação que ajudou a Grã-Bretanha a sobreviver à crise da Segunda Guerra Mundial.

Wilson excluiu inequivocamente qualquer coligação, seja com os conservadores, seja com os liberais.

Os liberais têm receio de uma coligação com os conservadores temerosos de perderem a sua imagem liberal.

Os conservadores mantêm as suas opções em aberto.

Mas cada vez mais, uma coligação de moderados parece que seria a resposta a boa resposta aos desafios do nosso tempo.

Virgínia Oliveira Lopes da Silva

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria de Lourdes Paço de Arcos, marido e filhos, Marieta Possolo Correia, marido e filhos, Rui Figueiredo de Barros, esposa e filhos, Luís Pereira de Lima, esposa e filho, Lídia Oliveira e mais família, participam o falecimento da sua querida tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 26, às 9,30 horas, da Igreja de Fátima, Capela 3, para o cemitério de Benfica. Às 9 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIGUEL DE ALMEIDA
Tel. [illegible] 660288

DR. JOSÉ DE MATOS CORREIA

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que 5.ª feira, dia 26, às 10 horas, na Igreja de S. João de Brito, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma. Desde já agradecem, não só a todas as pessoas que se dignem associar a este acto, como também a todas aquelas que de qualquer modo manifestaram o seu pesar e às quais não foi possível agradecer directamente por desconhecimento de moradas.

JOÃO TOMÁS DA SILVA REBELO

FALECEU

Esposa, Filhos, Irmã, Sobrinhos, e mais família participam o falecimento do seu muito querido Marido, Pai, Irmão, Tio e Parente, e que o funeral se realiza amanhã, às 10.30 horas, saindo da sua residência, Rua República Peruana, 11-5.º-Esq.º, para o cemitério de Benfica.

FUNERÁRIA DE BENFICA
Estrada de Benfica, 749-C
Telef. 702449

REPORTAGEM

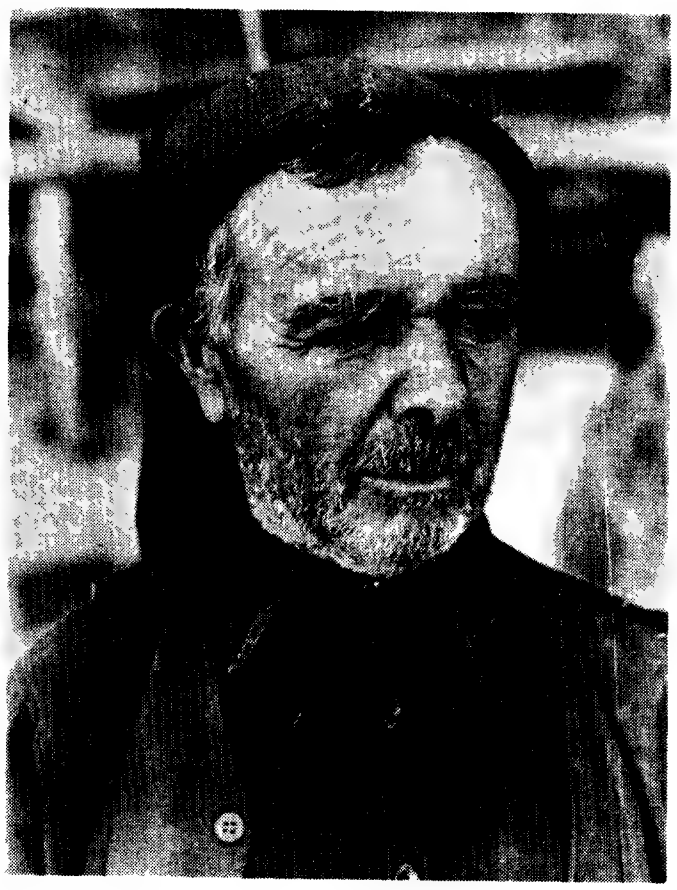
ARROZ

Ameaçam parar os seareiros de Muge (1)

Em pleno arrozal de Porto de Muge, os seareiros rodeiam o nosso repórter e contam as suas desditas.

Texto de JOSUÉ DA SILVA
Fotos de RUI PACHECO

. De quinhentos e tal, são agora apenas uns vinte. E mesmo assim desesperados. Ou quase. O que não contribui em nada para que as coisas corram pelo melhor, incluindo as colheitas. Os seareiros de Muge, produtores de arroz por conta da Casa de Cadaval, não aceitam ter de pagar 50 por cento do produto do seu trabalho, fora as despesas com a mão-de-obra. E ameaçam parar toda a sua actividade para o ano que vem. O que quer dizer que no ainda muito largo espaço de arrozais em torno de Muge, não haverá, por esta altura, em 75, nem um bago de arroz. A circunstância, a ter lugar, traria sérias consequências: paralisação para uns milhares de trabalhadores que esperam do dinheiro ganho na safra do arroz o seu sustento e mais



um golpe na economia nacional. O melhor, porém, é darmos a palavra aos mais interessados neste diferendo os que cultivam o arroz, não só nas terras de Muge propriamente ditas, mas por os aléns das freguesias de Porto de Muge, Glória, Foros de Benfica, Marinhais, etc.

UM CONTRATO QUE NÃO SE CUMPRE

Segundo o contrato de parceria para a cultura de arroz estabelecido aos 25 de Março de 1974 e que é apenas a reiteração de outros contratos havidos desde muitos anos atrás, estipula-se o seguinte referente à **contribuição dos dois parceiros:**

. NO QUE CONCERNE AO PARCEIRO PROPRIETÁRIO:

. 1.º — Prestará assistência técnica e exercerá a mais ampla fiscalização, interferindo sempre que julgue conveniente, em todos os trabalhos, desde a lavoura, até à entrega do arroz na eira ou no armazém do secador.

2.º — Manterá em boas condições os canais principais de rega e esgoto, e os respectivos comoros de defesa.

3.º — Fará sempre que seja possível os esgotos das áreas cultivadas, antecipando assim a plantação, ou melhorando as condições da colheita.

4.º — Fornece toda a água necessária para a rega.

5.º — Faz a rega em toda a área cultivada.

6.º — Empresta o valor total da planta de arroz, quando lhe seja pedida conforme as condições do n.º 14 ou o valor da semente seleccionada para o viveiro estabelecido pelo parceiro cultivador. Cede gratuitamente, sempre que lhe seja possível, terra para o parceiro cultivador estabelecer o viveiro necessário para a plantação da terra que lhe foi entregue para cultivar.

7.º — Fornece todos os adubos ao preço da tabela oficial ou ao preço corrente no mercado.

Empresta o valor de 2/3, ao parceiro.

Paga 1/3 dos adubos.

Fiscaliza a distribuição dos adubos, pertencendo-lhe as sacas vazias.

8.º Desde que o arroz esteja em boas condições, faz a debulha, entregando-o na eira devidamente ensacado.

9.º — Fornece a sacaria para o ensaque do arroz.

10.º — Constrói os caminhos e pontes para serventia das áreas cultivadas, excluídos os da condição n.º 11.

NO QUE CONCERNE AO PARCEIRO CULTIVADOR

Antes de entrarmos no «penoso» capítulo da segunda metade dum longuíssimo contrato para o qual, antigamente, bastaria a palavra dada, o repórter fará esta referência: a grande maioria dos seareiros da Casa Cadaval — hoje não mais de vinte, como já dissemos, antigamente uns quinhentos, e alguma coisa deve ter acontecido para que se desse tal êxodo —, a maioria deles, dizíamos, têm toda a vida enterrada naqueles lodaçais. Não empobreceram de todo, mas estão quase como começaram, isto é, apenas com o bastante para ir andando. Alguns vêm mesmo de mais longe, quer dizer, as rendas já passaram de pais para filhos. Pois apesar disso, a Casa Cadaval obriga-os, no ano de 1974, a fazer um contrato que, embora pareça o que o povo chama «uma pechincha», nem por aquilo que está escrito, nem pelo que dessa parte se cumpre, nem por tudo a quanto obriga a segunda parte, (a que atende aos «deveres» dos seareiros), poderá ser considerado um contrato exemplar. Moralmente e de facto. Mas um contrato é um contrato e depois de o aceitarmos só há que cumpri-lo. Ora os seareiros de Muge deviam ter lutado a seu tempo por um melhor contrato e, como o não fizeram, acarretam agora com a sua dureza. No entanto e em contrapartida, parece que a Casa de Cadaval resolveu não acarretar com todas as cláusulas e parágrafos da sua parte contratual. Adiante, lá iremós.

Vejamos, pois, em que pontos se baseia a parte contratual dos seareiros, ou **parceiros cultivadores**:

. 11.º — Regulariza os caminhos dentro das suas áreas.

12.º — Faz a armação dos canteiros, nivelamento, lavoura, gradagem e todos os trabalhos de mobilização da terra.

13.º — Manterá em boas condições todas as valas dentro da sua área que sejam necessárias para rega ou esgoto.

14.º — Faz a plantação de toda a terra, com plantas suas ou fornecidas pelo parceiro proprietário.

O parceiro proprietário fornece a planta desde que o parceiro cultivador se inscreva até ao dia 1 de Março, indicando a área de viveiro e variedade.

O arranque será da conta do parceiro cultivador, sendo-lhe debitado o viveiro ao preço do custo.

15.º — Faz sempre as mondas em devido tempo.

16.º — Paga 2/3 dos adubos utilizados, fazendo o seu transporte e respectiva distribuição.

17.º — Faz as ceifas quando o arroz estiver maduro.

18.º — Faz o transporte de todo o arroz em rama, que esteja em boas condições de debulhar, para a eira que lhe for indicada.

19.º — Toma conta do arroz debulhado de toda a produção até que esteja em condições de armazenar.

20.º — Se houver necessidade de recorrer ao secador, fará todos os transportes e pagará 60 por cento das despesas.

Quando parceiro cultivador depois de avisado, não cumprir qualquer condição deste contrato, poderá o parceiro proprietário mandar fazer os serviços que entenda necessários, descontando na colheita, em arroz, o valor despendido.

Que nos desculpe o leitor esta pesada transcrição. No entanto, só assim nos parece possível dar a dimensão exacta dos factos que ocorrem com os seareiros da Casa Cadaval. Uma coisa salta à vista: não será preciso togar-nos de causídico, para vermos como este contrato está redigido de maneira a interessar unicamente aos donos da terra. Todas as vantagens são para eles. Basta ler com atenção. Então pergunta-se: como caíram os seareiros na armadilha? A resposta é fácil: na sua grande maioria, os de antes e os de agora, não sabem ler, nem escrever. Quanto muito assinam o nome e nem todos. E nós sabemos como é fácil levar gente que não sabe ler nem escrever a engolir contratos como este. Logo, vislumbra-se no caso uma espécie de lesa-inocência, que talvez não esteja prevista nos códigos legais como crime.

A PALAVRA DOS SEAREIROS

— O arroz vai aumentar de preço? E o que é que nos toca a nós? Estamos a pagar jornas altas aos trabalhadores, exactamente porque achamos justo que assim sejam pagas. Aumentaram os adubos e tudo quanto temos de comprar para as nossas terras. E se temos de dar por contrato 40 por cento da safra ao dono da terra, tirante as outras despesas, quanto é que nos fica, diga lá, em consciência?

. Falámos com um dos ranchos que trabalham na safra. Autêntico: mulheres e homens usufruem salários de 200 escudos diários. Os ranchos são numerosos, de vinte, trinta e mais trabalhadores por uns tantos hectares, o que contribui para tornar pesado (em relação ao seareiro, já se vê) o encargo da safra.

O povo de Muge protesta quanto pode, sabendo, embora, que na vila, é perigoso protestar desta maneira.

. Se para o ano as coisas se mantiverem assim na Casa Cadaval, não semearemos nem um grão de arroz, sequer.

Esta é a voz do desespero. Porque os seareiros de Muge e arredores, sabem que as suas reivindicações têm caído em saco roto. A Casa Cadaval, como feudo que é, faz orelhas moucas a essas reivindicações. E, todavia, no meio do desespero, há ainda quem acredite. Em Muge, alguém nos afirma com alguma ingenuidade, decerto:

— Não pensamos que sejam as senhoras condessas, quem trava as reivindicações do pessoal. É o seu administrador, o sr. Lúcio. Ele é quem tudo «lo manda», gerindo a seu bel-prazer. Antes do 25 de Abril não havia maneira de desbancá-lo, por ser um homem altamente afecto ao regime, membro da União Nacional e logo da A.N.P., que ocupou por simpatia desse mesmo regime a presidência da Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, sem qualquer êxito e simpatia da população concelhia, executando com todo o rigor as velhas manobras de «recrutamento» de rurais para as «manifestações espontâneas» dirigidas aos mandatários fascistas, nas quais utilizava o velho sistema da camioneta alugada e paga pelos dinheiros do erário público, não esquecendo a sua quota-parte na preparação de caçadas e lautas jantaradas com que obsequiava o antigo presidente da República, Américo Tomaz.

Não é isto, Ana Cristina Ribeiro, menos de vinte anos

Um rancho de mulheres da Glória que trabalha nos arrozais de Porto de Muge: «Se os seareiros param o que vai ser da gente? A Casa de Cadaval tem os seus empregados certos, não dá trabalho a mais ninguém.»

Continua na pág. 16

Artigos de alta qualidade para o estudante pintar, desenhar, escrever e colar

Comprovados e da máxima confiança
os artigos PELIKAN
são estudados para o uso diário

DIST. CANAL 1

Pelikan

ASTRÓLOGA
ELGA

Trata e resolve todos os problemas e assuntos de sua vida, mesmo sendo os mais difíceis. Só senhoras. Tel. 77 43 43.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA — Dep de confecções
Av João XXI, 5 D Rua Infantaria 16, 55 C — LISBOA
Telef 726603 — Telef 668064

REPORTAGEM

AMEAÇAM PARAR OS SEAREIROS

Continuação da pag 15

cheios dum enorme desejo de transformacao do mundo? Não é isto, Manuel Domingos, 87 anos, cansados e gastos, na moira labuta dos arrozais, pioneiro dos Foros de Benfica, que há uns dezassete anos atrás já foi homem para se erguer contra a prepotência dos deuses da terra, fazendo-os engolir o arroz que não quiseram aceitar por manobra do sr. Lúcio? Não é isto, António Calado, seareiro desde que nasceste, como os outros, o João Gonçalves, (**comecei a trabalhar em puto, tenho 55 anos**), José Francisco, Joaquim Valério, e tantos, tantos mais que ali, numa hora de sol e ira choraram as suas penas junto do nosso gravador?

Estamos num regime de inquisição é o que é dizem-nos de lágrimas nos olhos. **Como é que a gente se vai aguentar? Como é que vamos continuar a dar trabalho a esta gente de Muge, de Foros de Benfica, de Glória, de Granhos, de Marinhais? Como? E quem, depois de pararmos, vai olhar por eles e por nós? Porque nós estamos garantidos duma coisa: o arroz pode subir de preço no mercado que a nossa bolsa não aumentará por isso.**

Falam abertamente, como homens sem papas na língua. Dizem das suas angústias. E apresentam-nos o caderno reivindicativo que levaram à Casa Cadaval e em que exigiam **soluções imediatas até 31 de Julho do ano corrente** ou, em alternativa, **soluçoes a curto prazo até ao início da colheita** ou ainda **soluções a longo prazo até 15 de Outubro próximo**. Estas alternativas, depois de tantos anos de exploração, dizem bem do desejo desta gente simples em solucionar o diferendo sem grandes prejuízos. Mas quem os ouve? A Casa Cadaval fechou os ouvidos e a boca e não lhes deu resposta que se visse. E eles aguardam, apesar de toda a revolta que a situação sugere, que haja alguém ali capaz de repensar os factos e concluir que **não é bom teimar com o lobo quando este arreganha os dentes.**

A SEGUIR:

COMO DAR ARROZ EM TROCA DE NADA?

Porque é que aplicar capitais em propriedades é negócio ?

J. PIMENTA SARL
E%PLICA-LHE I$$O!

LISBOA: PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 15 – TEL. 4 58 43 – QUELUZ: AV. ANTÓNIO ENES, 25 – TEL. 95 20 21

COSTA DO SOL E ALGARVE

— Apartamentos
— Moradias
— Lotes para construção
— Terreno para indústria

ÓPTIMOS LOCAIS — VENDE O PRÓPRIO
FACILIDADES DE PAGAMENTO

Av. Valbom, 28 - 1.º — Cascais — Telefone 282345

MULHER

A FORÇA IGNORADA DAS COcompanheiras QUE FICARAM NA SOMBRA-8

Por GINA DE FREITAS

Temos hoje um caso especial a apresentar, na medida em que a «companheira» de que iremos falar foi companheira não apenas de um só perseguido político mas de vários, incluindo filhos, um sobrinho, uma nora e um neto. Dada a gravidadedofacto,parece-meperfeitamente justificado incluir nesta série de entrevistas o depoimento de uma das grandes vítimas do monstruoso regime que durante 48 anos amordaçou e apavorou tanta e tanta gente no nosso País. A mãe de Octávio Pato foi a companheira angustiada mas firme, a testemunha impotente de toda a espécie de torturas exercidas sobre os filhos e mais tarde sobre o neto. Devo aliás acrescentar que foi a «Carta aberta a Octávio Pato», da autoria de António Guerra e publicada neste jornal em 24 de Agosto passado, que chamou a minha atenção para este caso.

D. Maria Rodrigues Pato faz 74 anos em Outubro. Tem o olhar apagado, a voz sumida, cansada, que de vez em quando se parte num soluço mal contido. Foram 30 anos de sofrimento, de luta, de sobressaltos. «Há uma coisa que vale a pena frisar», diz-nos Álvaro, filho de Octávio Pato»: é que a minha avó nunca foi por exemplo a um cinema ou a um teatro, nunca assistiu a uma festa, no entanto percorreu milhares de quilómetros a andar de cadeia para cadeia.

Eu ainda não era nascido quando a avó começou a caminhar para as cadeias».

— Isto começou tudo mais ou menos há 30 anos, minha senhora. O meu primeiro filho a ser preso foi o Carlos. De uma vez esteve 90 dias e a seguir mais 13 meses e nunca foi julgado. O advogado dizia-me que não tinha matéria para ser julgado. Mas conservavam-no. Sofreu muito, muito, muito. Teve muitas torturas. A primeira vez que o vi contou-me que o tinham torturado muito, mas havia coisas que só me queria dizer quando saísse. Mas como nunca mais saiu... Morreu lá em Caxias, na sala 7 do rés-do-chão, onde estavam mais catorze presos juntos com ele. Foi das torturas que ele morreu.

Torturas que incluíram mais de 130 horas de «estátua». Os responsáveis por semelhantes atrocidades estão agora comodamente instalados na Penitenciária, permitindo-se, ainda por cima, fazer reivindicações.

Aliás, a violência começou no momento em que tentaram pela primeira vez prender Carlos Pato: de madrugada, como é costume, invadiram a casa, entraram nos quartos e destaparam as pessoas que se encontravam na cama, incluindo a mulher, grávida de cinco meses. O chefe da façanha foi o inspector Jorge Ferreira.

Como soube da morte do seu filho?

A mulher tinha lá estado a visitá-lo num sábado e voltávamos na segunda-feira com os filhos; a menina parece que tinha vinte meses e o menino sete. Estava portanto combinada uma visita em comum. Ele no sábado não tinha muito boa aparência, mas dizer-se que estava doente não estava. No domingo estivemos a tratar de tudo e a preparar umas coisas que fazíamos com tanto gosto mas que a maior parte das vezes eles não deixavam entrar.

Contou-nos então numa voz menos segura ainda, o que se tinha passado nessa dramática manhã de uma segunda-feira de Agosto. O telegrama chegou a Vila Franca com a notícia da morte de Carlos Pato, mas como o chefe dos correios era muito amigo do pai da vítima e nenhum dos empregados tinha coragem para o ir entregar, resolveram então avisar primeiramente um irmão empregado no banco. Este, ao saber a notícia, desmaiou e o gerente do banco acabou por mandar um empregado chamar o pai de Carlos Pato, dizendo que precisava de lhe falar.

Isto foi a 23 de Julho no dia dos anos do meu marido e ele estava à espera que eu acabasse o almoço. Ficou um bocado aborrecido do senhor Mimoso, que era o gerente do banco, o chamar àquela hora, mas foi. Quando chegaram à praça do relógio já mais ou menos toda a gente sabia que o Carlos Pato tinha morrido e o empregado entregou-lhe o telegrama e disse: «Olhe, senhor João, é isto que está aqui». O meu marido lê o que lá estava e volta logo para casa muito aflito a chamar pelo meu filho Abel, aos gritos, mas não dizia o que tinha acontecido. Fomosentãochamaramulher dele que estava na cabeleireira e eu saí com ela, sem saber para onde íamos, e então houve uma voz que disse que o marido dela tinha morrido. Ela coitadinha ficou como doida e fomos para Caxias. Quando lá chegámos o director disse: «Não façam barulho, que eu não quero aqui barulho, senão as senhoras não entram». O meu filho já estava deitado, já o tinham vestido...

E souberam de que tinha morrido?

Eu nunca soube. Só disseram que ele tinha estado muito aflito. Nós ficámos lá a tarde toda e de meia em meia hora vinha um dos presos que estava com ele, sentava-se com um guarda de cada lado e nós perguntávamos sempre o que tinha acontecido. Que tinha começado a queixar-se de um braço, depois de uma perna, que tinha também muita falta de ar e que eles punham-no junto da janela de grades, mas a sentinela da rua não o deixava lá estar. Bateram na porta, bateram para cima, mas ninguém acudia. Também os guardas não queriam barulho, porque não estava lá o senhor director que tinha vindo para casa, para Lisboa. Diz que estava tudo em alvoroço pois conforme podiam tinham contado aos outros presos o que se passava. Ele era muito bom, não era por ser meu filho mas era muito bom.

E os olhos baços estão cheios de lágrimas. Anima-se para descrever a luta que teve com o director de Caxias, que não queria que o morto fosse para o cemitério de Vila Franca. Estava no concelho de Oeiras e ali teria que ficar. Mas a tenacidade de uma mãe vence barreiras e finalmente a autorização foi concedida.

Mas o homem do carro funerário foi avisado de que não podia parar e que tinha que estar em Vila Franca à hora marcada. Depois puseram os carros do acompanhamento todos para trás e o carro do funeral à frente. Eu vinha lá dentro e aquilo andava numa velocidade horrível, tanto que pedi ao homem para vir mais devagar. Mas ele disse: «Se a senhora soubesse a responsabilidade que eu levo! São as ordens que tenho e sabe que posso perder a minha vida se não cumpro». Quando chegámos aqui a Vila Franca já havia muita, muita gente à espera do funeral e o povo meteu-se à frente do carro e o homem não podia avançar. Estava muita polícia com metralhadoras e o homem disse: «Os senhores vejam lá, querem que eu passe por cima desta gente?» E houve uma voz que disse: «Vá, matem , matem que é mais um». Eles começaram à procura de quem tinha falado mas não sei se descobriram.

Quantos filhos teve presos?

Três filhos e um neto. O primeiro foi o Carlos, o que morreu. Tenho sempre guardados uns sapatos dele, todos rebentados devido a ter ficado muito inchado por causa das torturas. Foram tantas as torturas que ele até deixou de urinar e depois acabou por urinar sangue. Até que morreu. Quanto ao Octávio foi para a clandestinidade com vinte anos e então vieram prender o meu Abel para ver se ele denunciava o irmão.

Abel Pato esteve 90 dias preso, dos quais 65 nas tristemente célebres «gavetas».

Quando o Carlos morreu o Octávio já estava na clandestinidade. Mas um dia prenderam-no na rua e depois foram buscar a minha nora à casa onde eles viviam. Embora os guardas não quisessem ela levou os filhos com ela, uma menina com 6 anos e um menino com 2. Só havia um divã e ela depois contou-nos que deitava os filhos e descansava de joelhos no chão e com as mãos agarradas aos pulsos deles, para que não lhos tirassem. Também foi muito torturada e as mulheres de lá, as guardas, eram muito más.

Segundo nos disse Álvaro Pato, o pequeno tinha períodos em que andava às cabeçadas às paredes da cela. Ambos ficaram marcados, psicologicamente, para toda a vida. E Albina Pato, que durante os três anos e meio em que esteve presa, resistiu, embora tivesse sofrido várias crises de carácter psicológico provocadas também pelo excesso de tranquilizantes que tomava, uma vez em liberdade e porque tardava em concretizar-se uma vaga promessa de liberdade para o companheiro (que entretanto cumprira metade da pena), acabou por ceder à depressão nervosa e suicidar-se.

A minha vida foi um pesadelo, minha senhora. Criei os meus netos que o Carlos deixou, um menino e uma menina, criei estes três... Mas isto era o que menos me custava se fosse em condições normais. Também houve um sobrinho do meu marido, o Tavares, que esteve muitos anos preso e esse coitadinho até veio morrer a casa. Eu estive muitos, muitos anos sem saber do Octávio e depois quando ele foi preso não queriam que eu o visse, nem sabia onde estava. Ia todos os dias para a António Maria Cardoso, chegava lá às dez horas da manhã, deixavam-me estar até às 6 da tarde e depois mandavam-me embora. Aconteceu muitas vezes. E eu dizia que ele estava morto, porque não mo deixavam ver. «Aqui não se mata ninguém», diziam eles. E quando eu respondia que já tinham morto um, eles ficavam furiosos. Uma vez, na António Maria Cardoso, o inspector Lopes, que era muito mau, perguntou o que é que eu queria: «Quero ver o meu filho». «Então e há quanto tempo não vê o seu filho?» Quando eu respondi que havia 16 anos, ele gritou: «Então há 16 anos e agora é que está tão preocupada?», e deu-me um empurrão que se eu não me agarro com força caía por uma escada em caracol que lá havia. Ainda para mais era um quarto andar. Eu passei muito, sofri muito. O meu filho Octávio esteve 8 anos preso e quando o ia ver, se eles entendiam que não me haviam de deixar, mandavam-me embora. Tantas vezes!

O meu pai passou à clandestinidade em 45, foi preso em 61 e saiu em 1970. Uma das coisas que terá apressado a libertação foi talvez o facto de ter havido demasiadas pressões junto da Pide exactamente pelo falecimento da mulher. Passado pouco menos de um ano entrou de novo na clandestinidade.

O que foram esses nove anos de cadeia já Octávio Pato nos disse, pelo menos em parte, numa entrevista concedida a Avante!, embora se adivinhe que a realidade ultrapassou, e muito, o pouco que quis dizer. A última vítima da família foi seu filho, Álvaro Pato, que esteve preso onze meses e um dia, incluindo 10 dias de tortura de sono e espancamento.

Durante trinta anos, Maria Rodrigues Pato assiste e é também a vítima de toda a feroz repressão exercida sobre a família. Trinta anos de angústia e de pavor. Que é preciso não esquecer. Para que dramas como este não voltem a repetir-se.

EXTERNATOS

★ LEAL CONSELHEIRO
Rua do Alecrim, 47-2. — Tel. 326957

★ NOVO RUMO
Praça Luís de Camões, 6-1.º, Esq. — Tel. 361426

★ ACRÓPOLE
Rua das Chagas, 16 — Telefs. 327409-323048

CICLO PREPARATÓRIO
CURSO GERAL DOS LICEUS
E CONTABILIDADE
— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —

CURSO DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

— Estão abertas, até 27 de Setembro, as inscrições para as **provas de admissão** ao 1.º ano de 1974/75, as quais começam no dia 30 de Setembro.
— O curso, de 10 semestres, com novo currículo escolar, tem como objectivo a formação de gestores e quadros para as empresas públicas e privadas e confere o grau de licenciatura em Ciências Empresariais, nos termos do Dec.-Lei n.º 307/71 de 15 de Julho.
— São concedidas bolsas de estudo aos alunos que delas careçam.
— Estão abertas até 4 de Outubro as **inscrições** no 2.º e 3.º anos. Prevê-se o **início das aulas** em 15 de Outubro.
— Mais **informações** serão prestadas pela Secretaria da Universidade Católica Portuguesa, Palma de Cima, Lisboa-4, telef.: 78 31 00 ou 78 28 44, das 9 às 13 horas e das 14 às 17 horas.

1 SEMANA em LONDRES
PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
Outubro 6, 13, 20 e 27
Novembro 3, 10, 17 e 24
Dezembro 1, 8, 15, 22 e 29
Preços excepcionais desde* 3.450$
INCLUINDO:
● Viagem em jacto TRIDENT
● Estadia no Hotel
● Transportes em terra
● Visita turística de Londres
● Taxas hoteleiras
● Sobretaxa de combustível
● Acompanhante abreu
PREÇO ESPECIAL PARA JOVENS COM ESTADIA EM CASA PARTICULAR 2.900$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade 190 • Telef. 57 00 21
PORTO: Av. dos Aliados 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telefs. 2 70 11/2
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

J.C. ALVAREZ, Lda
FOTO-CINE
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
COM 5 SALÕES DE EXPOSIÇÃO
R. Sta JUSTA, 107
(junto ao elevador)

GERAL

GENERALIZA-SE O REPÚDIO PELA MANIFESTAÇÃO DA REACÇÃO

O repúdio pela manifestação da autoproclamada «maioria silenciosa» atinge proporções nacionais. Depois da tomada de posição dos motoristas, através do seu Sindicato, vários outros sindicatos e organizações democráticas manifestaram publicamente a sua posição face ao que afirmam ser **manobras da reacção que dispõe de verbas ilimitadas** para fazer a sua **abjecta propaganda**, como se afirma no comunicado dos Ferroviários.

Está sobejamente provado a vigilância popular o tornou possível que os promotores da hipócrita manifestação de «apoio» à firmeza do general Spínola e ao Movimento das Forças Armadas, por parte de uma pretensa maioria silenciosa» são vis reaccionários ligados à alta finança e aos meios mais retrógrados, que antes do 25 de Abril apoiavam a ditadura fascista.

É deste teor a primeira parte do comunicado dos Sindicatos Ferroviários que, continuando a denunciar as manobras dos que chama **autênticos lobos a fingir de cordeiros**, afirma: **Estes senhores, dispondo de verbas ilimitadas que a reacção lhes faculta e lhes permite uma difusão espectacular da sua abjecta propaganda, pretendem fretar autocarros e comboios para transportar a Lisboa, em 28 do corrente, manifestantes pagos para participarem na fantochada anunciada para aquela data.**

O comunicado termina com um aviso: **Que os ferroviários estejam pois, atentos a estas manobras. A reacção, tome os disfarces que tomar, significa sempre repressão e miséria para os trabalhadores. Há, portanto, que lhes travar o passo. Que de nenhuma estação da nossa Rede Ferroviária parta qualquer comboio para essa manifestação». Que por toda a linha se exerça a maior vigilância para impedir a circulação de qualquer composição que transporte os mercenários manifestantes.**

E, a concluir: **Pelas linhas do nosso Caminho-de-Ferro o fascismo não passará.**

AVISAR TODA A GENTE

Repudiando a que chama **uma manifestação dita nacional, simuladamente democrática mas com transportes pagos**, os trabalhadores de telecomunicações afirmam que é **preciso avisar toda a gente.**

Referindo **os camaradas motoristas que já responderam a estas manobras: nem um só manifestante transportaremos** os trabalhadores de telecomunicações propõem-se alertar a opinião pública para esta manobra dos que **dispõem, ainda, da estrutura fascista não desmantelada e dos que ainda não foram saneados.**

MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE VIANA DO CASTELO

Denunciando a atitude de **vários individuos desconhecidos na região de Arcos de Valdevez e que aí procediam à colagem de cartazes com «slogans» que constituem autênticas agressões ideológicas aliciando as populações para a manifestação reaccionária, o MDP-MDVC afirma-se disposto a impedir por todos os meios que considere convenientes a realização da referida manifestação.**

PCP: «CONDENAÇÃO POPULAR»

Por sua vez, a Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português divulgou a seguinte nota:

1. Como o Partido Comunista Português tem vindo a alertar, desde o 25 de Abril que a reacção e os fascistas desalojados do poder pelo glorioso Movimento das Forças Armadas, conspiram contra as liberdades.

A pretensa manifestação nacional da chamada «maioria silenciosa» meticulosamente organizada e orquestrada à boa maneira da antiga ditadura fascista por conhecidos reaccionários e fascistas encapotados, é mais um passo preocupante na escalada de acções reaccionárias e da ofensiva da contra-revolução.

2. O P.C.P. reafirma mais uma vez que a linha ofensiva da reacção apoia-se ideologicamente no anticomunismo mas visa, efectivamente, a liquidação de todo o processo de democratização e de descolonização em curso depois do 25 de Abril, visa os partidos e organizações antifascistas, assim como o Movimento das Forças Armadas e o Governo Provisório.

Não é por mero acaso que a propaganda abertamente reaccionária com vista à referida «manifestação» acusa o M.F.A. e o Governo Provisório de desvios ao Programa do M.F.A. Assiste-se, assim, à ironia de ver os piores inimigos da revolução de 25 de Abril, do Programa do M. F. A. e de todo o processo de democratização e de descolonização decorrente desses acontecimentos, arvorarem-se em arautos e defensores da «pureza» de todo este processo.

«A necessidade que os fascistas têm de mascarar desta forma os seus verdadeiros intentos demonstra a condenação popular da sua acção e, em contrapartida, o prestígio e autoridade alcançados junto do povo português pelo Movimento de 25 de Abril, pelo M. F. A. e o seu Programa. Demonstra ainda a força da aliança do movimento popular com o M. F. A., soldada e reforçada ao longo destes meses. Todos estes acontecimentos comprovam a justeza e necessidade de se continuar a trabalhar para o reforço desta aliança como condição fundamental para fazer fracassar e derrotar a reacção.

Deve salientar-se ainda que o anonimato com que a reacção se encobre para executar a sua propaganda é prova da ilegalidade e impopularidade da sua actividade. O mesmo se pode dizer dos agrupamentos e grupúsculos neofascistas que se cobrem com uma fachada democratizante e se apresentam como acérrimos defensores do «pluralismo democrático» e da liberdade para todos, para melhor poderem combater e sabotar a liberdade e a democracia conquistadas pelo povo português com o 25 de Abril.

«3. O P. C. P., ao mesmo tempo que declara o seu apoio às medidas recentemente promulgadas pelo Governo Provisório para fazer face à investida da reacção, nomeadamente a proibição do agrupamento fascista denominado Partido Nacionalista Português, assim como as sanções aplicadas pela Comissão Ad Hoc» contra jornais e folhas fascizantes, considera tais medidas insuficientes para quebrar os dentes à contra-revolução.

«A grandeza dos meios técnicos e financeiros postos em movimento pela reacção na sua actual ofensiva de diversão ideológica, o estranho comportamento de certas entidades oficiais e ainda a inacção de algumas autoridades policiais e a protecção de outras à acção de grupos rufiões armados que cobriam pela violência a difusão da propaganda fascista, demonstram:

«a) Que a reacção dispõe do apoio da alta finança para subvencionar a sua actividade criminosa;

«b) Que a reacção conta com fortes protecções dentro da actual situação;

c) Que os fios principais da organização da campanha da reacção conduzem a conhecidos centros de conspiração há muito detectados e cujo desmantelamento se torna urgente e inadiável como condição para assegurar o êxito do processo iniciado em 25 de Abril;

d) Que os atrasos e entraves ao processo de saneamento da função pública, assim como das forças policiais e militarizadas, facilitam os propósitos da contra-revolução.

4. Face à actual situação, o Partido Comunista Português considera indispensável a intensificação da vigilância e a acção pronta das massas trabalhadoras e de todos os democratas e antifascistas interessados e empenhados no processo de democratização e de descolonização iniciado com o 25 de Abril, para fazer frente, com êxito, a mais esta ofensiva da reacção. O P. C. P. considera indispensável a unidade e entendimento de todos os partidos e organizações democráticos na definição e organização de acções comuns na luta contra as manobras e conspirações da reacção e do fascismo. O P. C. P. considera indispensável que seja dado todo o apoio ao Governo Provisório e ao M. F. A. na adopção das medidas de saneamento da Administração Pública e das instituições governamentais onde continuam, com grande escândalo, anichadas conhecidas figuras fascistas fortemente comprometidas com o regime deposto.

«O Partido Comunista Português está confiante em que mais uma vez a acção unida das organizações políticas antifascistas, assim como a acção das massas populares em estreita aliança com o M. F. A., no apoio ao Governo Provisório na luta contra as manobras da reacção, farão avançar o processo de democratização que conduzirá à instauração de uma democracia estável escolhida pelo próprio povo português.»

«MINORIA TENEBROSA»

Também a Comissão Central do Movimento Democrático Português difundiu um comunicado sobre o assunto. Nele se afirma, nomeadamente, que a minoria tenebrosa dos ex-«pides» e ex-legionários, com os seus partidos fascistas e fascizantes, pintados de fresco de nomes liberais, com os seus grandes capitalistas e as ajudas financeiras e outras de conhecidos serviços especiais imperialistas, preparava-se e prepara-se para descer à rua. Tenta, assim, consagrar o direito de se servir contra a democracia das liberdades democráticas, alargar as suas provocações, agrupar melhor as hostes reaccionárias, levantar o ânimo e estimular a agressividade de toda a escumalha de opressão, assustar e desmobilizar a população para dar novas bases às suas aventuras.

«Hoje, nós podemos adiantar novas provas ao que então dissemos. E podemos acrescentar que, apesar do escândalo nacional que esta sua actividade levantou, a reacção ainda nem adiou, nem muito menos desistiu dos seus planos de descer à rua, no quadro de uma estratégia fascista mais vasta.»

Seguidamente, faz algumas perguntas, inquirindo se se estão ou não a organizar «grupos de choque, na base de ex-legionários e de ex-«pides», sob a direcção do sr. Vasco Trigo Pereira», e cuja função «seria a de espancar na manifestação-burla as pessoas que gritassem palavras de ordem democrática ou trouxessem outras bandeiras que não fossem a bandeira nacional, que eles pretendem abusivamente utilizar»; se é ou não verdade que «uma camioneta e uma carrinha «Volkswagen» distribuiram panfletos da manifestação-burla e outros do Partido dito do Progresso» que são um descarado ataque reaccionário ao Governo Provisório»; se é tambem verdade ou não que houve «no domingo à noite, colagens dos mesmos panfletos e cartazes na Costa da Caparica» e que «um agente da P. S. P., de pistola em punho, pretendeu impedir populares de os arrancar».

Pergunta, também, se «um dos fornecedores da grande quantidade de cola usada nas afixações de cartazes por este grupo é um ex-legionário».

Frisa, ainda, o M. D. P., que a reacção deve ser impedida de descer à rua. A reacção deve ser derrotada e desorganizada, de vez, para bem do povo e da democracia.»

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Direcção dos Serviços de Saneamento

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DO FORNECIMENTO E MONTAGEM DE APARELHOS CLORADORES E DE ACESSÓRIOS PARA OS MESMOS

ANÚNCIO

Anuncia-se que, até ao dia 15 de Outubro de 1974, se encontra aberto concurso público para arrematação do fornecimento e montagens de aparelhos cloradores e de acessórios para os mesmos, conforme especificação constante do respectivo processo de concurso.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na Direcção dos Serviços de Saneamento da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua do Conde Redondo, n.º 8.

O depósito provisório será de 75 000$00.

O caderno de encargos e o programa de concurso poderão ser obtidos na Direcção dos Serviços de Saneamento ou na sede da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, Rua de S. Mamede (ao Caldas), n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, 18 de Setembro de 1974.

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
Armando da Palma Carlos

VENDE-SE
ROLLS ROYCE
SILVER CHADOW
c ar condicionado e todos os extras
Av. Defensores de Chaves, 87-C — Telef. 76 19 91

VENDE-SE
MASERATI MÉXICO COUPÉ
C AR CONDICIONADO
Av. Defensores de Chaves, 87-C — Telef. 76 19 91

VENDE-SE
PORSCHE 911
TARGA 2,7
COMO NOVO
Av. Defensores de Chaves, 87-C — Telef. 761991

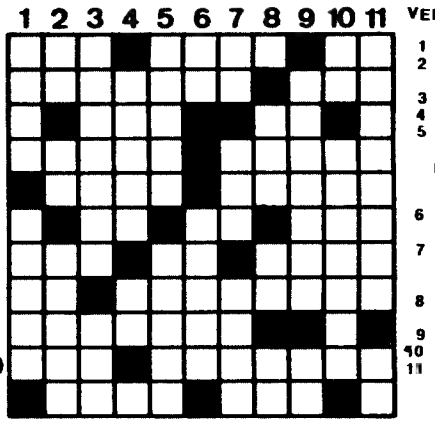
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10895

HORIZONTAIS

1 Utensílios domésticos. Completo. Erbio (s.q.).
2 Saíriam frequentemente à rua. O vencimento diário de um soldado.
3 Artigo definido. Grande quantidade Tempo do verbo ir.
4 Espécie de labro (peixe). Circuito
5 Deus supremo da religião fenícia. Género de moluscos.
6 Frâncio (s q). Campeão. Zombar.
7 Vão. Sufixo que designa estado. Alimento para engordar
8 Vi. Rápidas.
9 Frutos do tomateiro.
10 Pega. O mesmo que carris (Bras.).
11 Língua vernácula indiana Espaço de trinta dias.



VERTICAIS

1 Vantagens. Vira.
2 Ouro (s q.) Prefixo que designa afastamento. Zeloso
3 Fasquia. Abismo.
4 Suplicar. Saudável.
5 Região alpestre dividida entre a Áustria e a Itália e que pertenceu inteiramente aos Estados austríacos Diferente.
6 Preposição e artigo definido (inv.). Aparelhei
7 Muito digno (inv.). Cabelos brancos Guarneçam de asas
8 Turno. Crómio (s q.). Hospedaria oficial, na China.
9 Impedirei de andar. Reis
10 Erbio (s q) Salpicara
11 Fizeras eco Catedral.

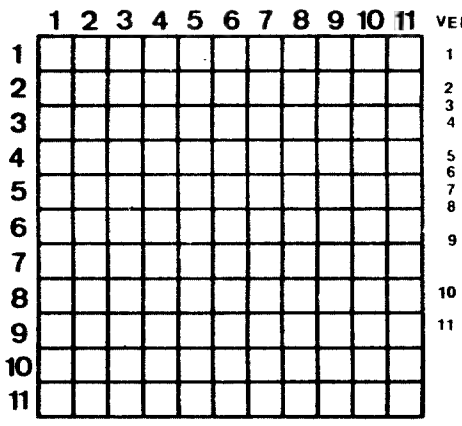
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7053

HORIZONTAIS

1 Ausente Cidade de França antiga capital de Lorena
2 Toste Concederá
3 Separo Cento e um em romano Pronome pessoal (inv.)
4 Girar Fio de latão
5 Filetra Mamíferos roedores
6 Despacharemos
7 Doutora Braço de mar. Patna
8 Em partes iguais Folha de videira Apelido.
9 Aqui
10 Prendera Oscilei
11 Adicionar. Dourada



VERTICAIS

1 Fora para fora Nome de um jogo
2 Arrasara Porco
3 Punha só Caminho
4 Ave Pernalta Um dos Estados do Brasil
5 Enfeitara Viração
6 Escarnecera
7 Confrontar Basta
8 Acrescentaram Estrépito de desmoronamento
9 Sódio (s q) Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Ente.
10 Que tem creme Pronome pessoal.
11 Pequenos barcos de recreio Espécie de jogo popular

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10894

HORIZONTAIS:	VERTICAIS
1 AParatosas.	1 Ar VEM. Içar
2 REGO. Riscar.	2 Penariam. Me.
3 Narrara. Ce	3 Agastar. Com
4 Vás. Ama Gap.	4 Ror. Avara
5 Tré Largava	5 Ralara.
6 Mia Ara. Mar	6 Tramar Iras
7 Arar. Sia.	7 Oiraras Ene
8 Im. VAI Ador	8 SSa. Iago
9 Cá. REGO.	9 Ac Gamado
10 Amor. Ano. Pá.	10 Sacava Pê
11 Remasse. Sem.	11 Repariam

PROVÉRBIO: Rego vai, rego vem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7052

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Paval. Coras.	1 Pasta Saiam.
2 Ape. Ivá Ede	2 Apares. Ro
3 Sala. Asir.	3 Velaria. Ame
4 Trais. Gotra.	4 Meia. Coar
5 Aérea. Ião.	5 LI. Saura Rã.
6 Simularam	6 Ve. Luta
7 Rum.	7 Ca Grama. Pá
8 Ao Calar. Ca	8 Ao Rios
9 Ão. Ia.	9 Restias. Ala.
10 Armar. Polvo.	10 Adiram VI.
11 Moera. Asais.	11 Serão Canos.

COLABORE NO PROGRESSO DO SEU PAÍS

GUARDANDO O SEU DINHEIRO NOS BANCOS

Proteja o seu dinheiro. Guarde-o nos bancos. Aí não há acidentes ou roubos que lhe dêem fim.

Nos bancos, o seu dinheiro é sempre seu e está a render.

O seu, e o de todos, constituirá uma alavanca para investimentos produtivos, na indústria, na agricultura, no comércio.

Para o desenvolvimento de que o País precisa e você próprio beneficia. Deposite sempre as suas economias nos bancos. Participe, depositando.

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

DESPORTOS

Chalana: "negociata" choruda em tempo de cofres (bem) vazios

Barreirenses agitam-se com o «caso Chalana». E não é caso para menos: o meio desportivo (e não só) não esconde o espanto (e indignação) por esta singular (e insólita) «transferência» futebolística.

Chalana é um garoto. Tem 15 anos. Na «hierarquia» dos praticantes de futebol não passa de um juvenil. Apesar das suas qualidades natas para a prática do jogo da bola, a C.U.F. não lhe quis dar ainda **«chuteiras», porque o** considerava muito novo para se meter em tais andanças. Mas o Barreirense não hesitou em iniciá-lo nestas lides. Nem hesitou (sequer) em fazer uso dos aviltantes «instrumentos» regulamentares que **uma obsoleta orgânica ainda** coloca (até quando?) à disposição dos clubes: a condenável faculdade de «prender» o jogador a vínculos escravizadores, muito mais intoleráveis para um miúdo que mal deu ainda os primeiros pontapés na bola. E na vida...

Pois o Barreirense, «dono e senhor» deste jogador em embrião, não tremeu agora ante o «negociar» dessa estranha **«desvinculação». E** não sabemos que mais censurar: se a posição do Barreirense em tão chocante «negócio», se a decisão do Benfica em participar nessa triste «operação». Fala-se em 650 em 850 e (até) em mil contos. Verbas pedidas pelo Barreirense, evidentemente, não sabemos se por considerar que investiu esse dinheiro na formação do candidato a futebolista. Como quer que seja, o Barreirense sente-se com direito a essa indemnização. Só gostaríamos de saber porquê...

A contrapor àquelas centenas de contos de reis, o benefício colhido pelo maior interessado (Chalana) cifra-se em escassos trinta contos anuais de «luvas» (num contrato por três anos) e quatro contos mensais. E os estudos pagos, já nos esquecíamos de acrescentar. **Mas que estudos fará daqui** para o futuro?...

Tudo isto é simplesmente espantoso. Se a verba pedida pelo Barreirense assume o aspecto de uma violência gritante, por outro lado, aquilo que se oferece ao rapaz (além de ridiculamente desproporcionado) é completamente despropositado. O «negócio» não tem ponta por onde se lhe pegue. É simplesmente imoral.

De qualquer modo, um sector cada vez mais numeroso da massa associativa do Barreirense mostra-se escandalizado pela forma como este caso foi conduzido e, principalmentel porque fere a sensibilidade de quem quer que seja saber que em tão «choruda» transacção a modesta e humilde família de Chalana fica «a ver navios».

Não haverá quem possa ter uma intervenção pronta e moralizadora num caso como este? Esperamos que sim. Quanto mais não seja, a própria assembleia geral do Barreirense, pois parece haver quem esteja disposto (mesmo no Barreiro e no Barreirense) em levar a questão até ao orgão máximo do clube. E, já agora, a pergunta que se impõe: a Direcção-Geral dos Desportos vai colocar o seu aval nesta «negociata»? Ficamos de pé (bem) atrás, para o que estiver à bica de suceder...

SOBRE FUTEBOL

O Benfica no Alvor

A turma do Benfica participa hoje, em Alvor, na inauguração do relvado e da electrificação do «Estádio da Torralta». Disputam-se os troféus «Dois irmãos» (Agostinho e José da Silva) e «Dr. Borges Coutinho». Devem actuar entre outros, Malta da Silva, Jaime Graça, José Henrique, Barros, Moinhos, Ibraim e José Pedro, também se deslocando Eusébio, mas como convidado da organização do festival. Entretanto, mais duas notícias benfiquistas: Toni está refeito do ataque de anginas e a turma junior de futebolistas foi batida (0-2) por um conjunto francês no «Torneio de Bordeus».

SPORTING

Camilo, o médio atacante que o Sporting recrutou na temporada passada (em Angola) deve chegar a Portugal no início do mês de Outubro. Aguarda-se igualmente, a vinda de Sono (sul-africano), ao mesmo tempo que parecem acentuar-se as melhoras do estado físico de Fraguito. Por seu lado, Laranjeira, mantém-se afastado dos treinos e entregue ao departamento médico. A propósito: o Saint-Etienne, que no próximo dia 2 de Outubro defrontará o Sporting, na segunda «mão» da primeira eliminatória da «Taça dos Campeões», venceu, a noite passada, o Estrasburgo (por 2 a 1) num desafio a contar para o campeonato francês.

PORTO

Nino, o madeirense que Aimoré Moreira considerou capaz de fazer carreira ao serviço do clube das Antas, já tem a sua situação regularizada: pelo menos durante uma temporada está incluido no «plantel» dos «azuis» nortenhos.

TREINADORES

Dirigida por Carlos Silva, tomou posse a nova gerência do Sindicato dos Treinadores. No momento da rubrica do documento que oficializou a entrega dos destinos do agrupamento a profissionais de mérito, Carlos Silva, afirmou o seguinte:

«Nas minhas diligências junto da Federação Ministério do Trabalho e Direcção-Geral dos Desportos, tenho encontrado grande receptividade e posso revelar por informação do dr. Costa Santos, da Junta de Acção Social, que veio ao sindicato na passada segunda-feira, que vamos ser integrados na Previdência por decreto que sairá no «Diário do Governo» em 28 do corrente ou em 9 de Outubro. O Ministério do Trabalho está atento às ilegalidades sobre cartões e secretários técnicos, pelo que vamos actuar no sentido de integrar em novo estatuto, as soluções seguintes: no banco dos responsáveis só poderem estar elementos com curso de treinador e carteira profissional: obrigatoriedade dos clubes até à 1.ª Divisão distrital terem um treinador que não poderá exercer outra actividade na colectividade; vencimentos mínimos de 3 300$00 para a 3.ª nacional e 1.ª distrital 7 500$00 para a 2.ª nacional e 15 000$00 para a 1.ª nacional. Só depois poderemos fazer cursos de aperfeiçoamento. Achamos também que deve haver uma quotização de dois por cento sobre prémios de classificação. Vamos escrever aos clubes que não apresentaram contratos com técnicos regularização do assunto sob pena de intervenção do Instituto de Trabalho. E ainda, mas com carácter voluntário, a doacção de um dia de trabalho para a campanha em curso. Prometemos ainda trabalhar sempre para que venha justiça de que a classe necessita.»

Em Guimarães: a «goleada». Inesperadamente, a defensiva do Oriental permitiu a Jeremias (e companheiros) um confortável avanço no marcador. Aqui se recorda uma defesa dos pupilos de Carlos Silva e, também, o terceiro tento dos alunos de Mário Wilson, da autoria de Romeu.

O TEXTO NO CONTEXTO

As palavras têm idade

Pois é verdade: as palavras também têm idade. Também elas estão vinculadas a um tempo a um horizonte de vida, a uma referência ininterruptamente presente. Também por detrás delas estão caminhos bem previstos e determinados. Também elas englobam algo mais do que o mero significado etimológico. Também elas dizem temáticamente respeito a uma ideologia, a uma política, a uma filosofia.

Quando, durante tantos anos, **as palavras com que pretendíamos significar ou relatar o** nosso desporto se distinguiam pelo acento bélico, elas decorriam de um contexto sócio-político, em que a guerra representava o empenhamento primeiro e mais reclamado dos poderes estabelecidos. Quando se falava de um remate poderoso do Eusébio, só o sabíamos comparar a um **tiro.** Quando se queria dar a entender que uma equipa exteriorizava flagrante superioridade sobre a equipa adversária, logo se dizia que os seus atacantes **bombardeavam** constantemente a grande-área contrária. Quando se titulava um resultado robusto, escrevia-se que o clube A **esmagou** o clube B.

As palavras, como os homens e as sociedades, também envelhecem. Têm uma atmosfera própria para crescerem e vicejarem. Daí, o ter chegado a hora de limparmos do nosso desporto, e mais notóriamente do nosso espectáculo desportivo, todos os termos bélicos, índice de uma época que morreu!

Mas limpar, varrer, desestruturar, sem modelo, que norteie a reestruturação? Num País, como o nosso, em que se nota uma tendência pronunciada para encarar a Informação como **mercadoria tão-só; numa sociedade** viciada pelo culto do sensacionalismo e do vedetismo chega a temer que se passe da tirania à demagogia, se não há modelos convincentes e originais, criadores da palavra que sugira novas respostas às questões fundamentais do desporto nacional.

K. Horney, no seu livro «Personalidade neurótica do nosso tempo», escreve que, nos histéricos, são normais as acusações, as chantagens, a intimidação, como forma única de se tranquilizarem. No entanto, para renovar o desporto (e tudo o mais), não chega o ímpeto contestativo do passado, é preciso a palavra que rasgue os horizontes do futuro.

Com palavras velhas, nada se alcança. Muito menos, com nados-mortos...

MANUEL SÉRGIO

HÓQUEI EM PATINS

Sporting: um caso

Resta ainda uma jornada para terminar o Campeonato Nacional da primeira divisão de hóquei em patins, mas o campeão está decidido: aliás, o favoritismo do Benfica foi uma constante do torneio, nunca tendo estado em causa a sua supremacia, neste momento bem comprovada nos sete pontos de avanço de que desfruta sobre o par formado por Sporting e Infante de Sagres.

Vem a propósito referir que, no confronto entre estas duas equipas, os «leões» anularam a desvantagem em que se encontravam, ao vencerem folgadamente na ronda do passado fim-de-semana. Com esse êxito a turma sportinguista alcançou feito digno de realce, tanto mais que veio a demonstrar nítida subida de forma. Pena é que essa forma físico-técnica só agora, tão tarde, tenha começado a aparecer. Para este campeonato de pouco lhe servirá, para além da consolidação do segundo lugar...

Recordamos os resultados dos últimos encontros que foram os seguintes: Oeiras, 1-Académico, 4; Sporting, 5-Infante de Sagres, 0; F. C. Porto, 4-Paço de Arcos, 4; Sanjoanense, 1-Benfica, 4; Oeiras, 2-Infante de Sagres, 5; Sporting, 2-Académico, 0; F. C. Porto, 4-Benfica, 5 e Sanjoanense, 3-Paço de Arcos, 4.

Quanto à classificação está neste momento assim ordenada: BENFICA, 23 pontos; Sporting, 16; Inf. Sagres, 16; P. de Arcos, 14; Oeiras, 12; F. C. Porto, 12; Sanjoanense, 6; Académico, 5.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

AVISO

Considerando que a execução de alterações em obras com projecto aprovado, sem prévia licença passada por esta Câmara Municipal, é a prática corrente neste Concelho, e porque o Município não pode permitir essa situação, avisam-se todos os construtores que a continuação de semelhantes prática poderá conduzir esta Câmara a participar os factos à Comissão de Inscrição e Classificação dos Empreiteiros de Obras Públicas e dos Industriais da Construção Civil, com vista a ser cessado o respectivo alvará.

Loures, 20 de Setembro de 1974.

O Presidente da Comissão Administrativa
José Augusto Gouveia

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Grupo I — Concursos trimestrais para fornecimento de:

Alhos
Batata
Cebola
Ovos

Até às 13.00 horas do dia 28 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos, deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, as condições para os fornecimentos em referência.

Lisboa, 24 de Setembro de 1974.

A ADMINISTRAÇÃO

BELBRAS

Promoção e Representações Internacionais, S. A. R. L.

Sede: Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 59, 4.º-C — Telef. 776169 — LISBOA — Teleg. BELBRAS

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral Extraordinária desta sociedade para reunir às 16 horas do dia 15 de Outubro do ano corrente, na sede social, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Deliberar sobre a alteração do artigo primeiro dos Estatutos sociais.

Lisboa, 20 de Setembro de 1974.

O Presidente da Assembleia Geral
Silvina Videira Gonçalves

VENDE-SE
JAGUAR XJ 6 4.2
COMO NOVO
Av. Defensores de Chaves, 87-C — Telefone: 76 19 91

LEIA O JORNAL motor

DESPORTOS

Os cavaleiros estrangeiros contínuam a «limpar» o Concurso de Lisboa. Ontem, mais dois triunfos para os visitantes: Paro (França) e Snoek (Alemanha) levaram as suas bandeiras ao mastro de honra. Eis o germânico Wolfgang Kun, na prova, «Potência».

Registo

. ADEUS: Pelé, que participará no próximo domingo no seu último desafio oficial. Será, portanto, no jogo («Derby») Santos-Corintians que o famoso avançado brasileiro se despedirá do público. **Ainda podia jogar durante dois anos, mas os negócios ocupam-me agora muito tempo, e não teria possibilidade de me treinar a sério. Foi o que disse ultimamente** (acrescentou) **aos dirigentes do Real Madrid que me apresentaram uma proposta interessante no plano financeiro. Decidi abandonar definitivamente** — concluiu o futebolista.

HALTEROFILISMO: na categoria de «leves», o soviético Peter Korol conquistou o título mundial do «arranque», levantando 130 quilos nos Campeonatos Mundiais dos Pesos e Alteres. Em segundo e terceiro lugares ficaram Nazrollah (Irão) e Zbigniev Kaczmarek (Polónia), que também levantaram 130 quilos. As classificações foram atribuídas relativamente ao peso dos atletas.

GINÁSTICA: no Boa-Hora Futebol Clube encontram-se abertas as inscrições, para praticantes dos 3 aos 10 anos, que **queiram fazer ginástica** nas classes da colectividade.

JOGOS JUVENIS: nos Olivais-Sul prossegue a festa da juventude. Últimos resultados desportivos: ATLETISMO — 400 m, esc. A (masc): 1.º Valdemar Rocha, 1,10 s (Olivais); 2.º, Hermínio Araújo, 1,15 (Oliv.); 3.º, Carlos Santos, 1,16 (U.M.). 800 m, esc B (masc.): 1.º, João Beato, 2,35 s (Oliv.); 2.º, Mário Rocha, 2,40 (Oliv.); 3.º, Augusto Manuel, 2,41 (U.M.). 1200 m, esc. C (masc.): Carlos Martins, 3,25 s (Oliv.); 2.º, Américo Borges, 3,32 (Oliv.); 400 m, esc A (fem.): 1.ª Adelina Borges, 1,22 s (Oliv.); 2.ª Paula Sebastião, 1,24 (Oliv.); 3.ª Piedade Lima, 1,26 (U.M.). 800 m, esc B (fem.): 1.ª Maria de Fátima, 2,30 s (U.M.); 2.ª Conceição Cruz, 2,40 s (U.M.); 3.ª Luísa Zeferino, 2,52 (U.M.). 1200 m esc C (fem.): 1.ª Nazaré Silva, 4,37 s (Oliv.); 2.ª Manuela Silva, 4,43 (Oliv.). 2000 m, esc B (masc.): 1.º, Augusto Gomes, 8 m (U.M.); 2.º, Paulo Sousa, 9 m (U.M.); 3.º, Carlos Dinis, 10,15 (U.M.). Esc. B (fem.): Rosária Andrade, 11 m (U.M.); 2.º, Aurora Maia, 11,10 (U.M.); 3.ª Luísa Zeferino, 11,15 (U.M.).

FUTEBOL — Unidos A, 1-Fundação A, 1; Fundação B, 1-Unidos B, 2. FUTEBOL DE SALÃO — Unidos, 5-Os 7 da Beira, 6; **Os Pacatos do Chinde, 3-Os** Galãs, 7; Os Amigos do Baixo Limpopo, 7-Os Catitas dos Olivais, 1. ANDEBOL — Unidos Rapazes, 6-Raparigas Endiabradas, 12.

. NATAÇÃO: na Praia das Maçãs, competições com participação de praticantes angolanos e moçambicanos. Desfechos verificados:

. 50 M. LIV. MAS. — 1.º, Carlos Serra, Moçambique, 31 s; 2.º, Jorge Duarte, Praia das Maçãs, 33 s.; 3.º, Jorge Moniz, Angola, 34.

100 M. COST. FEM. — 1.ª, **Dulce Gouveia, Moç., 1 m. 22** s.; 2.º, Olimpia Otão, Moç., 1.24; 3.º, Palmira Andrade, Ang. 1.25.

50 M. BRUÇ. FEM. — 1.º, Fernanda Rocha, Ang., 43 s.; 2.ª, Cristina Ananíades, Moç., **51; 3.ª, Ana Tiple, P. Maçãs** 56.

100 M. MARI. MASC. — 1.º, José Cabral, Ang., 1 m. 9 s.; 2.º, José Loureiro, Ang., 1.10; 3.º, Carlos Malo, Ang., 1.11.

50 M. BRUÇ. MASC. — 1.º, Sixto Ferreira, Moç., 36 s.; 2.º, Carlos Serra, Moç., 42; 3.º, Jorge Moniz, Ang. 48; 3.º, Jorge Moniz, Ang. 48.

100 M. LIVRES FEM. — 1.ª, Graça Guimarães, Ang., 1 m. 9,5: 2.ª, Júlia Ferreira, Ang., 1.10; 3.ª, Cristina Ananíades, Moç., 1.11.

50 M. COSTAS MASC. — 1.º, Jorge Conceição, Ang. 36 s.; 2.º, Carlos Serra, Moç., 38; 3.º, Artur Cristo, P. Ma., 45.

100 M. BRUÇOS MASC. — 1.º, José Rodrigues, Moç., 1 m. 19 s.; 2.º, Guedes Vaz, Ang. 1.20; 3.º, José Cabral, Ang. 1.22.

50 M. LIV. FEM. — 1.ª, Palmira Andrade, Ang., 31,2 s.; 2.ª, Cristina Ananíades, Moç., 32,2; 3.ª, Filipa Mendonça, Ang. 33,1.

100 M. LIV. MASC. — 1.º, Botelho Melo, Moç., 1 m. 1,5 s.; 2.º, Carlos Ferreira, Ang., 1.16; 3.º, Paulo Sande, Ang., 1.3,7.

50 M. MAR. MASC. — 1.º, Jorge Conceição, Ang., 34, 2s.; 2.º, Carlos Serra, Moç., 37; 3.º, Jorge Moniz, Ang., 45.

100 M. MARC. FEM. — 1.ª Dulce Gouveia, Moç., 1 m. 17,2 s.; 2.º, Graça Guimarães, Ang. 1.17,6; 3.ª, Clotilde Melo, Moç., 1.27.

50 M. COST. FEM. — 1.ª Olímpia Otão, Moç. 37 s.; 2.ª, Filipa Mendonça, Ang., 38; 3.ª, Cristina Ananíades, Moç., 39.

100 M. COST. MASC. — 1.º Botelho Melo, Moç. 1 m. 14,2, s.; 2.º, Carlos Melo, Ang., 1.18; 3.º, Jorge Conceição, Ang. 1.20.

100 M. BR. FEM. — 1.ª, Fernanda Rocha, Ang. 1 m. 33 s.; 3.ª, Dulce Gouveia, Moç., 1.36; 3.ª, Palmira Andrade, Ang. 1.38.

TIRO: André Antunes (P.S.P.) triunfou em quatro das seis provas que contavam para atribuição do troféu «António Montez». Outros vencedores: **Edgar Carlo e Armando Henriques** (ambos do Sporting).

GERAL

A LEI ELEITORAL PASSA AO CONSELHO DE ESTADO

Sob a presidência do Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, reuniu ontem, conforme noticiámos, o Conselho de Ministros.

1. O Conselho terminou a discussão da lei eleitoral estando esta pronta a ser enviada para o Conselho de Estado.

2. Foi aprovada uma proposta do ministro do Equipamento Social e Ambiente no sentido de ser designada uma comissão nacional constituída por representantes daquele Ministério, do Ministério da Educação e Cultura e das Finanças que estudará as prioridades a estabelecer para a defesa do património nacional em material de prevenção contra incêndios e segurança.

3. O Conselho aprovou os seguintes diplomas:

— O que cria na Secretaria de Estado dos Transportes e Comunicações o cargo de subsecretário de Estado dos Transportes.

— O que determina que, no ano corrente, a abertura do ano judicial no Estado de Moçambique tenha lugar no dia 1 de Novembro e revoga o n.º 8 do artigo 28.º do Decreto-Lei n.º 462/74 de 17 de Setembro.

— O que define a orgânica geral do Ministério da Economia e das Secretarias de Estado nele compreendidas.

— O que reestrutura os serviços de administração pública com funções, no sector do comércio externo e cria a Direcção-Geral do Comércio Externo e define a sua competência.

— O que integra na Secretaria de Estado do Comércio Externo e Turismo os serviços com atribuições em matéria de turismo.

— O que autoriza o ministro do Equipamento Social e Ambiente a prorrogar, por portaria, o início do prazo consignado no n.º 1 do artigo 19.º do Decreto-Lei 445/74 de 12 de Setembro último..

— O que autoriza a emissão de uma promissória de 25 mil contos destinada a substituir parte da importância em moeda portuguesa a pagar ao Fundo Monetário Internacional.

— O que determina que nos bairros administrativos criados nos termos da alínea b) do parágrafo 2.º do artigo 1.º do Código Administrativo, que simultaneamente tenham a categoria de vila, possa haver um cartório notarial.

— O que abre créditos especiais no montante de 192.126.568$20.

— O que aprova a orgânica do Ministério das Finanças.

A família exige um

Renault 12

ESPIRAL

Para a família, o Renault 12 é mais do que um carro – é exigência para todos quantos necessitam de um carro seguro, espaçoso, confortável, económico. Cuja condução se torna um prazer.
Exige-se ao Renault 12 tudo quanto ele pode dar. A verdade, é que ele dá tudo quanto a família exige.
Motor de 4 cilindros, 1289 cm3; 4 velocidades sincronizadas; suspensão à frente e atrás por molas helicoidais e barras estabilizadoras; amortecedores hidráulicos de duplo efeito; travões hidráulicos (discos à frente, tambores atrás), com limitadores de pressão sobre o circuito das rodas traseiras.
Travões assistidos nas versões Renault 12 TS e Renault 12 Break.

HÁ SEMPRE UM AGENTE RENAULT PERTO DE SI!

Agente das INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT, SARL
AUTO MONUMENTAL DE CANEÇAS, LDA.
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 13-B/C
ODIVELAS

A maior rede de assistência automóvel em Portugal

RENAULT

PARA QUE O PAÍS VIVA

Continuação da pág. 3

ao nível das instituições, de herança fascista. Estão estabelecidas as bases do saneamento e compete a todos usá-las com justiça, isenção e objectividade, bem separando do interesse nacional, que terá de assentar num humanismo revolucionário de acordo com o nosso temperamento, meras razões pessoais, por justificadas que sejam, de uma atitude vindicativa. Não é vingança que o País terá de tirar dos seus inimigos mas a plena responsabilização dos actos cometidos. Para que viva, para que não volte mais o ódio ao trabalhador, o ódio à cultura, o ódio a liberdade. Para que o País viva, é necessário dinamizar todas as forças produtivas, evitar desperdícios, neutralizar situações injustas de acumulações de ordenados, estabelecer uma consciência de responsabilidade colectiva, ressuscitar vidas latentes ou adormecidas, encadear energias. Para que o País viva, é necessário reconhecer, dar audiência e apoio às forças políticas que o defenderam durante a noite fascista mantendo acordados, perante a indiferença de tantos, os ideais e as consciências; porque elas têm a coragem, a isenção e até os conhecimentos adequados para o reestruturar e fazer progredir.

Mas para que o País viva também é necessário neutralizar tudo que à sua vida se oponha, citando todos para a defesa da democracia, já que uma dura e trágica experiência nos revelou ser ela o único caminho que levará a um futuro digno e civilizado.

Para que o País viva neutralizem-se todos que, vivendo da intriga sórdida e oportunista, se opõem à cultura e esclarecimento do Povo, lacaios dos que, sentados nas poltronas da irresponsabilidade e da invulnerabilidade, o condenaram a uma estagnação cultura de meio século, cientes de que a ignorância é a mais sólida amarra à escravidão, certos de que, se o Povo não souber distinguir os que o servem dos que o exploram, será presa fácil de todos os seus inimigos.

E, se a víbora fascista levantar a cabeça, esmaguemo-la impiedosamente. Para que Portugal viva.

O secretário da Emigração no Canadá

TORONTO, 25 (FP) — O secretário de Estado para a Emigração de Portugal, eng. Pedro Coelho e o capitão Salgueiro Maia visitaram ontem a praça do mercado de Toronto para falar com vários comerciantes portugueses que ali estão instalados e falarem também com os fregueses da mesma nacionalidade.

O secretário de Estado disse estar a tentar conhecer as reacções dos emigrados portuqueses ao Movimento do 25 de Abril: «Desejamos saber o que esperam de nós e como podemos ajudá-los» afirmou.

As duas individualidades portuguesas seguiram para Ottava para se encontrarem com responsáveis da imigração canadiana. Só na cidade de Toronto há cerca de 60 000 portugueses. O eng. Pedro Coelho e o capitão Salgueiro Maia partirão depois para os Estados Unidos onde visitarão Boston, centro de uma importante colónia portuguesa.

Necrologia

D. VIRGÍNIA OLIVEIRA LOPES DA SILVA

Faleceu a sr.ª D. Virgínia Oliveira Lopes da Silva, de 76 anos, natural da Sé, Guarda, viúva. O funeral a cargo da Agência Funerária Miguel de Almeida da Rua Saraiva de Carvalho, 209, Telef. 660288, realiza-se amanhã: dia 26, às 9,30 horas, da Igreja de Fátima, Capela 3, onde às 9 horas será celebrada missa de corpo presente, para o cemitério de Benfica.

televisão

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período	1.º Programa 1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos animados «Bozo e Klow» **13.00** A Lei e o povo **13.15** O Mundo secreto de John Monroe **13.45** Telejornal — 1.ª edição **14.00** Fronteiras do amanhã **14.15** Logo à noite **24.20** Fecho.	**12.45** Abertura e Desenhos animados «Pica-Pau» **13.00** Encontro **13.15** Dick Van Dyke **13.45** Telejornal — 1.ª edição **14.00** Da saúde e da vida **14.15** Logo à noite **14.25** Fecho.
2.º Período **19.30** Minijornal **19.35** TV Infantil **20.00** Vamos jogar no Totobola **20.15** Perspectiva **21.00** Telejornal — 2.ª edição **21.30** As Grandes batalhas - A Batalha de Stellinegrado **22.15** Ventos de Fortuna **23.15** O Teatro e as máscaras **23.30** Telejornal — 3.ª edição **23.45** Fecho.	**2.º Período** **17.30** Concurso Internacional de Lisboa Hipismo **19.30** Minijornal **19.35** TV Infantil **19.45** Sonhos e armas **20.30** TV Palco **21.00** Telejornal — 2.ª edição **21.30** Noite de Teatro «Alves e C.ª» **23.35** Telejornal — 3.ª edição **23.50** Fecho.
2.º Programa **20.00** Abertura e Desenhos animados **20.15** O Mundo Secreto de John Monroe **20.40** A Lei e o povo **21.00** Encontro com o Mundo-Nepal **21.45** Arsène Lupin **22.35** Telejornal **23.10** Fecho.	**2.º Programa** **20.00** Abertura e desenhos animados **20.15** Dick Van Dyck **20.40** Encontro **21.00** Os Clássicos do cinema **22.00** Final do concurso internacional de piano Tchaikovski. **22.30** Telejornal **23.00** Fecho

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado na faixa costeira ocidental e pouco nublado ou limpo nas restantes regiões. O vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11º
P. DOURADAS	
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	16º
FARO	
FUNCHAL	

TEMPERATURAS EXTREMAS

MÁXIMA
Tavira 20,2º

MÍNIMA
Pedras Salgadas 7º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 15,1º
Atmosfera 17,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.56	3,2 m	5.17	2,0 m
		18.12	1,8 m
Dia 26			
0.40	3,1 m	6.27	1,8 m
12.58	3,4 m	19.04	1,6 m
Dia 27			
1.31	3,3 m	7.14	1,6 m
13.46	3,6 m	19.41	1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado ou encoberto nas regiões a norte do Tejo; possibilidade de chuva fraca a partir da noite na zona costeira a norte do Cabo Carvoeiro; vento fraco a moderado de Noroeste.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

AMANHÃ

NASCER AS 7.27
OCASO AS 18.29

DIA 1	DIA 8	DIA 15	DIA 23

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário — música variada
16.05 Economia — música variada
16.45 Sindicalismo
17.00 Música variada
17.20 Formação política — música variada
18.00 Rádio estudantil
19.05 Programa infantil — música variada
20.00 Jornal da noite
21.15 Miniteatro.
21.30 Música variada
23.00 De um dia para o outro
23.30 Terceiro cinema por António Faria — de um dia para o outro
00.00 (entrada do MF 1 de Lisboa — Sinal horário

2.º Programa
15.20 Música de câmara
15.30 Fantasia em Fá sustenido menor, para piano (Richard Wagner), por Martin Galling
16.00 Intercâmbio musical — festival internacional de Bergen 1974 (em gravações cedidas pela Rádiodifusão Norueguesa)
17.05 Concerto em Mi Bemol Maior, para Oboé e orquestra
17.25 Serenata op. 48, em Dó Maior (Peter Tshaikowsky)
18.00 Uma obra de Mozart
19.00 Cantata N.º 4, do «3.º livro de cantatas francesas» (Bernier)
19.20 Música sinfónica
19.50 Solos de orgão
20.00 Jornal da noite
21.15 Partita N.º 3, em Lá Menor (Bach)
21.30 A oratória Ellias. Op. 70
23.40 Música sinfónica
00.05 Música de câmara
00.20 Sinfonia em Ré Menor (Cesar Franck)
01.00 Fecho.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF
21.15 Música ligeira variada
22.00 Música sinfónica
22.25 Obras de Joseph Haydn
23.05 Obras para violino e piano, de Nikolai Rimsky-Korsakoff e Franz Von Vecsey
23.15 Abertura trágica, Op. 81 (Johannes Brahms) Orq. Sinfónica Columbia dir. por Bruno Walter
23.30 Peças para órgão (Manuel Rodrigues Coelho
00.05 Uma obra de Gershwin
00.25 Música de câmara
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda Média
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa Movimento
20.40 Programa Movimento — Rádio teatro
21.03 Rádio «placard»
21.32 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Varatojo conta-lhe...
23.30 No Mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã.

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA
16.00 Noticiário
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita-1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gó-Gó
00.02 Em órbita dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.22 Palavra do dia — no final terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Selector
21.30 Livros e leituras
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
Das 06.00 às 10.00 e das 17.00 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 11.00 às 14.30

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 14.30 às 17.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 22.00 às 02.00

ROGÉRIO PINTO, LDA.

QUEM É?

Uma pequena empresa devidamente estruturada que é Agente Exclusivo da

PREMOLDE

no Distrito de Lisboa e que no corrente ano já forneceu Betão Pré-Esforçado e Produtos Cerâmicos para 800 Obras.

ESCRITÓRIO :

Rua Prof. Joaquim Fontes, 16 - B - 1.º
Tel. 2941721 — AGUALVA — CACÉM

REFORMADO

Para serviços externos de escritório. Idade 50/60 anos. Os interessados podem dirigir-se à Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 97-r/c.-Esq.º das 9,30 às 12 ou das 15 às 18 horas.

VENDE-SE
LANCIA
2.000
C/ NOVO
Av. Defensores de Chaves, 87-C — Telef. 761991

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J 1
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCÂNTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Telef. 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Telef. 886126)
ALVALADE
Líbia, Av. da Igreja, 4-B (Telef. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Telef. 710621)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-B (Telef. 681515)
ARCO DO CEGO
Previdência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Telef. 770324)
AREEIRO
Lusitana, Av. de Roma 18-A (telef. 725443); **Paes**, Rua Abade Faria, 22-A (Telef. 723965)
ARROIOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Telef. 49479)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 - Telef. 310172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Telef. 703697); **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Telef. 780841)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Telef. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef. 683438)
CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (Telef. 661330)
ESTEFÂNIA
Délio, Rua Açores, 32 (Telef. 52388)
ESTRELA
Linaida, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 660955)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Telef. 610280)
PENHA DE FRANÇA
Europa, Av. General Roçadas, 27-A (Telef. 843880); **Higiénica**, Rua Heodoro Salgado, 20-A (Telef. 844361)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berne, Avenida de Berna, 44-A (Telef. 773568); **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (Telef. 48966-553601)

TURNO J 2
(TODA A NOITE)

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Telef. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Telef. 634721)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, (a Praça Paiva Couceiro), 7-A (Telef. 843571)
ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Telef. 821773)
AREEIRO
Marbel, Av. de Roma 131-A (Telef. 776235); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 710331)
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176 (Telef. 362687)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zénel, Rua A, 182 (Telef. 651840)
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Telef. 321342-325553)
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Telef. 782606)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514 (Telef. 687949)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117. (Telef. 553308)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Telef. 869831)
ESTRELA
Neves, Rua da Bela Vista, 35 (Telef. 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 33-A (Telef. 791131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo (Telef. 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina), (Telef. 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos), (Telef. 832580)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Telef. 720703-728395)
S. BENTO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Telef. 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sá da Bandeira, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (Telef. 41961-54672)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I-lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, lote 1-B (Telef. 2940781)
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Telef. 2950155)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-A (Telef. 2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telef. 2767356)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (Telef. 229471)
SETÚBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (Telef. 22248); **Saião**, Av. Portela (Telef. 22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

8.º TURNO

SUB TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos, Ld.ª**, Pr. de Carlos Alberto, 31; **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286; **Porto**, Rua Padre Cruz, 146.

SUB TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 66-A; **Moreno, Ld.ª**, Largo de S. Domingos, 44; **Sanil**, Rua do Paraíso, 214; **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Telef. 26046); **Santa Cruz**, Rua das Padeiras, 94 (Telef. 23569); **Higiéne**, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Telef. 22634)

cinemas • cinemas • cinemas

ALVALADE (Telef. 717480)
15.30 - 18.30 e 21.45
Colorido — 7.ª Semana. Para todos Waltdisney apresenta «PATO DONALD E C.ª» A grande parada das férias.

AVIZ (T. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos - 9.ª Semana!
O novo Trinita O MEU NOME É NINGUEM com Terence Hill e Henry Fonda

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
4.ª Semana! Technicolor. Não aconselhável a menores de 18 anos. Um filme que as mulheres devem ver «DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA MULHER»

CASINO ESTORIL (Tel. 26452-234946)
17.00 - 21.30 Technicolor
Grupo D (18 anos)
CRUEL VINGADOR com Ching Li e Chen Kuantai

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30-18.30 e 21.45
Colorido! 2.ª Semana! Não aconselhável a menores de 13 anos «OS DIFÍCEIS VINTE ANOS» com Ottávia Piccolo, Rodolfo Baldini e Sylvia Koscina.

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30 - 21.30
Grupo C - 14 anos
«ESPADA RELÂMPAGO» com Chang Yi e Shih Chuu.

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 18.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
2.ª Semana! 70 m/m
A alvorada da liberdade! O DIA MAIS LONGO 42 grandes artistas. O começo do fim da grande noite nazi

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 e 2 .45
Colorido (Grupo C - 14 anos)
«OS REBELDES» com Mylene Demonget e Daniel Pilon.

ESTÚDIO (Tel. 555135)
15.30-18.30 e 21.45
8.ª Semana!
Interdito a menores de 18 anos
Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol «LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA), um filme de Marco Ferreri.
Este filme contem cenas eventualmente chocantes
Direcção dos Serviços de Espectáculos
Metro: Alameda

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30-16.45-19.00 e 21.45
2.ª Semana! Não aconselhável a menores de 18 anos. Insolente, contestatário, irresistível! «A NOIVA DO PIRATA» de Nelly Kaplan. Música de Georges Moustaki.
Hoje às 24.00 Acção à meia-noite
Grupo D (18 anos) VIOLÊNCIA 5.º PODER de Florestano Vancini

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Eastmancolor. 8.ª Semana! Um novo Truffaut «UMA BELA RAPARIGA»

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30 Color
Não aconselhável a menores de 18 anos. RAFAEL, O LIBERTINO com Françoise Fabian e Maurice Ronet

IMPÉRIO (Tel. 555 34)
15.15 - 18.30 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
«A VIDA ALEGRE DE COLINOT» com Natalie Delon e Brigitte Bardot.
Hoje 18.30 — Sessão Clássica
«UMA NOITE COM O BALLET REAL» com Margot Fonteyn e Rudolph Nureyen
Grupo A - 6 anos
6.ª-Feira às 18.30 Os Bons Velhos Tempos. Baseado na obra de Tennesse Williams BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO com Elisabeth Taylor e Katherine Hepburn
Grupo D (18 anos)

LONDRES (T. 801313)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos «MASH». É o nome da nova liberdade! com Donald Sutherland, Sally Kellerman. Palma de ouro Grande Prémio do Festival Internacional Cannes 1970.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Não aconselhavel a menores de 13 anos
6.ª Semana! Colorido
A MULHER DO PADRE, com Sophia Loren e Marcello Mastroianni
tarde infantil
18.15 «AS AVENTURAS DE ALICE» com Fiona Fullerton e Hywel Bennett colorido (Grupo A - 6 anos)

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semana de êxito!
Nanette Newman na comédia PÍLULA OU NÃO... EIS A QUESTÃO

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo A (6 anos) 2.ª Semana! Uma lição sexual para os jovens na idade de amar ADEUS, CEGONHA, ADEUS uma maravilha de Summers. Agora já os pais não podem esconder aos filhos a verdade de como nascem

OXFORD (Cascais)
16.00 - 21.45
Colorido Grupo D (18 anos)
Barbra Streisand e Robert Redford em O NOSSO AMOR DE ONTEM

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
4.ª Semana! Colorido
Os desejos eróticos da mulher... MULHERES ACORRENTADAS

FOLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
9.ª Semana da divertida audácia em «sensualidade»
EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA com Lando Buzzanca num super-macho. Que tinha ele a mais para ser desejado pelas mulheres?
Sexta-feira às 00.30 ciclo Terror à Meia-Noite Grupo D (18 anos)
A MANSÃO DO PODER OCULTO

RESTELO (Tel. 610375)
21.30 Grupo A (6 anos)
Uma comédia alucinante com Les Charlots OS MALUCOS DO ESTÁDIO

ROYAL (Tel. 875037)
15.00 - 21.00 Grupo B (10 anos)
O DELICADINHO NA MARINHA. Em complemento TARZAN E OS PIRATAS

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45 Color
Não aconselhável a menores de 18 anos)
RAFAEL, O LIBERTINO com Françoise Fabian e Maurice Ronet

ROXI (Tel. 48560)
Hoje estreia às 21.45 Panavision Technicolor Grupo D (18 anos)
Versão integral AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON com Michele Mercier, Nadja Tiller e John Mills
Hoje às 14.15 - 16.30 - 18.45 últimas exibições do filme A COLECIONADORA de Eric Rohmer

S. JORGE (T. 54154/54153)
15.15, 18.15 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
7.ª Semana!
O ULTIMO TANGO EM PARIS
Aviso ao público: este filme contem cenas eventualmente chocantes
Direcção dos Serviços de Espectáculos

SATELITE (T. 56 26 32)
15.30, 18.30 e 21.45
8.ª Semana!
Interdito a menores de 18 anos
Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol «LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA), um filme de Marco Ferreri.
Este filme contem cenas eventualmente chocantes.
Direcção dos Serviços dos Espectáculos

TIVOLI (Tel. 570595)
15.15 - 18.30 - 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos AMIGOS (FRIENDS). Um filme de Lewis Gilbert, música de Elton John
A que pode levar a amizade entre dois adolescentes

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
18.ª Semana de êxito!
Interdito a menores de 18 anos «MALÍCIA» um amor de mulher... e de fita

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O entruso volta a atacar»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CAPITOLIO
21.45 (13 anos)
«Isso não se faz a tia»
TEATRO DESMONTÁVEL DO MARTIM MONIZ
20.45 e 23 (18 anos)
«Pides na grelha»
MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«A traição do padre Martinho»
VILLARET
21.45 (13 anos)
«Liberdade, Liberdade»
MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O último fado em Lisboa»
VASCO SANTANA
21.45 (13 anos)
«Lisboa-72»
COLISEU
21.30 (6 anos)
1.º Orquestra Popular da Rádio e Televisão de Moscovo»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (13 anos)
«O Homem da meia-noite»
PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«A Queda do Império Romano»
OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«ZAPATA»
JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«Continental Circus»
MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Serpente com pele de mulher»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (14 anos)
«Os Heróis»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Perdido por Cem...»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Os Malucos do Estádio»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«Crime de Amor»
ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos)
«Cruel Vingador»
Palácio
21.30 (18 anos)
«Ferro em Brasa»
Esplanada
21.30 (14 anos)
«As Aventuras de Tom Sawyer»
CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Primeira Noite»
CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.45 (18 anos)
«O nosso amor de ontem»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (18 anos)
«O Espantalho»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Vingança de Um Homem Calmo»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Um Raio de Sol Na Água Fria»

PORTO/Cinemas

TERÇO
21.30 (18 anos)
«007 Vive e deixa morrer»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Último Tango em Paris»
OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Kit o vingador»
CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Bene e Charlie e Dossier Interpol»
JÚLIO DINIS
21.30 (10 anos)
«Os Malucos em Espanha»
AGUIA DE OURO
20.00 (10 anos)
A nova viagem de Simbad»
ESTÚDIO
21.30 (13 anos)
«Dr. Estranho Amor»
S. JOAO
21.30 (6 anos)
«Pato Donald e C.ª»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»
BATALHA
21.30 (10 anos)
«Os Malucos em Espanha»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Helena a grega»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Belle de Jour»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Venha Tomar Café Connosco»
COLISEU
21.30 (10 anos)
«O delicadinho na Marinha»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«A Pai Adão»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (10 anos)
«Play Time»
TIVOLI
21.30 (6 anos)
«Don Quixote do Oeste»
AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Desculpe, você conhece o sexto?»

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Perspectiva-74 e gravuras (das 4 as 20 h).

BLOCO (CASCAIS) — Colectiva (das 6 às 20 h).

ESCOLA PRIMARIA DA DAMAIA — Colectiva de pintura e tapeçaria (das 21 às 23 h).

CASINO ESTORIL — Pinturas de Vamona Navelcar (das 15 às 3 h).

FOTO CLUBE 6X6 — Trabalhos de Alfredo Cunha (3.as e 6.as-feiras, das 21.30 às 24h.)

GAL RIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Bárbara Guerreiro (das 15 às 19 e das 21 às 24 h).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernardette Stern serigrafias de Acácio Assunção e António Brito Caiola (das 5 às 20 h).

BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.
a actuar ELDRA
artista brasileira

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos T. 229189.

CASINO ESTORIL — Jogo auto. 24-10 Variedades internacionais T. 26461/264526/264596/264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

TAMILA — Marão e s/ conjunto. Matinées - todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

FIM DA GREVE EM VIEIRA DE LEIRIA

Continuação da pág. 1

que necessita de efectuar despedimentos, terá de ser autorizada pela Comissão de Apoio às P.M.E. no caso de esta ainda se encontrar a trabalhar na empresa;

g) — Os trabalhadores aceitam retomar imediatamente o trabalho, o que terá efeitos a partir do dia 26 do corrente mês, comprometendo-se a diligenciar no sentido da mais rápida recuperação funcional da empresa.»

. Para além das muitas provas de solidariedade de trabalhadores de outros pontos do País, que fizeram chegar este ano a Vieira de Leiria contribuições em dinheiro, a população dependente da fábrica de limas houve que recorrer ao comércio local na consabida modalidade de «fiados». Calcula-se, entretanto, a dificuldade que esse pequeno comércio teve para aguentar o embate lateral do «lock-out» e depois da greve. Eis o que explica uma cláusula também acordada ontem entre os trabalhadores e a Administração, mediante a qual esta se compromete a fazer-lhes adiantamentos, em especial aos que se encontram em situação mais precária.

O acordo determinou ainda que o tempo de paralisação não terá quaisquer efeitos legais para desconto de faltas. Pelo seu lado os trabalhadores comprometeram-se a dar o máximo rendimento com vista a uma maior produtividade da fábrica e anularam — como atrás se referiu — a decisão de vender o «stock» de limas com que contavam para prover à sua subsistência e das famílias, se a greve se prolongasse.

DESPEDIMENTOS NA TAP

. Segundo um comunicado distribuido esta manhã nas ruas de Lisboa e atribuido aos trabalhadores da TAP, à meia-noite de ontem foram despedidos 200 trabalhadores da Manutenção, os que completavam o turno terminado àquela hora, no hangar 6.

Aos trabalhadores teria sido pedido o cartão de identificação da companhia, que foi apreendido, recebendo os trabalhadores uma notificação militar escrita em que lhes era participado estarem despedidos ao abrigo do Código de Disciplina Militar, com efeito a partir do dia 25: o documento era assinado pelo tenente-coronel Mancilha, que comanda o destacamento militar TAP.

Segundo as últimas informações, esta manhã teriam sido despedidos mais cem.

Entretanto, esta manhã, os voos da TAP processavam-se normalmente, segundo informações colhidas no Aeroporto de Lisboa.

CORRIDA DE TOUROS À PORTUGUESA
A FAVOR DA LIGA DOS COMBATENTES
A que se digna assistir o Senhor PRESIDENTE DA REPÚBLICA

CAVALEIROS
MANUEL CONDE
MALD. CORTES
MIGUEL DA VEIGA
GUSTAVO ZENKL
FRED. CUNHA
JOSÉ JOÃO ZOIO
EMÍDIO PINTO

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
capitaneados por Nuno Salvação Barreto
FORCADOS AMADORES DE ALCOCHETE
capitaneados por João Mimo
7 — TOIROS — 7
DE HERDEIROS DE CONDE CABRAL

Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
Amanhã, às 21,45 horas

ANGOLA

O Movimento Democrático não participa nas conversações em Lisboa

. LUANDA, 25 — (ANI) — A Secretaria de Estado da Comunicação Social, ao confirmar o convite a várias entidades angolanas para se deslocarem a Lisboa, salientou num comunicado que o convite partiu da Presidência da República.

Confirmou também que a reunião, a que preside o general Spínola decorre nos dias 26 e 27.

Além dos jornalistas Ruy Correia de Freitas e João Fernandes, directores do matutino «A Província de Angola» e do semanário «Notícias», também foi convidado o dr. António Joaquim Ferronha, secretário-geral do Partido Cristão Democrático de Angola.

Afirma-se ainda terem sido convidados o presidente da Liga Nacional Africana, bem como o escritor angolano Domingos Vanduenem.

Não consta que entre os convidados figure alguém ligado ao Movimento Democrático de Angola, nem à Frente Socialista de Angola, organizações que convocaram ontem, à noite, uma reunião dos respectivos directórios, a fim de manifestarem a sua estranheza.

A O. U. A. NÃO RECONHECE A UNITA

ABIDJAN, 25 — (F. P.) — A Organização de Unidade Africana (O. U. A.) continua a estar disposta a servir de intermediário, a fim de animar e organizar a cooperação africana a favor da Guiné-Bissau, declarou em Abidjan, William Eteki Mbumua, secretário-geral da organização.

A propósito de Angola, indicou que este país deve ser libertado, «o mais depressa possível sendo necessário, para isso, que os movimentos de libertação se unam numa frente comum. Recordou que, contrariamente a F. N. L. A. e ao M. P. L. A. a UNITA não foi reconhecida pela O. U. A., mas que «é preciso ter este movimento em linha de conta».

Por outro lado, o secretário-geral da O. U. A., evocou o problema do Saara espanhol, afirmando que a organização dum referendo neste país «sob a orientação de Espanha» poderia contribuir para «cristalizar um neocolonialismo perigoso».

A Frelimo entrou na Beira

. BEIRA, 25 — (F.P.) — Oitocentos soldados da Frelimo desfilam hoje nas ruas da Beira, a segunda cidade de Moçambique, assinalando o 10.º aniversário do início da luta de libertação.

A Beira, é entre as cidades moçambicanas a única que não foi ainda ocupada por elementos da Frelimo. Há mais de um mês, porém que importantes efectivos dos guerrilheiros se encontram acampados nos subúrbios.

VISTOS SUSPENSOS

LOURENÇO MARQUES, 25 — (F.P.) — O consulado-geral da África do Sul em Moçambique anunciou na terça-feira, que até nova ordem, não voltaria a passar vistos aos portugueses que nos últimos dias, têm manifestado o desejo de deixar Moçambique. A partir de agora, só as pessoas que tenham um bilhete de volta poderão obter um visto sul-africano.

Esta decisão provocou vivas reacções e até algumas cenas de desespero entre centenas de pessoas que se aglomeravam no edifício do consulado desde as primeiras horas da manhã.

Não foi dada qualquer explicação para esta medida. Segundo várias estimativas, partiram para a África do Sul cerca 15 000 portugueses depois de 7 de Setembro, data em que foi definitivamente abafado o golpe dos activistas reaccionários de Lourenço Marques.

COMÍCIOS PROIBIDOS

CIDADE DO CABO, 25 — O Governo sul-africano proibiu ontem os comícios promovidos por grupos africanos destinados a assinalar o 10.º aniversário que hoje passa do início da campanha nacionalista africana para a independência da vizinha Moçambique.

A Organização de Estudantes da África do Sul (SASO) e a Convenção do Povo Negro (BPC) haviam anunciado comícios na Cidade do Cabo, em Joanesburgo, Durban e Port Elizabeth nos quais discursariam hoje dirigentes do movimento nacionalista de Moçambique, Frelimo, que as organizações afirmam terem introduzido na República da África do Sul.

O ministro da Justiça James Kruger, anunciou ontem que reuniões organizadas pelas duas associações não-brancas em qualquer parte da República seriam proibidas a partir de hoje e até ao dia 20 de Outubro.

SE PROVAR
CASTELÕES
SÓ PEDIRÁ
CASTELÕES
Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

PRIMEIRO-MINISTRO

. O brigadeiro Vasco Gonçalves, Primeiro-Ministro do Governo Provisório, reuniu-se esta manhã com representantes dos partidos políticos representados no seu Gabinete ministerial. Trata-se de mais um encontro rotineiro para debate e esclarecimento sobre a situação no País e dentro do esquema adoptado pelo brigadeiro Vasco Gonçalves de ter contactos frequentes com órgãos significativos da organização política.

Da parte da tarde, começou mais uma reunião do Conselho de Ministros (restrito) para os assuntos económicos e sociais.

PORTUGAL E UNIÃO INDIANA

Relações diplomáticas e acordo cultural

. Portugal e a União Indiana concordaram em que deverão ser tomadas medidas para o restabelcimento de relações diplomáticas e consulares e para a realização de contactos no campo cultural entre os dois países, segundo um comunicado do Ministério dos Negócios Estrangeiros em que se dá conta do encontro ontem havido em Nova Iorque entre os ministros Mário Soares, por Portugal, e Sardar Swaran Singh, pela União Indiana.

Para a concretização deste reatar de relações interrompidas há /13 anos, quando da anexação dos territórios da Goa, Damão e Diu, o Governo português declarou-se pronto a reconhecer a **plena soberania da Índia nos antigos territórios portugueses.** Portugal e a União Indiana concordaram, também, numa cooperação mútua para a divulgação da língua e cultura portuguesas e para a preservação dos monumentos historico-religiosos em Goa, Damão, Diu, Dadra e Nagar Aveli.

Os dois ministros dos Negócios Estrangeiros concordaram em realizar um encontro num futuro imediato a fim de aplicar o acordo relativo ao restabelcimento das relações diplomáticas e a fim de concluir um acordo cultural.

NOTAS VÁRIAS

PLANO DIRECTOR DO PORTO

O secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, arquitecto Nuno Portas, esteve ontem no Porto, onde se reuniu em sessão de trabalho com os técnicos encarregados do Plano Director da região. Assistiram à reunião várias individualidades e técnicos ligados aos problemas de urbanização. Foram apresentados os mais instantes problemas, entre os quais os que se relacionam com o estudo sobre zonas para expropriações sistemáticas e vários projectos, alguns dos quais dizem respeito às futuras ligações da ponte da Arrábida com a vila de Gaia.

«STREAKING» À PORTA DE UMA IGREJA

«Quem não quiser ver que volte a cara». Estas palavras são de um jovem que se lembrou de se despir, ficando nu da cintura para baixo, à porta da igreja de S. Julião, na Praça do Bocage, em Setúbal. Avisada, a Polícia apareceu e levou o rapaz para a esquadra, onde foi identificado. O «streaker» é de Lisboa, chama-se Manuel Fernando Albuquerque Martins, tem 17 anos, e é servente de profissão.

IMPREVIDÊNCIA MATA UMA CRIANÇA

Diversas vezes temos noticiado nestas linhas casos de crianças atingidas mortalmente por armas de fogo, devido à imprevidência dos adultos. Infelizmente, mais uma vez um caso destes aconteceu no lugar de Covão do Lobo, Cantanhede. Quando brincava em casa de um vizinho, com mais duas crianças, o pequeno Ernesto Barbosa, de três anos, inadvertidamente puxou o gatilho de uma arma caçadeira, que ali se encontrava, e que o proprietário da casa, João Marques Soares, tinha deixado carregada. A criança teve morte imediata.

CARROÇA SEM LUZ CAUSA UM MORTO

Uma carroça que circulava ao princípio da noite nas proximidades de Coruche, sem qualquer luz a assinalar a sua presença, foi colidida por um automóvel conduzido por Joaquim António Lúcio, de Montemor-o-Novo. O condutor da carroça, Hugo Neves, de 69 anos, casado, de Ponte da Barca e residente em Rebocho, teve morte imediata. O automobilista saiu ileso do acidente.

Morto na estrada de Sintra

. Em consequência de um acidente de viação, ocorrido junto aos Cabos de Ávila, na estrada de Sintra, teve morte imediata Teodora da Cunha Alves, de 17 anos, residente na Rua Pedro del Negro, na Amadora. O veículo era conduzido por Josë Luis dos Santos Vieira, de 20 anos, também residente na Amadora, que nada sofreu.